

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A “HISTÓRIA DE SERGIPE” DE ACRÍSIO TÔRRES  
ARAÚJO: AS REPRESENTAÇÕES VINCULADAS EM UMA  
OBRA SINGULAR**

**Autor: Augusto Almeida de Oliveira Filho**

**Orientador: Prof. Dr. Miguel André Berger, D. Sc.**

**ARACAJU, SE - BRASIL  
FEVEREIRO de 2013**

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A “HISTÓRIA DE SERGIPE” DE ACRÍSIO TÔRRES  
ARAÚJO: AS REPRESENTAÇÕES VINCULADAS EM UMA  
OBRA SINGULAR**

**Dissertação de Mestrado submetida à banca  
examinadora como parte dos requisitos  
para a obtenção do título de Mestre em  
Educação, no Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Universidade Tiradentes,  
sob a orientação do Professor Dr. Miguel  
André Berger.**

**AUGUSTO ALMEIDA DE OLIVEIRA FILHO**

**ARACAJU, SE - BRASIL  
FEVEREIRO de 2013**

**A “HISTÓRIA DE SERGIPE” DE ACRÍSIO TÔRRES ARAÚJO: AS  
REPRESENTAÇÕES VINCULADAS EM UMA OBRA SINGULAR**

**AUGUSTO ALMEIDA DE OLIVEIRA FILHO**

**Dissertação submetida ao programa de pós-  
graduação em educação da universidade  
tiradentes como parte dos requisitos  
necessários para a obtenção do grau de  
mestre em educação**

**Defendida em 01 de fevereiro de 2013.**

**BANCA EXAMINADORA:**

**PROF. DR. MIGUEL ANDRÉ BERGER (ORIENTADOR)**

---

**UNIVERSIDADE TIRADENTES**

**PROF. DR. ITAMAR FREITAS DE OLIVEIRA (MEMBRO EXTERNO)**

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> RAYLANE N. NAVARRO (MEMBRO INTERNO)**

---

**UNIVERSIDADE TIRADENTES**

**ARACAJU, SE - BRASIL  
FEVEREIRO de 2013**

---

O48h

Oliveira Filho, Augusto Almeida de

A história de Sergipe de Acrísio Torres Araújo: as representações vinculadas em uma obra singular / Augusto Almeida de Oliveira Filho; orientação [de] Dr. Prof. Miguel André Berger – Aracaju: UNIT, 2014.

124 il.: 23cm

Inclui bibliografia.

1. Gênese do livro de história – Sergipe. 2. História do perfil e vida de Acrísio Torres. 3. Trajetória da didática aplicada - Acrísio Torres. I. Universidade Tiradentes. II. Título.

CDU:

37.046.14(091)

---

## AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho contei com o apoio de muitas pessoas. Gostaria de agradecer, em especial, ao professor Dr. Miguel André Berger, por aceitar orientar o trabalho e o mestrando. Grato pelas leituras e direções sugeridas.

A toda a Banca da seleção do Mestrado para o ano de 2012, aos professores doutores Ada Augusta e Ronaldo Linhares. Agradeço a todos que se fazem presentes neste texto, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, pelas leituras e orientações na disciplina isolada, incentivando leituras; ao professor Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, por acreditar na minha vontade de estudar desde 1989, e por sugerir minha matrícula na disciplina da professora Anamaria.

À Sônia Meire, pela amizade e carinho.

Aos professores que ministraram disciplinas obrigatórias e optativas e possibilitaram pensar a minha pesquisa e objeto, pelos debates e enriquecimento que proporcionaram para o meu crescimento humano em todos os aspectos. Em especial, à companhia das Professoras Dras. Giovana Scarelli e Raylane Navarro, cada uma com suas especificidades contribuiu na disciplina Seminário de Pesquisa, com o aprendizado e, de certa forma, estão presentes no trabalho. Através das sugestões assinaladas para a pesquisa, este objeto de estudo pôde ser melhor “desvelado”.

Gratidão ao professor Dr. Itamar Freitas, pelo apoio recebido em 2008, pelas sugestões recebidas, que também estão presentes ao longo deste trabalho.

A todos aqueles dos arquivos, bibliotecas, Escola Normal e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe que, de uma ou de outra forma, contribuíram com este trabalho.

A todas as ex-alunas que permitiram a este intruso, desfrutar das lembranças guardadas em suas memórias, fazendo dos momentos das entrevistas instantes de muito prazer.

Agradeço, ainda, a Vera Maria dos Santos pelo seu texto, escrito com esmero e sabedoria. A leitura do mesmo despertou em mim a curiosidade pelo livro de História, nascendo assim meu objeto de estudo. Tenho gratidão também pelas inúmeras vezes em que ela foi solícita aos meus pedidos; ao professor Acrísio Tôrres pelas cartas, livros, artigos oferecidos e atenção dispensada em nossas conversas sem as quais parte deste trabalho não seria possível; agradeço aos meus alunos pela paciência tida durante minhas ausências e também porque não fossem eles, não teria encontrado o livro ou mesmo o interesse em

folheá-lo, com o objetivo de melhorar as aulas de História de Sergipe, ministradas na Unidade de Ensino Descentralizada de Lagarto / CEFET-SE.

Agradeço aos meus familiares pelo incentivo, em especial à Sônia Virgínia, pelo tempo gasto nas leituras.

Aos colegas do mestrado que, neste ano, alguns se fizeram amigos.

À minha esposa Ivanilde, pela paciência em todos os sentidos, e pelo amor dedicado neste processo de pesquisa e estudo; pelos “não” que recebeu com paciência durante todo este processo.

Por fim, agradeço a Deus que me deu a vida e a vontade de ser coerente em tudo o que faço, inclusive no desenvolvimento deste trabalho, possibilitando o discernimento compreendido no ouvir, no falar através das pessoas, nas experiências que possibilitaram neste processo, tornar-me uma pessoa melhor e caminhar para concluir este trabalho, iniciado em 2006.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I – A GÊNESE DO LIVRO DE HISTÓRIA DE SERGIPE (1966-1970) ...</b>	24
1.1 SISTEMATIZAR PARA CONHECER: O LIVRO DE HISTÓRIA E O CONTEXTO DA ESCRITA.....	24
1.2 LIVRO DE ACRÍSIO - A HISTÓRIA DE SERGIPE.....	29
<b>CAPÍTULO II - “QUEM TEVE O DISPARATE DE ESCREVER...”</b> .....	58
2.1 IMPRESSÕES E REPRESENTAÇÕES: PERFIL DE ACRÍSIO TÔRRES ARAÚJO....	58
2.2 REPRESENTAÇÃO E IMAGENS SOBRE A OBRA E SEU AUTOR EM JORNAIS E TEXTOS DE SEUS PREFACIADORES.....	61
2.3 MÉMORIAS E REPRESENTAÇÕES DAS EX-ALUNAS SOBRE O LIVRO E O PROFESSOR NA ESCOLA NORMAL.....	70
<b>CAPÍTULO III - AS REPRESENTAÇÕES DE HISTÓRIA NO LIVRO DE ACRÍSIO TÔRRES: O QUE O LIVRO DIZ?</b> .....	81
3.1. A IDEIA DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES VINCULADAS AOS CONTEÚDOS ENSINADOS.....	81
3.2. REPRESENTAÇÕES CONTIDAS NA FASE COLONIAL.....	90
3.3. A FASE IMPERIAL E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	94
3.4 OS SENTIDOS E OS MODOS PRESENTES NA HISTÓRIA DO PERÍODO REPUBLICANO.....	97
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
<b>ANEXOS</b> .....	114
Anexo A – Foto do Instituto de Educação Rui Barbosa.....	115
Anexo B- Folha de comparecimento do Professor Acrísio Tôrres e o conteúdo de História de Sergipe. Diário da Turma 2º D, Tarde, 1971.....	116
Anexo C- Capa do Diário de Classe da Disciplina História de Sergipe, ministrada pelo professor Acrísio Tôrres Araújo, em 1971.....	117
Anexo D- Fotos de ex-alunas do ano de 1971.....	118
Anexo E- Capas de livros que foram editados quando Araújo já não se encontrava em Aracaju.....	119
Anexo F- Capas de livros que circularam em outras capitais no mesmo período em que circularam as obras do autor.....	120
Anexo G- Páginas retiradas do livro História de Sergipe para a terceira série primária. ....	121

## LISTA DE QUADROS

QUADRO1- Livros Didáticos produzidos por Acrísio Tôrres Araújo na Década de 1960.....	34
QUADRO 2- Livros Didáticos produzidos por Acrísio Tôrres Araújo na Década de 1970.....	37
QUADRO 3- Obras de Caráter Histórico, produzidas por Acrísio Tôrres Araújo, nas Décadas de 1970 a 1990.....	44
QUADRO 4- Obras de Caráter Diverso produzidas por Acrísio Tôrres Araújo de 1974 a 1999.....	45
QUADRO 5- Edição da História de Sergipe para a Terceira Série Primária .....	56
QUADRO 6- 1ª Edição do Livro História de Sergipe para o Curso Normal, de Acrísio Tôrres de Araújo (1970).....	82
QUADRO 7- Representações Históricas do Período Imperial.....	94
QUADRO 8- Das Introduções às Quatro Partes Dedicadas ao Período Republicano .....	98
QUADRO 9- Fatos Históricos Considerados pelo Autor como Motor da História: Atos Político-administrativos, Sujeitos Substantivos.....	100



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Foto do professor Acrísio Tôrres .....	59
FIGURA 2 - Foto da capa do Livro História de Sergipe .....	83

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o livro didático de História de Sergipe para o curso normal, produzido no ano de 1970, pela Livraria Regina. Para entender o processo desta produção, procurou-se traçar o perfil do seu idealizador, o professor e escritor Acrísio Tôres Araújo. Para tanto, recolheu-se, em jornais e em outros textos, representações a respeito do autor e de sua obra. Além dessas fontes impressas, com o objetivo de entender como ocorreu o uso desse livro, foram coletadas as impressões de ex-alunas que frequentaram o Instituto de Educação Rui Barbosa, antiga Escola Normal, a partir de 1970. As impressões fizeram emergir das memórias das ex-alunas alguns aspectos singulares na prática docente do professor Araújo e, também, do seu livro. O presente estudo vem contribuir para preencher a lacuna que existe na historiografia educacional acerca do livro e de sua história, tendo como ponto de partida a produção.

**Palavras-chave:** Livro didático, Acrísio Tôres Araújo, Conteúdo, Representação.

## ABSTRACT

This work has the objective to analyze the textbook History of Sergipe in the normal course, produced in 1970, by Regina Bookstore. To understand the process of this production, we sought to define the profile of its founder, teacher and writer Acrísio Tôrres Araújo. For both, collected in journals and other texts, representations about the author and his work. In addition to these printed sources, with the goal of understanding how the use of this book, there were collected the impressions of former students who attended the Institute of Education Rui Barbosa, former Normal School, since 1970. The prints did emerge from the memories of former students some unique aspects in teaching practice teacher Araújo and also of his book. This study contributes to fill the gap in educational historiography about the book and its history, taking as a starting point production.

**Key words:** Textbook, Acrísio Tôrres Araujo, Content, Representation.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe analisar o livro didático de história de Sergipe, produzido no início do ano de 1970, de autoria do professor Acrísio Tôrres Araújo e editado pela Livraria Regina. A análise do livro fundamenta-se na perspectiva da Nova História Cultural que, nas duas décadas do século XX, abriu novos caminhos para as pesquisas no campo educacional. Novos espaços foram abertos sob novos olhares. Para a História da Educação, esses novos caminhos foram importantes, pois renovaram os estudos no campo educacional.

A influência da História Cultural possibilitou inovação aos objetos de pesquisas, nas abordagens e nas fontes. Tais inovações possibilitaram à disciplina História da Educação a ampliação do campo de pesquisa e nova compreensão do passado, segundo Carvalho (2002, p. 155): “a convergência de interesses em torno de uma nova compreensão da escola, das práticas escolares que a constituem e de seus agentes reconfiguram o campo da pesquisa educacional e, com ele, o da História da Educação”.

Lopes (2001) enfatiza que, no interior da História Cultural, vários campos de pesquisas estão enriquecendo os estudos na área da História da Educação, dentre eles, pode-se citar a História do Livro Didático. No caso de pesquisas sobre o livro didático, particularmente, tem crescido o interesse dos historiadores em analisar a produção, assim como a circulação, as formas de aproximação, de livros escolares, paradidáticos, coleções dirigidas a professores e da imprensa pedagógica periódica em diferentes momentos. No Brasil, há estudos que buscam descrever a constituição desses impressos na história do país, seu papel ao lado da elaboração de outros materiais didáticos e métodos de ensino, no contexto da progressiva institucionalização da escola, como principal espaço.

Diante da realidade apresentada, o presente estudo procurou responder às seguintes questões: De que forma o livro História de Sergipe para o curso normal, do professor Acrísio Torres, fez parte do cenário escolar, na década de 1970? Como foi produzido? Esse livro representou alguma mudança na forma de ensinar história à época? Qual o conteúdo transmitido por esse livro? Quais os temas priorizados pelo autor neste livro? Esses questionamentos se enquadram na perspectiva da História Cultural e, a partir desta, o texto do professor Acrísio Tôrres foi analisado, considerando-se a produção, os conteúdos e quais as representações vinculadas na narrativa, presentes no livro de Araújo.

A partir dos questionamentos anteriores pôde-se estabelecer como objetivo geral a análise do livro didático de História de Sergipe produzido em 1970, por Acrísio Tôrres. Os

objetivos específicos são: desvelar o processo de produção da História de Sergipe por Acrísio Torres, perceber as mudanças e os debates presentes na sociedade sergipana no período; compreender as representações sobre a obra e o autor nos documentos e, assim, perceber a ideia de como a sociedade sergipana acolheu a escrita didática sobre a História de Sergipe de Acrísio Tôrres Araújo, entre os anos de 1966 a 1975; por último, procurou-se compreender as representações de História transmitidas pelos conteúdos presentes no livro ora em foco.

Com esse intuito, reforça-se, mais uma vez, que este trabalho pretende contribuir com os estudos desenvolvidos sobre a história do livro, da formação de professoras, a história das disciplinas escolares, além de revelar elementos ainda pouco investigados da cultura escolar (JÚLIA, 2001).

Em relação à opção teórico-metodológica, esta análise teve como suporte teórico as contribuições de Roger Chartier (1988, 1990, 1999a, 1999b), através, principalmente, dos conceitos de livro didático e de representação da história do livro, e de Robert Darnton (1990), sobre a história da leitura, bem como dos estudos recentemente produzidos sobre a temática em Sergipe e em outras regiões do país.

Este estudo contempla uma pesquisa histórica e bibliográfica e nasceu como fruto da disciplina Tópicos Especiais de Ensino - A abordagem biográfica e a cultura escolar como subsídios para a História da Educação - do Mestrado em Educação da UFS, ministrada pela professora Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, no primeiro semestre de 2005. Nesse período, trabalhava no Colégio Estadual João Alves Filho, quando encontrei, na biblioteca, deste estabelecimento de ensino, dois livros de História de Sergipe, de Araújo: um destinado às alunas da antiga Escola Normal; outro, para a terceira série primária.

Folhando os textos, o autor dirigiu seu interesse ao primeiro, com o objetivo de verificar se, no mesmo, existiam temas desconhecidos por ele, sobre a História Sergipana, de modo que pudesse acrescentar novos assuntos às suas aulas de História de Sergipe, ministradas no Ensino Médio do CEFET-SE/ UNED-LAGARTO e na rede Estadual. Procuou tirar cópias e, na aula seguinte da disciplina, estava lá com os textos e interrogando a professora se eles poderiam se tornar bons objetos de estudo no Mestrado em Educação da UFS. A partir desse momento, começou a ser amadurecida a ideia do mestrado.

Depois de muitas conversas e orientações realizadas durante a disciplina ministrada pela referida professora, aos poucos se interessou pela história do livro e da leitura, que resultaram neste trabalho. A proposta inicial de pesquisa consistiu em compreender as representações de História, construídas pelos alunos do Ensino Médio do IFS.

A disciplina isolada, cursada em 2005, mexeu com suas memórias de criança, com sua relação com a leitura e o estudo, bem como o levou a refletir sobre a sua prática pedagógica, ao longo de quinze anos em sala de aula, como professor. Iniciou, em consequência, a busca por livros de Araújo, descobrindo que o seu contato com o autor deu-se no início de 1971, em aulas de banca realizadas por sua tia Lourdes, todas as manhãs, na casa de seu avô, após o café da manhã, quando chegavam dez alunos, entre meninos e meninas.

Antes de sair para brincar com os seus amigos da rua e primos, lembra-se da chegada dos estudantes, todos os dias, provocando certo rebuliço, apesar de ser preciso um ambiente favorável para que as aulas fluíssem tranquilamente. Sua tia, logo após o café, pedia que os sobrinhos fossem brincar na rua ou se dirigissem para outros cômodos da casa e que ficassem em silêncio. Esse era pedido quase impossível de atender, se não surgissem, de repente, as vozes enérgicas de sua tia Lourdes e de sua vó Maria. Nem sempre saía correndo após os gritos.

Recorda-se que os livros, com capas coloridas e imagens sobre Aracaju e Sergipe, chamavam sua atenção. Ficava assistindo às aulas, pelo menos, durante trinta minutos após o café da manhã. Os alunos iam para aprender Português, Matemática e outros assuntos interessantes da cultura escolar do ensino daquela época. Em uma das aulas, abria um dos textos do professor Araújo e ficava observando as fotos e gravuras de suas regiões. Em sua memória, ficou registrada uma leitura com o título *A besta fera*, da coleção *Leituras Sergipanas*, conto folclórico sobre o período da Quaresma e da Páscoa, datas do calendário da Igreja Católica, cujo ensinamento o acompanha até os dias atuais. Naquele momento, foi uma leitura muito marcante para ele, que ainda guarda-a em sua memória.

Ainda no ano de 1998, quando lecionava no povoado Colônia Treze, da cidade de Lagarto, ganhou de um aluno, um livro de Acrísio Tôrres Araújo sobre a História de Sergipe, adquirido em um sebo fora do Estado. Tal livro passou a ser utilizado, pelo autor, à época, apenas como material para subsidiar suas aulas, já que naquele período, implementava-se, nas escolas, o ensino das disciplinas Cultura Sergipana e Sociedade e Cultura na Rede Estadual de Ensino, na gestão do Secretário Luiz Antônio Barreto.

Nesse período não havia material suficiente disponível para professores e alunos, razão pela qual tinha adquirido o livro didático das professoras Lenalda Santos e Terezinha Oliva, destinados às escolas. Já possuía desde a graduação *Textos para a História de Sergipe*, das referidas autoras. Ainda usava textos sobre Sergipe e seus municípios, encontrados na Enciclopédia dos Municípios do IBGE, bem como *Aracaju e outros temas*, do professor

Calazans, e uma cópia de *História de Sergipe*, de Felisbello Freire, que possuía também desde a graduação.

Mais um contato com a obra do professor Acrísio Tôrres deu-se através de um convite realizado pela professora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, para que seus alunos fossem assistir a uma defesa de dissertação do Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Sergipe, com o título *A Geografia e os seus Livros Didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX*, da mestrandia Vera Maria dos Santos. Após ter assistido à defesa, foi cumprimentá-la, aproveitando a oportunidade para conversar sobre uma possível pesquisa acerca do livro de História de Acrísio Tôrres Araújo. Após alguns meses, a professora Vera Maria dos Santos fez a gentileza de oportunizar um contato entre o professor Araújo e o próprio autor desta pesquisa. A partir daí, seu interesse por leituras sobre o tema História do Livro Didático foi crescendo.

O envolvimento com os textos de Araújo, sua escrita e história, levaram-no a lembrar da época em que estudava, desde o primário até o período da graduação na UFS. Estudou, enquanto criança e aluno, com alguns livros da autora Deborah Pádua Mello Neves. Dos livros de Comunicação e Expressão recorda de dois textos, um deles a adaptação do patinho feio, no qual Dona Cota procurava proteger o filho mais frágil, que depois iria se tornar um belo cisne. Lembra-se da professora, em março de 1975, na primeira aula, lendo, enquanto ele, observando a gravura do patinho escondido, em parte, nas moitas do lago.

Outro texto sobre repentistas, também da autora Deborah Pádua Mello Neves, deixou-o impressionado porque, naquele período, morava no norte do país e tinha saudades do nordeste, já que o texto falava da cultura nordestina. Recorda a professora Adélia separando a turma para fazer uma disputa, como se fossem, os alunos, repentistas. Neste momento, ao escrever, lembra-se da aula, pela manhã, no primeiro semestre de 1977 no Centro Educacional Dr. Grangeiro.

De igual modo, recorda da professora Noêmia, da segunda série primária, no Jackson de Figueiredo, lendo o texto do livro *A Moderna Mágica do Saber: o peixinho dourado*, raro no rio, com uma imagem bem bonita da mesma professora, ensinando sobre a Inconfidência Mineira e a Independência do Brasil. Sobre os aspectos históricos, não recorda se compreendia algo. Lembra que gostava de olhar a figura imponente daquele homem barbudo, que falava de liberdade, assim como do homem bem vestido em uniforme, com uma espada, montado em um cavalo, no início do capítulo sobre a Independência. Relembra, quando estudava esses assuntos para as provas, entre os anos de 1976-77, imaginando o que poderia acontecer dentro daquelas imagens.

Nesse mesmo período, tinha iniciado o Sítio do Pica-pau Amarelo, em 1977. Um dos primeiros episódios era sobre os viajantes que entravam em selos e imagens para ir a outras regiões. Aquela possibilidade de mudar de lugar o deixava fascinado, fazendo-o correr, todos os dias, para assistir àquele episódio. Sempre gostou muito de imagens, talvez, por isso, aquela primeira imagem da *Besta Fera*, do livro de Araújo, o tenha marcado tanto, sem falar que seu pai gostava muito de comprar livros de contos infantis para os filhos, o que ocorreu até meados dos anos oitenta.

Ao final dos anos setenta, lembra-se da professora Maria de Lourdes trabalhar com a turma o texto dos livros de Borges Hermida. Suas imagens, palavras cruzadas, a força, as lacunas que deveriam ser preenchidas. Lembra, ainda hoje, do debate sobre o problema da casualidade ou intencionalidade acerca do descobrimento do Brasil, presente no primeiro capítulo do livro sobre o Brasil Colônia, da mesma professora falando de alguns assuntos que, naquele ano, haviam caído no vestibular, com o objetivo de incentivar os alunos a estudar. Existiam muitas imagens, gostava de várias. Mas, o capítulo sobre o assunto *Entradas e Bandeiras* trazia, pelo menos, umas três que são recorrentes, atualmente, nos livros sobre o período. Como professor, considera o livro bom, inclusive, hoje pode avaliar melhor as edições que saíram depois, no ano de 1982.

Não gostava das provas, já que a professora priorizava questões muito grandes e de fazer mapas utilizando tinta nanquim para realizar as atividades com mapas históricos. Era muito trabalhoso, mas o livro ajudava o aluno Augusto a aprender. Sim, mas por que recordar aquelas situações? Porque não sabe se eram bons os livros ou a forma como as professoras falavam, as atividades que passavam. Guarda sempre, com muito carinho, essas lembranças, independentemente desta pesquisa.

Enquanto professor que trabalha o livro de História, um dos motivos que sempre o levou a adotar livros em sua disciplina, a despeito de serem considerados bons ou ruins, consistia no fato de conter, nos capítulos, boas imagens, pinturas e fotos que ajudassem a contar melhor o assunto. Naturalmente, um bom livro, nas mãos de um professor que não esteja familiarizado com o seu conteúdo, apesar de gostar do que faz, pode fazer com que não tire o devido proveito do mesmo. Intrinsecamente, talvez tenha sido o interesse do autor nesta pesquisa, salientando, neste sentido, que as imagens utilizadas, neste estudo, não terão um tratamento nem histórico nem sociológico, devendo apenas ilustrar alguns argumentos e exemplificar o que está sendo exposto no texto.

Para Lopes (2001), nas últimas duas décadas, aproximadamente, a área de História da Educação sofreu uma verdadeira revolução, seja em seus contornos teórico-metodológicos,



seja no alargamento de seus objetos e de suas fontes. Influenciada pelo Marxismo e pela Nova História, a História da Educação passa por uma renovação significativa, sem limitar-se apenas a estudar as instituições escolares, movimentos educacionais ou o pensamento pedagógico. Essa renovação dos estudos, na disciplina, ocorreu, inicialmente, na Europa, nos Estados Unidos e, também, posteriormente, em muitos centros de pesquisas do Brasil.

A história do ensino, um dos campos tradicionais da História da Educação, vem incorporando as reflexões realizadas pelas tendências historiográficas contemporâneas. Tem crescido o interesse dos pesquisadores pelas práticas escolares cotidianas e pela cultura escolar. O estudo das disciplinas e dos saberes escolares, na concepção de Chervel (1999), tem sido considerado fundamental para melhor compreender o papel dos contextos culturais na definição daquilo que deve ser ensinado na escola, bem com o papel da escola na produção e na reelaboração do conhecimento.

É nesse sentido que esta análise sobre o livro didático de História de Sergipe, para as alunas do curso normal, contribui para compreender a história do livro e do ensino. O exemplo dos trabalhos de Josefa Eliana, em 2003, de Tereza Cristina Cerqueira da Graça, em 2002, e de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, em 2004, torna-se significativo por constituir trabalhos para criar e recriar o mundo da Educação Sergipana a partir de novas fontes e interpretações fundamentadas na Nova História Cultural.

A história das disciplinas e dos saberes, ao estudar conteúdos de ensino, os programas, as provas, os manuais, contribuíram para um maior conhecimento daquilo que ocorria dentro da instituição escolar, relativizando as abordagens macro-sociológicas (SOUSA, 2000). Os atuais estudos sobre manuais escolares têm como objetivo a compreensão dos procedimentos de transmissão dos saberes, diferentemente dos estudos anteriores que buscavam mostrar a ideologia transmitida por eles.

Outro campo com o qual a História da Educação tem se relacionado, no interior da História Cultural, é a História do Livro e da Leitura. Nesse campo de investigação, também cresce o interesse por parte dos historiadores da Associação Nacional de História (ANPUH) em investigar a relação entre o livro e o ato de ler, sendo que esta relação envolve diferentes processos: o da produção, o de circulação e as apropriações dos materiais de leitura, a análise dos livros em seus mais variados aspectos. Os diferentes processos estão diretamente relacionados com as escolas.

O estudo acerca do livro didático não pode deixar de mostrar a importância da escola no processo de transmissão do saber escolar por intermédio do manual escolar, construindo e impondo formas de aprender e intervir num determinado espaço, além de incutir hábitos na

formação dos costumes (FONSECA, 2003). Dessa forma, é significativo o papel pedagógico aculturador, disciplinador, atribuído aos impressos escolares.

A história do livro é, hoje, uma área fortemente interdisciplinar, reunindo contribuições de várias tradições de estudos em diferentes países. Essa história é definida por Mackenzie (1986) como a sociologia dos textos. Estudar o passado do livro é estudar seu conteúdo, considerando toda vasta gama de realidades sociais que os textos envolvem e com as quais interagem, em cada momento de sua produção, transmissão e consumo.

Para Darnton (1990), o objetivo da história do livro é compreender como as ideias foram transmitidas através da imprensa, bem como a exposição à palavra impressa vem afetando o processamento e o comportamento da humanidade durante os últimos quinhentos anos. A invenção da imprensa favoreceu o barateamento e, conseqüentemente, a multiplicação do número de livros e textos disponíveis, a elaboração de catálogos ou bibliografias das obras impressas, tão antigas como a própria imprensa. Tornou-se fundamental para a orientação de leitores no meio de um mar de títulos e temas.

O saber bibliográfico configurou-se indispensável a bibliotecários e livreiros. Nos séculos XIX e XX, o saber bibliográfico caracterizou-se como um tipo de estudo erudito, assumindo uma vertente nacional muito marcada. Em cada nação, os bibliógrafos se interessam por conhecer as origens das tipografias, as primeiras edições, os primeiros impressores. A atual história do livro tem origem nessa tradição de estudos bibliográficos.

Aponta Chartier (1988), como um grande estudioso dessa área, que o livro é um objeto material, diferente de outros suportes escritos, cuja coerência e completude resultam de uma intenção intelectual ou estética. De acordo com o autor, os livros evidenciam os procedimentos de produção, de circulação e de apropriação. Reitera Munaka (1997) que a produção do livro didático deve ser entendida como um complexo que envolve diferentes etapas, técnicas e atividades humanas, como a ação do autor, dos editores, dos impressos e dos adaptadores, tendo em vista o mercado escolar.

As pesquisas, de acordo com Belo (2002), que hoje enfocam o livro didático, no Brasil, têm direcionado o olhar para o papel das instituições destinadas à circulação do material escrito, para a ação dos autores e editores no processo de divulgação do material impresso. Além desses aspectos, procuram identificar as formas de apropriação dos livros ou impressos pelos indivíduos, ao longo do tempo, desvendando os procedimentos de transmissão de saberes.

A partir dos anos 70, os estudos sobre o livro didático passaram a abordar o papel dos mesmos no processo ensino-aprendizagem. Os estudos realizados por Nildecoff (1990) e

Nosella (1979) trabalharam a ideologia no livro didático, destacando as autoras que os manuais escolares representam um dos principais meios utilizados na relação ensino-aprendizagem, sendo os transmissores dos interesses da classe dominante, de seus valores conservadores, sem que os conteúdos, no entanto, se aproximem da realidade dos alunos.

Abud (apud SILVA, 1984), enquanto estudiosa do livro didático, expressa que o manual escolar de história é difusor dos fatos históricos pertencentes à história oficial. Para a estudiosa, os autores dos livros didáticos estão comprometidos em transmitir e perpetuar a história oficial e correta, ou incorporar, aos textos dos impressos escolares, os novos estudos e temas realizados a partir dos anos 80.

Nos estudos supracitados, como em tantos outros, prevalece a ideia de que os livros didáticos estão a serviço da reprodução da ideologia dominante, por meio de um discurso baseado nos valores de uma classe social ou partido político e, também, na pátria, na família, no trabalho e na religião. Estudos recentes, de acordo com Veiga (2003), influenciados pela renovação dos estudos da disciplina História da Educação, apontam para novos estudos e abordagens, tendo como objeto o livro didático, indo além da abordagem ideológica. As análises atuais estão relacionadas com o conteúdo, a forma, a linguagem, a produção, a distribuição e a apropriação.

Batista (1999) defende a ideia do livro didático como objeto cultural, considerando que ele desempenha um importante papel no quadro da cultura brasileira, no momento em que mantém relação com a escrita e o letramento. Ainda, segundo o autor, é possível perceber a presença do livro didático nos processos culturais, sociais e econômicos da produção editorial brasileira. Além dessas ideias, expressa algumas manifestações dessa diversidade e instabilidade como, por exemplo, o modo de apropriação do material didático, em sala de aula, por alunos e professores, levando em conta o contato da leitura e as funções a serem preenchidas nos leitores.

Igualmente, Freitas (1989), em seu estudo sobre o livro didático, destaca o trabalho, indicando, de forma crítica, a autora as questões políticas que permeiam a produção do livro didático e a divulgação da leitura didática, abordando tanto a construção, as influências, quanto o processo de distribuição dos impressos escolares.

Este estudo, baseando-se nas ideias de Chartier (1988), de Darnton (1990) e de Villata (2001), propõe-se a analisar a historiografia do livro didático da História do Brasil. O autor caracteriza os estudos, embasado numa abordagem materialista-dialética centrada no conteúdo do livro didático, com pesquisas restritas a um determinado aspecto da imposição da

ortodoxia do texto, destacando temas referentes à periodização, ao recorte temporal-espacial, aos conceitos empregados e aos sujeitos da história constituintes do livro didático.

Munakata (1997) analisa os fatos que permearam a produção do livro didático nas décadas de 1970 a 1980. Para ele, o livro didático é uma obra mercadológica, vinculada aos interesses das empresas editoriais. Ainda segundo o autor, a produção dos livros didáticos ocorre em meio a dois movimentos: o primeiro ajusta o livro didático aos interesses dos consumidores, renovando conceitos, linguagens e apresentação; o segundo movimento, refere-se à inserção dos paradidáticos no mercado, visando o leitor médio. Para ele, esses dois movimentos provocaram uma mudança no processo de produção do livro didático, entendendo-o, também, como um objeto material, constituído basicamente de tinta e pincel.

Em seu estudo, Munakata (1997) concebe o livro didático como um tipo de material impresso que é transportado, constantemente, da casa do leitor para um lugar específico que se chama escola e desta para o ponto inicial. O estudioso mostra a relação existente entre a leitura e o livro didático, o que implica na existência de dois leitores permanentes: o aluno e o professor. Este autor entende que o livro, para ser didático, tem que ser utilizado em aulas e cursos e que foi escrito, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática, visando o aprendizado coletivo e orientado pelo professor.

Considera-se, também, como significativo, o trabalho realizado por Bittencourt (1992) sobre o livro didático, com o objetivo de ultrapassar estudos fragmentários anteriores, produzidos em períodos passados. O autor procura pensar o livro didático de forma ampla, desde o momento da sua concepção até a utilização em sala de aula, refletindo sobre o papel do livro didático na construção do saber escolar.

Em Sergipe, ainda são poucas as pesquisas sobre o livro didático, o que torna este estudo significativo, ao contribuir para o campo da historiografia local e nacional, mesmo que de forma modesta, para que diminua a lacuna existente em nosso Estado, já que são poucos os trabalhos acadêmicos que até agora abordaram o livro didático produzido em Sergipe como objeto de pesquisa.

Calazans (1992), em seu trabalho *Aracaju e outros temas sergipanos*, procurou fazer um balanço dos temas relevantes para a historiografia sergipana e seu grau de estudos. O autor apresenta, de forma crítica, alguns aspectos de três obras didáticas produzidas em Sergipe: *Resumo didático para o uso das escolas públicas de Sergipe*, *Meu Sergipe* e *História de Sergipe*.

A partir dos anos 90, surgiram artigos e trabalhos acadêmicos sobre livros didáticos. No departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, foram desenvolvidos

alguns trabalhos, entre os quais se destacam dois artigos veiculados em jornais, a saber: *Didáticos de história de Sergipe – 100/anos – uma análise clínica*, de autoria do professor Wanderley de Melo Correia (1998) e o livro didático de *História de Sergipe*, do professor Itamar Freitas (2002).

Nesse Departamento, os trabalhos de conclusão de curso também têm contribuído para um melhor conhecimento sobre o livro didático, independente da linha teórica utilizada na construção dos estudos. São eles: *Livro didático – concepção e critérios de escolha e uso*, Maria do Nascimento Silva Moura; *História e luta pela terra no Brasil (1980-1999)*, de Ana Paula Lima Freire; *Para formação do bom sergipano, Um estudo do livro didático e Meu Sergipe*, de Elias Montalvão (1916) e Leila Angélica Oliveira de Andrade; *O ensino de estudos sociais na ditadura militar*, de Andréia Patrícia Santos Melo; e *Livraria Regina: notas sobre Aventura do Livro em Aracaju (1918-1976)*, de Elissandra Silva Santos.

Nos últimos anos têm crescido as pesquisas cujo objeto é a Cultura Escolar, especificamente, voltadas à análise do livro didático. Nesse contexto, no Núcleo de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, foi defendida, no ano de 2005, a dissertação de mestrado de Vera Maria dos Santos com o título *A geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX*. Nos últimos anos, em Sergipe, Itamar Freitas, professor doutor do Departamento de Educação e do Mestrado em Educação da UFS, tem orientado os trabalhos focados no ensino de História, nos parâmetros curriculares, nos livros didáticos desta disciplina.

Entre os trabalhos realizados a partir da orientação de Freitas, estão os de Sílvia Carolina Andrade Santos, com o título *A escrita histórica para crianças: a experiência de João Ribeiro (1900/1912)*, que procurou analisar a sua função, estrutura e forma; Kleber Luiz Gavião Machado de Souza investigou os *Conteúdos conceituais nas coleções de História para o ensino médio: o que muda e o que permanece com a intervenção do programa nacional do livro didático (1900-2005)*; o trabalho de Herveson Alves de Meneses intitulado *Do ponto ao traço: projeto editorial e aprendizagem nos livros didáticos de História de Sergipe (1973-2007)*, onde o autor busca compreender os aspectos editoriais dos livros didáticos no período citado.

Esse conjunto de estudos, orientados por Freitas, vêm ampliando e desvelando o conhecimento sobre este objeto, o livro didático. Nos últimos anos, as pesquisas estão possibilitando lançar olhares diferenciados para este componente da cultura escolar, antes considerado monumento, na concepção de Le Goff (1990), em seus textos *História e Memória e Monumento/Documento*. Os livros didáticos, agora, começam a se constituir em

documentos, nas diversas áreas do conhecimento, ganhando, cada vez mais, visibilidade como objeto de estudo no campo da História e da História da Educação.

Moreira e Silva (2011) publicaram a obra *Um inventário – o livro didático de história em pesquisas (1980 a 2005)*, trabalho que se tornou uma contribuição para as pesquisas sobre o livro didático de História. Expõe ao público, os trabalhos desenvolvidos nos programas de pós-graduação no país, particularmente no sudeste. O mérito deste estudo é atribuído ao fato de socializar métodos de pesquisas e os resultados alcançados nas duas últimas décadas.

A história e as análises sobre os livros didáticos de História do Brasil e História de Sergipe, produzidos em território sergipano, começam a ser pesquisados através dos trabalhos citados ao longo desta introdução. Este estudo tem a pretensão de contribuir na construção da História da Educação Sergipana ao analisar o Livro Didático História de Sergipe em seu processo de produção, bem como identificar as representações transmitidas através dos conteúdos narrados na escrita de Araújo.

O desenvolvimento do presente estudo encontra-se embasado teórico-metodologicamente na área da História Cultural, buscando fundamentação em estudos de História da Educação. Têm-se, como suporte, as ideias de Chartier (1988, 1990a, 1990b) e Darnton (1990), autores que entendem o livro como um objeto material de múltiplas utilidades, além da proposta de se examinar a produção do livro, embora este possa apresentar variantes de tempo, espaço e o público ao qual se destina. Compreende-se o processo de produção de impressos como um processo global que sofre possíveis variações ao longo do tempo.

Carvalho (1993), em seus estudos, entende que o livro é um objeto cultural que guarda as marcas de sua produção e de seus usos, funcionando como produto de estratégia editorial em complexa correspondência com estratégias político-pedagógicas determinadas. Para buscar informações a respeito do livro do professor Acrísio Tôrres, foram utilizados documentos de várias ordens, dentre eles: jornais da época, Diário Oficial, Atas e Documentos do Conselho Estadual de Educação.

Foram utilizadas, ainda, entrevistas realizadas por Santos (2005) e Oliveira Filho (2004) com o autor, com ex-alunas, bem como com intelectuais contemporâneos dele. Essas entrevistas tiveram como objetivo recolher impressões e representações acerca do professor Araújo e, principalmente, sobre a obra escrita para a utilização no contexto escolar do Instituto de Educação Rui Barbosa. Os depoimentos revelaram, também, aspectos

pedagógicos de Araújo, de suas aulas, como também revelaram aspectos do cotidiano da prática docente do referido professor.

A análise dos documentos e a interpretação qualitativa dos dados identificaram pontos significativos sobre o texto de Acrísio Tôrres e permitiram entendimento da produção e das representações de História presentes nos conteúdos escritos no texto; possibilitaram, ainda, contextualizar a obra no período em que foi escrita. O estudo das diferentes fontes levantadas nos diversos arquivos sergipanos, bem como as pesquisas bibliográficas sobre estudos referentes à temática tiveram como base as contribuições teóricas da História Cultural, da História das Disciplinas Escolares, da História do Livro e da Leitura e da História da Educação. De tal modo, compreende-se o processo de produção do livro didático em Munakata (1997) e o conceito de representação de Chartier (1988).

O trabalho estruturou-se em três capítulos. No primeiro, tomando-se como suporte teórico os estudos de Chartier (1988, 1990a, 1990b), Darnton (1990) e Munakata (1997), tenta-se compreender como foram produzidos os livros *História de Sergipe para o ginásio*, *A pequena História de Sergipe*, o livro para terceira série primária *História de Sergipe* e *História de Sergipe*, para o curso normal. Ainda, nesta parte, buscou-se apreender o contexto sergipano em que se deu a gênese dos referidos livros e o debate intelectual em que foram criados.

No capítulo seguinte, a partir de jornais, entrevistas com intelectuais do período e ex-alunas, bem como dos prefaciadores das obras de Araújo, desvelam-se as representações do autor e de sua obra, traçando seu perfil, a receptividade dos livros de história de Sergipe produzidos entre 1966 e 1970, e as representações presentes nas fontes consultadas.

No terceiro capítulo, foram analisadas as representações de história contidas nos conteúdos escritos do livro. Finalmente, fazem-se algumas considerações possíveis sobre as contribuições do livro de Araújo, no que concerne à história do livro e da História de Sergipe, seu ensino e o campo da Educação.

## **CAPÍTULO I – A GÊNESE DO LIVRO DE HISTÓRIA DE SERGIPE (1966-1970)**

### **1.1 SISTEMATIZAR PARA CONHECER: O LIVRO DE HISTÓRIA E O CONTEXTO DA ESCRITA**

Neste primeiro capítulo, aborda-se como e em que contexto a escrita da História de Sergipe foi produzida, tentando-se, através dos documentos, desvelar seu processo de produção e como as mudanças, que estavam acontecendo em Sergipe, possibilitaram seu aparecimento na década de sessenta. A partir dessa reflexão, buscou-se compreender o aspecto motivador da produção do professor Acrísio Tôrres Araújo, por se considerar importante a trama social na qual seu livro se inseriu. Nesse contexto, procurou-se pensar não só as condições sociais em que foram produzidos, mas o debate em torno da produção e recepção da escrita do autor. Por meio dos documentos consultados no presente capítulo, procurou-se identificar as representações do autor e de suas obras.

O conceito de representação, usado como suporte, é o de Chartier (1990a, p. 20), entendido em dois sentidos: “[...] como instrumento de um conhecimento imediato que faz um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstruir, em memória, e de o figurar tal como ele é” ou “como relação simbólica que consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais”.

As representações construídas a partir da rememoração são atos de intervenções no caos das imagens guardadas, “[...] é também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido do passado e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar - ou de um fragmento que tem a força de iluminar e reunir outros conteúdos conexos, ‘fingindo’ abarcar toda uma vida” (MALUF, 1995, p.29).

A reconstrução do passado, a relembração se serve de inúmeros pontos de referência, de campos de significados, porque o fundamento da recordação é dado por um “sentimento de realidade” que se origina em contingências existenciais, pois está subordinado ao tempo e ao espaço, imbricado na ordem de acontecimentos físicos e sociais, em estreita relação com a família, com os grupos sociais, com as comunidades de convívio, com um universo, enfim, de pessoas, coisas e imagens que são reconhecidas pelos homens em sociedade (Idem, p.30).



Ampliando essa concepção, Maluf (1995, p. 76) afirma que a recordação é, por natureza, construtiva “[...] a elaboração de imagens mnemônicas para revelar momentos marcantes na história de uma vida é o resultado de um ponto de observação presente, que julga e seleciona fatos pretéritos”.

Os contatos com Araújo, alguns amigos, intelectuais e suas ex-alunas, resultaram em uma fonte muito rica de informações para a esta análise, como se observará no capítulo seguinte, sendo, portanto, fruto de uma rememoração do passado, na qual os entrevistados, a partir do tempo presente e orientados pela vida atual e pelo lugar social que ocupam, elaboraram uma autointerpretação do seu passado:

No processo de rememoração autobiográfica, opera-se uma transformação interna do indivíduo: o “eu” do passado não é o mesmo “eu” que se apresenta no momento da escrita. O esforço de reordenação das imagens passadas é condicionado pelo presente de quem se lembra. Isto significa a construção de uma outra unidade para o conjunto diverso das imagens passadas; em outras palavras, é a elaboração de um novo ponto de vista ou perspectiva em relação ao passado, que reconstrói a vivência primeira e todavia não coincide com ela. Dessa forma, o sujeito que se mostra ao leitor é antes o sujeito do presente e não o que é contado por ele próprio (MALUF, 1995, p. 31).

Além disso, lembrar e recordar são atos pessoais, ou seja, configuram-se como a expressão mais individualizada da memória. Lembrar é, ao mesmo tempo, acionar a memória para recapturar o passado e selecionar os eventos vividos. Os fatos passados, reconstituídos pela memória individual do autor, revelam do narrador apenas o que ele permite que seja revelado, uma vez que é ele quem traduz o conteúdo factual e imprime nele uma significação.

Sirinelli (1998, p. 275) destaca, também, o caráter seletivo da memória em seu estudo sobre as elites culturais:

Estas elites arrastam uma memória selectiva, reflexo das grandes lutas ideológicas que ritmaram o século XX e que deixaram vencedores e vencidos. Por outro lado essa memória é uma memória dominada: por essência, os letrados sabem manejar o verbo e, por conseguinte, compor a sua história. Dar-lhes a palavra é expor-se a desempenhar o papel de caixa de ressonância de uma memória mais reconstruída que as vindas de outros meios.

Diante do exposto, não se pretende construir um registro biográfico do autor e de seus textos de uma forma apologética, mas os mecanismos reais, as contradições, os debates, estão presentes, direta ou indiretamente, nos documentos e depoimentos consultados,

mostrando a participação desse intelectual na vida social sergipana entre os anos de 1960 e 1970.

Os intelectuais não são entidades autônomas que sobrevivem isoladamente da sociedade; muito pelo contrário, estão a ela ligados, especialmente pelos laços políticos e profissionais, que lhes conferem identidade. Nesse particular, é importante verificar a posição que os intelectuais e os artistas ocupam na estrutura da classe dirigente.

Nessa direção, Bourdieu (1998, p.191) propõe “[...] uma análise da estrutura das relações objetivas entre as posições que os grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade intelectual ou artística ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual”. Esse entendimento é compartilhado por Nunes (2000), ao estudar os discursos dos médicos, engenheiros e educadores, considerando estes profissionais como intelectuais a partir da:

[...] própria posição que tais indivíduos se autoatribuíam e reivindicavam ocupar na sociedade de sua época enquanto categoria social particular. Embora construíssem sua identidade com referência a campos profissionais específicos, assumiram a posição de intelectuais na medida em que, para além dos limites restritos a tais campos, pretenderam formular uma visão geral e um modelo explicativo para o país. (HERSCHMANN, 1996, p.5).

Sirinelli (1998), no estudo acerca do tema, propõe duas acepções para o termo intelectual, considerando o caráter polissêmico desta noção. Na primeira, o caráter polimorfo do meio dos intelectuais e a imprecisão daí decorrente, servem para se estabelecer critérios de definição do termo:

[...] uma ampla e sócio-cultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto, se posta uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura (SIRINELLI, 1998, p.244).

A partir dessa reflexão sobre intelectual, considera-se que Acrísio Tôrres Araújo foi um personagem singular, mas, como afirmou Ginzburg (1987, p.27), esta “singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe”. A singularidade também pode ser percebida no sentido afirmado pelo autor, nas atividades desenvolvidas por Araújo como escritor, jornalista e professor, até porque ele ainda exerce algumas atividades

na UnB (Universidade de Brasília). Araújo pode ser considerado como mediador cultural e criador, enquanto escritor de livros didáticos.

O depoimento da professora Ofenísia Freire, sendo uma intelectual estudiosa do campo das letras, destacou a importância de Acrísio, enquanto produtor de livros didáticos. Na citação a seguir, pode-se observar, no início dos anos setenta, o debate e a disputa de campo que, repetidamente, são colocados neste estudo.

Um bom piloto estava lá com seu *stand*, com seu navio. Mas, é difícil remar contra a corrente. O professor Acrísio era qual Dom Quixote a lutar com os moinhos de vento da indiferença, do desinteresse, da negligência [...] Felizmente, o disco que lhe atiraram não o feriu diretamente, mas ao livro — esse audaz guerreiro — que restou abatido, no dia de sua festa. (FREIRE, 2000, p.29).

Na citação anterior, Ofenísia Freire refere-se a uma Feira de Livros que aconteceu em Aracaju, na Praça Fausto Cardoso, com representação nacional, na qual estava presente Acrísio Tôrres apenas com os seus livros didáticos no evento, apesar de todos os ataques que lhe eram dirigidos no Estado, como salientado nas palavras dessa intelectual, que não estava filiada aos intelectuais do campo político e nem dos especialistas da História e Geografia, mas confirmando as inúmeras representações sobre o autor e sua obra.

Ainda sobre a feitura de livros didáticos, a Ata da 129ª Sessão Plenária do Conselho Estadual de Educação, igualmente é reveladora. Fôra solicitado, pelo então secretário de Educação ao professor José Calazans, figura de renome na área da História, que elaborasse um livro sobre a História de Sergipe, não havendo resposta a tal solicitação. O texto de Araújo corrobora as representações apresentadas no capítulo anterior, mediante as vozes das alunas, do jornalista de A Cruzada e com as palavras do prefácio de Gildete Lisboa.

[...] deveria prestigiar e valorizar o trabalho, uma vez que, nosso Estado se ressentia de uma geografia e história regional, apesar do esforço do ex-secretário de Educação, Professor Luiz Rabelo, que tentou através, do professor José Calazans, a elaboração de uma História de Sergipe, que infelizmente não foi concretizada<sup>1</sup>.

Sobre esse texto, vale frisar, como afirmam Bittencourt (1992) e outros estudiosos, os quais têm como foco de pesquisa os livros didáticos, este é visto, por vários autores, como

---

<sup>1</sup> Ata da 129ª Sessão Plenária do Conselho Estadual de Educação, realizada em Aracaju, no 16 de setembro de 1967, p. 89.

sendo de segunda categoria e, em consequência, muitos especialistas procuram não escrevê-lo, até porque, aqueles que se aventuram nessa escrita, estão sujeitos às mais variadas críticas.

Entre os problemas que podem ser elencados, pode-se citar a transposição didática, a adequação da linguagem, o uso de conceitos utilizados no texto didatizado, a seleção dos conteúdos que devem constar no texto didático para o uso de assuntos. Além desses problemas, que são inerentes ao uso do livro, pelo aluno e professor no ambiente escolar, com suas implicações, acrescentam-se aqueles de ordem social, econômica, política e profissional, os quais interferem no processo de recepção de um livro didático em uma dada sociedade.

Nesse sentido, podem-se exemplificar as críticas que o livro de Felisbello recebeu por parte de Capristano de Abreu, por motivações de ordem política, quando do lançamento do seu livro sobre a história de Sergipe, e de Silva Lisboa, por escrever sobre a geografia de Sergipe no início do século XX.

Nos dois livros de Deborh Pádua Mello neves, de *História do Brasil*, dos Irmãos Marista, no *Vamos conhecer Minas Gerais*, de Leonilda S. Montadon, na *História de Pernambuco*, de Flávio Guerra, encontram-se diversas representações sobre a História, os processos, os conceitos nas escritas e imagens, bem como os aspectos materiais dos livros. Nesse sentido, muitas das críticas feitas a Acrísio e sua obra, poderiam ser estendidas a todos os textos apresentados a seguir.

Pode-se acrescentar que a principal diferença do texto *História de Sergipe*, de 1970, a partir desta análise, diz respeito à questão editorial e gráfica como, por exemplo, a ausência de mapas, gráficos e atividades, que tornam os livros das figuras mais volumosos, naqueles escritos por professores consagrados, os quais contavam com o respaldo de sua comunidade profissional, diferentemente do ocorrido com o professor Acrísio.

A argumentação anterior pode ser acompanhada nos livros que circularam a época, apresentados no anexo F, com várias imagens de capas, índices de conteúdos de livros didáticos e não didáticos destinados aos alunos de alguns estados do país; manuais de metodologias destinados às alunas e professoras, produzidos entre os anos quarenta e setenta do século passado. É possível perceber algumas representações de História, de tempo, do papel que os documentos oficiais tinham para sua escrita, bem como a função dos vultos e grandes personagens, como marco no motor do processo histórico, ao longo das narrativas encontradas nos referidos livros, bem como nos textos de Araújo.

Os exemplos citados corroboram com as queixas encontradas nas Atas do Conselho Estadual de Educação que, durante toda a década de sessenta até meados da década de setenta, e os debates sobre a necessidade de se divulgar a cultura sergipana. Aconteciam as Maratonas

Intelectuais, Literárias, Cívicas, mas não existiam livros disponíveis para que os alunos fizessem suas pesquisas. Esse Conselho teve um papel muito importante no período ora estudado, refletindo as mudanças que estavam ocorrendo no Estado.

Vários debates foram travados neste colegiado, encontrados em temas nos livros das Atas, entre os anos de 1963 a 1970, período do lançamento do livro para o curso normal. Debateram sobre a criação de várias disciplinas como, por exemplo, Literatura Infantil, Energia Nuclear, Nutrição, a serem acrescentados nos currículos. De igual forma, foi debatida a criação de um espaço no Aeroporto, onde produtos da cultura local fôssem expostos para os visitantes. Em outra ocasião, falou-se sobre a criação de um programa radiofônico para a divulgação dos vários aspectos da cultura do Estado, depois oficializado sob a direção da Conselheira Neyde Mesquita. Foi debatida e, posteriormente criada, a Câmara de Livros, com o objetivo de uniformizar a utilização de livros didáticos na rede pública, inclusive com a venda de livros com preços barateados para a população carente.

No ano de 1966, no mês de dezembro, foram aprovados com parecer favorável, citados neste estudo, os livros de Acrísio para o primário. É necessário salientar que, em duas atas anteriores, as propostas iniciais dos livros tinham sido rejeitadas e encaminhadas através da avaliação da Conselheira Neyde Mesquita para o professor Acrísio, com o objetivo de que fossem aperfeiçoados em vários aspectos. Foram aprovados depois que passaram pelo crivo do Conselho, tendo seu caminho aberto para serem adotados nas redes públicas e privadas de ensino, bem como se abriu para o professor a possibilidade de escrever outros livros, como de fato ocorrera.

## **1.2 LIVRO DE ACRÍSIO - A HISTÓRIA DE SERGIPE**

Araújo estreou, no mercado editorial, no ramo de didáticos, em 1966, com a *Pequena História de Sergipe*, publicação que dependeu dos contatos e de apoios ao autor, o qual conseguiu mobilizar no começo da sua carreira profissional em Sergipe. Nesse sentido, ressaltou o apoio do jornalista Antonio Francisco de Jesus, que assinava sob o pseudônimo de A. F. de Jesus, do jornal A Cruzada, que muito o ajudou divulgando o seu livro na imprensa sergipana:

Iniciadas a composição e edição de minha História de Sergipe, mercê da boa vontade de velho tipógrafo, vencendo os embaraços que ao governo não interessou afastar, devido à miose de secretários, vim a ter a primeira demão na imprensa da terra; foi uma surpresa confortadora. Um jovem jornalista do semanário “A Cruzada”, numa atitude de compreensão e irmão a um

desajudado escritor, deu completa cobertura, em artigos às vezes incendiários, à obra que eu entregaria meses depois ao interesse de um público que não conhecia (ARAÚJO, 1968, p. 16).

Apreende-se, do texto, que Araújo (1968) não recebeu o apoio desejado por parte das autoridades educacionais do Estado para a publicação do seu primeiro livro. Mesmo assim, continuou com seu intento, apoiado pelo jornalista que anunciou a iniciativa deste jovem cearense na sua coluna intitulada Livros, Cinema e Outras.

Prosseguem em ritmo acelerado os trabalhos de impressão do mais que esperado livro “Pequena História de Sergipe”, do professor Acrísio Araújo. Segundo fomos informados, ele pretende tirar um milheiro nesta primeira edição o que, segundo nos parece, vai voar nos primeiros dias, pois, diversos pedidos já estão sendo feitos tanto por pessoas como livrarias de outras partes do Brasil onde sergipanos possuem colônias. Conversa-se que o eminente intelectual cearense professor Acrísio já está preparando outro livro sobre Sergipe, trata-se desta vez, de uma obra exclusivamente física<sup>2</sup>.

Mais uma vez, A. F. de Jesus destacou a importância da obra de Araújo, ressaltando as suas qualidades. Revelou a intenção do autor de que o seu livro fosse incluído nos currículos escolares do Estado:

O filósofo, advogado, historiador e poeta cearense Dr. Acrísio Araújo, aqui radicado há mais de dois anos, fez um estudo profundo da nossa terra durante esse período de tempo em que aqui esteve, estudo êste que será impresso e publicado brevemente. O livro terá como título - “Pequena História de Sergipe”. Pelo estilo empregado, tem o prof. Acrísio Araújo esperança de que seu livro seja incluído entre os livros didáticos nos currículos das escolas de Sergipe. Não tivemos oportunidade de lêr o escrito, ouvimos, porém, elogiosas referências a respeito<sup>3</sup>.

Essa notícia suscitou uma grande quantidade de perguntas de pessoas interessadas em saber maiores detalhes sobre a *Pequena História de Sergipe*. Para acalmar a impaciência e a expectativa dos leitores sobre o livro, A. F. de Jesus fez um relato, fornecendo informações a respeito da obra, que ainda se encontrava na gráfica:

Já noticiamos mais de uma vez o lançamento literário que está programado para o próximo mês de março em nossa capital. Como todos sabem, trata-se do livro “Pequena História de Sergipe”, do professor Acrísio Araújo [...] Atendendo a vários pedidos e perguntas sobre o andamento da referida obra,

---

<sup>2</sup> Jornal A CRUZADA, Aracaju, 06 de Janeiro de 1966. p. 7.

<sup>3</sup> Idem, p. 9.

publicamos na oitava página desta edição, além de um comentário sobre os primeiros capítulos um relato do andamento dos serviços de impressão<sup>4</sup>.

Como se propôs, A. F. de Jesus ofereceu ao público sergipano uma extensa reportagem intitulada Um livro para Sergipe, contendo em sua oitava página o andamento de sua produção e um apanhado geral sobre o conteúdo da obra:

Em nosso número de nove de janeiro do ano em curso, noticiamos a circulação breve, em nosso Estado, de Uma pequena história de Sergipe, de autoria do professor Acrísio. Na mesma edição dizíamos que o livro trazia um prefácio do historiador Virgínio Santana, o que representa uma garantia do valor e do mérito do referido trabalho. Os primeiros dez capítulos, compreendendo mais de setenta páginas, já foram impressos na tipografia da Livraria Regina. E os trinta capítulos restantes estarão no prelo nas próximas semanas. Tivemos oportunidade de ler os primeiros capítulos da referida obra e podemos afirmar que agradará plenamente os leitores e os curiosos da história de nossa terra. Além de estarem os capítulos suficientemente desenvolvidos, chamou-nos a atenção a originalidade da denominação dos capítulos como também o conteúdo dos mesmos. O segundo capítulo, tomando como exemplo, tem o título sugestivo: O Herdeiro e a Herança indesejável. E narra numa linguagem clara e perfeita o sinistro legado deixado por Manuel Pereira Coutinho. Também o oitavo capítulo tem um título sugestivo: O Longo Período da Tetrarquia. E se refere ao período de mais de meio século em que Sergipe, Ilhéus e Porto Seguro estiveram subordinados à Bahia. Desta forma só nos resta aguardar que a Pequena História de Sergipe comece a circular em nosso meio. E por hora, só nos cabe desejar do professor Acrísio Araújo o mais completo êxito nesta tarefa histórica que ele em tão boa hora empreendeu<sup>5</sup>.

O Diário de Aracaju também comentou o esforço do historiador cearense que oferecia aos sergipanos uma História de Sergipe.

Há mais de 2 anos que um cearense aqui radicado estuda a história do nosso Estado, através de documentos dos tempos da Colônia, do Império e da República, existentes nos Arquivos e nas Bibliotecas. Este homem, o Dr. Acrísio Torres Araújo - filósofo, advogado, historiador e poeta. O seu livro intitulado - Pequena História de Sergipe. O original já se encontra na Livraria Regina Ltda, desta capital, para ser impresso. Espera o Dr. Acrísio poder lançar o seu livro, no dia 1º de março vindouro, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. A obra é prefaciada pelo professor Virgínio Sant'Anna, um dos maiores historiadores e dos melhores professores de Sergipe. Pelo estilo empregado, tem o Professor Acrísio Araújo grande esperança que o seu trabalho literário seja incluído nos currículos escolares como livro didático. Crêmos que os sergipanos saberão dar o seu apoio a êste homem que sacrificou mais de 2 anos de sua preciosa vida em profundos estudos sobre nosso Estado, a fim de nos oferecer uma obra

---

<sup>4</sup> Jornal A CRUZADA, Aracaju, 22 de janeiro de 1966, p. 1.

<sup>5</sup> Idem, p. 8.

realmente útil e científica. As referências que temos ouvido a respeito do livro em aprêço, são sempre elogiosas<sup>6</sup>.

Depois do apoio recebido do jornal A Cruzada e, principalmente, do Diário de Aracaju, o escritor teve os seus ânimos incentivados, as suas esperanças cresceram e:

Foram mesmo dissipando os laivos de desânimo que haviam pontilhado levemente o meu espírito ante as primeiras dificuldades. Vez por outra, alguém, um futuro leitor, aparecia na tipografia, e apontando a nota do jornal, indagava quando o livro estaria pronto, e, nesses interessados alguéns eu passei a ver centenas de outros; procurei o jovem jornalista e lhe apertei reconhecidamente a mão (ARAÚJO, 1967, p.17).

Calazans, ao se reportar ao trabalho de Araújo, comentou que depois que o compêndio de Elias Montalvão, que tratava da História e Geografia de Sergipe, saiu das escolas, os professores e alunos ficaram sem meios de conhecer a história sergipana. Araújo, com a sua nova produção, “tomou a incumbência de preencher a lacuna, escrevendo uma História para o 3º ano primário” (SILVA, 1992, p.27).

O livro de Araújo foi recomendado pelo Conselho Estadual de Educação, em parecer aprovado em 1966, tornando-se um subsídio para o professor primário e um guia para o estudante da História de Sergipe. O seu lançamento foi anunciado por diversos jornais sergipanos, tais como, Diário de Aracaju e o Diário Oficial do Estado de Sergipe e A Cruzada, que registrou esse momento, enfatizando que o primeiro milheiro da obra tinha se esgotado:

O primeiro milheiro da inicial edição da pequena História de Sergipe esgotou-se por completo. O professor Acrísio Torres Araújo informou-nos que agora cuida de uma nova edição de sua tão útil obra. Vem ampliada, devidamente corrigida, com ilustrações e com encadernação mais segura. Fomos informados também de que a Secretaria de educação e cultura do Estado, na sua ânsia de proporcionar ao Estado uma cultura sempre mais alta, através de seu secretário, Sr. José Carlos, está providenciando já o início de composição do livro do professor cearense, será uma dupla vitória. Dos alunos e da Secretaria que, assim, caminha para a sua realização como órgão ao bem da cultura. De parabéns, portanto, o Sr. Secretário José Carlos que vem marcando sua estada à frente da Secretaria com uma luta séria e frutuosa, ao bem da inteligência do trabalho intelectual<sup>7</sup>.

Na edição de 12 de fevereiro, A. F. de Jesus anunciou que, a partir da semana seguinte, A Cruzada estaria entrevistando, semanalmente, um homem das letras de Sergipe ou que estivesse residindo, atualmente, no Estado. O objetivo da entrevista seria “apresentarmos

<sup>6</sup> Jornal DIÁRIO DE ARACAJU, Aracaju, 12 de janeiro de 1966, p. 06.

<sup>7</sup> Jornal A CRUZADA, Aracaju, 12 de novembro de 1966, p. 9.



o que já conhecemos em parte, trazermos à luz da popularidade os que ainda não tiveram ensejo de se tornarem conhecidos, mas que possuem de fato a veia genial de um verdadeiro homem dedicado à cultura e à arte”<sup>8</sup>. O referido jornal ressaltou que Araújo seria o primeiro intelectual a ser entrevistado, por ser ele um escritor que, à época, estava trabalhando em uma obra dedicada a Sergipe, sendo citada aquela já bastante conhecida. No dia 19 daquele mesmo mês, o jornalista realizou a aludida entrevista, fornecendo aos leitores um amplo relato da vida e obras publicadas desse intelectual forasteiro.

No Diário de Aracaju, Tereza Neuman comentou o livro de Araújo, mostrando que o mesmo fora adotado em vários colégios da capital sergipana.

A “Pequena História de Sergipe”, tão propagado por nós, quando na fase de elaboração e impressão, já se encontra à venda na cidade. O Prof. Acrísio não cabe em si de contentamento, com muita razão, aliás, já que seu livro foi adotado por diversos Colégios da Capital, nos cursos pedagógicos, científico e ginásial. Os colégios Nossa Senhora de Lourdes, Tobias Barreto, Tiradentes, Walter Franco, Senhor do Bomfim, Ginásio de Aplicação, Colégio Estadual e Escola Normal já adotaram a obra em aprêço. Espera-se que os demais estabelecimentos de ensino de nosso Estado venham, igualmente, a adotar o mencionado livro, uma verdadeira dádiva para a juventude sergipana<sup>9</sup>.

Já o Diário Oficial do Estado de Sergipe registrou a visita que Araújo fez ao Governador, presenteando-o com um exemplar da referida obra:

O chefe do govêrno recebeu, nas primeiras horas da noite de sexta, na Residência de veraneio da Atalaia, o professor Acrísio Torres de Araújo, que ofereceu a S. Excia., com expressiva dedicatória, um exemplar de sua “Pequena História de Sergipe”, de sua autoria e dividida em 40 capítulos, contendo 78 páginas. O chefe do Estado, manifestando-se ao cativante gesto do jovem historiador, louvou-lhe a iniciativa, prometendo lêr, com interêsse e simpatia, o seu trabalho<sup>10</sup>.

Com essa publicação, Araújo abriu espaço para uma acirrada disputa intelectual no campo da História e começou a ampliar a sua rede de relações, estabelecida entre as figuras políticas e culturais de prestígio em Sergipe. No período que vai de 1966 até os dias atuais, publicou no Diário de Araújo e na Gazeta de Sergipe, um discurso, cinco biografias, uma memória, dezoito livros didáticos, um ensaio, duas obras históricas, duas obras sobre política,

---

<sup>8</sup> Idem, p. 7

<sup>9</sup> Jornal DIÁRIO DE ARACAJU, Aracaju, 8 de março de 1966, p 7.

<sup>10</sup> DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 19 de abril de 1966, p. 8.

uma coleção de peças de teatro e diversos artigos versando sobre política, intelectuais, educação, produzidas, quinzenalmente, nas décadas passadas.

Apesar das críticas recebidas por partes dos intelectuais e especialistas nos meios de comunicação impressos existentes no estado, seus livros foram reeditados e utilizados nas redes públicas e particulares de Sergipe e, mesmo seus opositores mais ferrenhos, reconhecem que Araújo teve um papel muito importante no sentido de sistematizar os conteúdos sobre a História de Sergipe, fazendo-a conhecida dos estudantes de então. No Quadro 1, a seguir, pode-se observar toda a produção dos anos de 1970, dos livros didáticos de Araújo.

**QUADRO 1 - Livros didáticos produzidos por Acrísio Tôrres Araújo na década de 1960**

Nº/Ordem	TÍTULO DA OBRA	ANO	EDITORA	OBSERVAÇÃO
01	Pequena História de Sergipe (3º ano primário)	1966	Livraria Regina	Adotado em diversas escolas do Estado para os alunos do terceiro ano primário.
02	Geografia de Sergipe (3º ano primário)	1966	Livraria Regina	Adotado nas escolas públicas do Estado para os alunos da terceira série primária. Essa publicação corresponde à 4ª edição, exemplar nº 0521; com a professora Gildete Lisboa, encontrou-se a 2ª edição (esgotada), publicada em 1967 pela gráfica J. Andrade, com 72 páginas, no IHGS, acharam-se mais duas edições dessa obra: a 3ª edição com o mesmo conteúdo e número de páginas da 4ª (90), nº do exemplar 0745 e a 6ª edição, exemplar nº 4.710, com 79 páginas e alterações no conteúdo. Na Biblioteca do Município foi encontrada a 9ª edição, com 77 páginas, a qual contou com a participação do INL/MEC que, em regime de coedição, permitiu o aumento da tiragem e a consequente redução do custo editorial.
03	Aracaju minha capital	1967	Editores do Brasil/SP	Produzida para as crianças da 2ª série primária.
04	História de Sergipe	1967	J. Andrade	Segunda edição da Pequena História de Sergipe, produzida em 1966.
05	Dramatizações na escola	1968	Livraria Regina	Peças teatrais de caráter histórico-educacional.
06	Geografia de Sergipe	1969	Livraria Regina	Adotado nas escolas públicas do Estado, é um trabalho dedicado a Laudelino e a Silva Lisboa, por eles terem sido os pioneiros desses estudos.

**Fonte:** IHGS, BICEN, BPED, Biblioteca do Colégio Arquidiocesano.

Como mostra o Quadro 01, Araújo produziu seis livros didáticos entre os anos de 1966 a 1969, cuja principal preocupação, com essas publicações, foi de sistematizar os conteúdos para o ensino, oferecendo às crianças e aos professores sergipanos o conhecimento de sua terra. Além de *A Pequena História de Sergipe (1966)*, já comentada, e *a Geografia de*

*Sergipe*, também no mesmo ano, Araújo lançou *Aracaju minha capital*, em 1967, obra voltada às crianças da 2ª série primária. Tendo alcançado sucesso editorial com seus compêndios didáticos ao final de 1967, Araújo juntou as críticas da primeira edição da sua *Pequena História de Sergipe*, às quais sugeriam reparos, para produzir, de forma ampliada, a segunda edição dessa obra, mudando, inclusive, o seu nome para *História de Sergipe*.

Lima fez uma apreciação crítica a respeito da citada obra, que fôra comentada por Araújo (1973) nas páginas iniciais da biografia que fez sobre aquele jornalista. Vale conferir a referida apreciação, encontrada na Gazeta de Sergipe:

Recebi com prazer a segunda edição da 'História de Sergipe' de autoria do ilustre professor Acrísio Tôrres Araújo, que vem prestando relevantes serviços à mocidade das nossas escolas. Está, realmente, melhorado, ampliado, o trabalho do distinto professor que poderá, com certeza despertar a inteligência da nossa juventude para conhecer e guardar na memória os primeiros episódios históricos, sociais que concorreram para a nossa formação de homens escravizados política e territorialmente ao governo da Bahia. Sairão também em segunda edição, para o curso primário a 'Geografia de Sergipe', já adotada, com proveito, nas escolas da capital e do interior. Observamos alguns cochilos que certamente serão corrigidos na terceira edição. O preclaro mestre insiste em afirmar, arrimado no dicionário de Velho Sobrinho, que o escritor Armando Fontes nasceu em Aracaju. Não é verdade. Nasceu em Santos, quando ali seu genitor se estabelecera com uma farmácia. O Dr. Armino Guaraná também registrou no seu dicionário Bio-Bibliográfico o nascimento do capitão Mor João Pereira Figueiras, guerrilheiro nas terras cearenses, como nascido em Santo Amaro, de onde saíra com quatro anos de idade. O destemeroso lutador e vencedor de Fidiê, no Cariri, nasceu em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Tenho filhos nascidos em Salvador e Pojuca, mas não espalharei que vieram à vida em Sergipe. Outro equívoco: o poeta Freire Ribeiro não nasceu em Socorro, Bairro Chica Chaves, subúrbio desta capital. O novelista Paulo Dantas não nasceu em Riachuelo, mas em Simão Dias. Esses bio-bibliógrafos andam muito mal informados. Esqueceu o ilustre professor Acrísio Tôrres de inscrever na sua História o nome do glorioso e infeliz poeta Hermes Fontes, nascido em Boquim, bem assim o do grande lírico Garcia Rosa, nascido em Japarutuba, e o bacharel, médico e filólogo notável, Maximino Maciel, nascido no Rosário do Catete, autor da "Gramática Analítica", da Gramática Descritiva e mais compêndios de Química e Botânica. Arrola o ilustre mestre o meu colateral, padre-doutor Manuel José da Silva Pôrto, diplomado em Coimbra, Juiz de Direito de Vilanova, hoje Neópolis, como facínora, encarcerado no Governo Provincial do Barão de Muritiba. O ilustre mestre, que está prestando ótimos serviços no campo da historiografia, precisa saber, sobre a trágica ocorrência, em longa nota, no seu "Tobias Barreto, Desconhecido", o que escreveu Sebrão Sobrinho, o maior historiador contemporâneo, ainda vivo, residente ali na rua do Lagarto. Muito obrigado<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Jornal GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 2 de setembro de 1967. p. 2.

Nessa extensa citação, vê-se que Lima, em publicação na Gazeta de Sergipe (1967), inicialmente, elogia e ressalta a importância da obra para a juventude sergipana e, em seguida, aponta erros que ele chamou de “cochilos”, alguns atribuídos ao fato de Araújo ter-se referido no *Dicionário de Velho Sobrinho* (1937), o qual, segundo o jornalista, já continha erros. Por outro lado, como se fôsse uma espécie de consolo, o jornalista mostrou uma série de equívocos cometidos por outro grande intelectual sergipano, Armindo Cordeiro Guaraná, finalizando o seu texto agradecendo a Araújo por presenteá-lo com a citada obra.

Em 1969, Araújo publicou outra *Geografia de Sergipe*, dedicada a Laudelino Freire e a Silva Lisboa, por terem sido os pioneiros nesses estudos. Araújo escreveu também peças teatrais de caráter histórico educacional. *Dramatizações na escola*, conforme citado na Gazeta de Sergipe, trata de uma coleção de peças teatrais para serem representadas nas escolas primárias. Foi editado graças ao apoio do governo do Estado, que o financiou em parte. Percebe-se aqui, claramente, o relacionamento de Araújo com o Estado ou com o poder constituído, ao buscar apoio para subvencionar sua obra.

No início dos anos setenta, de acordo com a nova lei, Araújo produziu 12 livros didáticos, quatro destes sendo antologias didáticas destinadas à área de Comunicação e Expressão, dois voltados para o estudo da História e cinco destinados à área de Estudos Sociais. Para a área de Comunicação e Expressão, as antologias didáticas compõem-se de quatro exemplares, intitulados *Leituras Sergipanas*, para as quatro séries do ensino primário. Segundo o autor, esses livros possibilitariam aos estudantes o conhecimento dos valores literários do Estado. No campo da História, produziu mais duas obras sobre Sergipe, sendo uma para a Escola Normal - *História de Sergipe* - e outra *História de Sergipe*, para os alunos da terceira série primária. Essas obras encontram-se apresentadas no Quadro 2.

**QUADRO 2 - Livros Didáticos produzidos por Araújo Tôrres Araújo na década de 1970**

Nº/Ordem	TÍTULO DA OBRA	ANO	EDITORA	OBSERVAÇÃO
01	Leituras sergipanas (3ª série)	s/d	Editora do Brasil/Salvador BA	Antologias de autores sergipanos, mediante as quais os estudantes poderiam ter ideia dos valores literários do Estado.
02	Leituras sergipanas (4ª série)	s/d	Editora do Brasil/Salvador BA	Idem
03	Leituras sergipanas (1ª série)	1970	Editora do Brasil/Salvador BA	Idem
04	História de Sergipe	1970		Especialmente escrita para a Escola Normal.
05	Aracaju, minha Terra- Estudos Sociais.	1973	Editora do Brasil/Salvador BA	Escrito para os alunos da 2ª série primária, com 76 páginas.
06	Minha Terra, Minha Gente.	1973	Editora do Brasil/Salvador BA	Adotado nas escolas do Estado para as crianças da 1ª série primária.
07	Geografia de Sergipe- Estudos Sociais	1973	Editora do Brasil/SP	Adotado nas escolas públicas do Estado para os alunos da terceira série do 1º grau. O conteúdo desse livro é apresentado em 77 páginas, sendo um exemplar pertencente ao aluno Ariosvaldo Almeida, da 4ª série do Educandário Santa Inês.
08	Sergipe e o Brasil: estudos sociais (4ª série)	1973	Editora do Brasil/SP	Exemplar encontrado na 13PED. Peretenceu ao aluno Adilson Almeida de Oliveira, estudante das Escolas Reunidas São Domingos Sávio, em 01/05/1977, e residente à Rua Estância 1.580, em Aracaju/SE. O livro tem 123 páginas.
09	História de Sergipe (3º ano primário) - Estudos Sociais.	1973	Editora do Brasil/Salvador BA	Recomendado pelo Conselho Estadual de Educação para as escolas públicas e particulares do Estado, 79 páginas.
10	Leituras sergipanas 2ª série	1976	Editora do Brasil/Salvador Ba	Antologias de autores sergipanos, mediante as quais os estudantes poderiam ter ideia dos valores literários do Estado.
11	Literatura Sergipana	1976	Centro Gráfico do Senado Federal - Brasília	Dicionário de literatos sergipanos.
12	Geografia de Sergipe-Ensino de 1º grau – Estudos Sociais	1979	Centro Gráfico do Senado Federal - Brasília	Segundo o próprio autor foram produzidos dois mil exemplares sob o patrocínio do Senador Augusto Franco.

**Fonte:** IHGS, BICEN, BPED e Biblioteca do Colégio Arquidiocesano.

O lançamento de *Sergipe e o Brasil* teve uma grande repercussão na imprensa. Araújo, homem de poucas decepções na vida, teve-as tão somente com intelectuais medíocres e invejosos (SANTOS, 2005). Na mesma entrevista, Araújo mencionou que nunca recebera sugestões para a realização do seu trabalho, mas as críticas recebidas, segundo ele, eram infundadas, injustas, tolas e inconsequentes, como aquelas feitas pela professora Nunes. As

críticas foram muitas, surgidas com a publicação desse livro, as quais ele conseguiu destruir, respondendo a todas, na imprensa.

Consultando os jornais da época, encontrou-se uma acirrada disputa no campo intelectual da História e da Geografia de Sergipe, iniciada por Nunes, licenciada em Geografia e História, e professora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFS. Nunes iniciou o seu texto comentando a relevância do livro didático, em geral, no processo de formação do educando, enfatizando:

Em Sergipe, exceto a experiência de Elias Montalvão com “Meu Sergipe”, o livro didático foi sempre desligado do nosso meio e de seus problemas. A pequena população escolar não estimulava os intelectuais sergipanos a se voltarem para esse tipo de atividade. Apenas houve algumas exceções como a de Acrísio Cruz, por exemplo. Assim que o professor Acrísio Tôres começou a publicar estudos sobre a História de Sergipe, visando a escola primária, acreditava-se que uma nova época começava (NUNES, 1973, p.2).

Em seguida, elogiou o livro, dizendo que o mesmo era muito bem apresentado formalmente, com excelentes ilustrações que o tornavam atraente. Por outro lado, destacou que “não há uniformidade estilística. Ora a linguagem é simples, acessível, ora é empolada, de difícil entendimento [...] Não procurou aprimorar as qualidades que realmente têm, na elaboração de livros para nossa juventude” (Idem).

Nunes (1973) apontou erros primários e contradições, como os encontrados na página 19: “No litoral norte estão os arquipélagos amazônicos, Fernando de Noronha e a Ilha do Maranhão”. Ora, Fernando de Noronha é um arquipélago oceânico, situado a 360 léguas da costa do Rio Grande do Norte, portanto, no Nordeste do Brasil” (p. 2). E, apontou erros encontrados em cada página, assim como o fez Manuel dos Passos Oliveira Telles com o seu oponente Luiz Carlos Silva Lisboa, em 1897. Nunes (1973) finaliza o seu texto indagando à Editora do Brasil, que tinha uma longa tradição em produção de livros didáticos, porque não mantinha um setor especializado para fazer uma revisão linguística, evitando que a referida editora caísse em descrédito, publicando obras apressadas, tais como de Araújo.

Referindo-se à Araújo, Alves (2004) revela que este é “homem de personalidade grandemente apegada às suas convicções e posições filosóficas, vive sempre no ataque às ideias que às suas se opõem ou contrariam”<sup>12</sup>. Araújo não deixou por menos e, quatro dias

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao autor em 19 de março de 2004. João Oliva Alves nasceu em 29 de dezembro de 1929, no município de Riachão do Dantas, filho de José Alves dos Santos e Mariana Oliva Alves. Fez o curso primário em escola pública na sua cidade natal. De boa qualidade, apesar da longa descontinuidade do primário aos níveis seguintes, terminando-o em 1934. Em 1967, aos 43 anos de idade, já casado e residindo em Aracaju, fez o exame de maturidade e, aprovado, ingressou na Escola Técnica de Comércio de Sergipe, onde fez curso de técnico em

depois, respondeu aos “enganos e juízos apressados” de Nunes (1973). Condenou toda a fala da professora, mostrando que não havia erros no seu livro, nem na parte de História nem na parte de Geografia, ressaltando que, para tê-los encontrados, foi preciso ler a sua obra “de muita má fé, ou não ter lido, para refutar assim os capítulos considerados”, conforme declara para a Gazeta de Sergipe<sup>13</sup>, argumentando:

Descobriu a professora Thetis erro quando escrevi: 'No litoral norte estão os arquipélagos Amazônicos e Fernando de Noronha, e a ilha do Maranhão' (Sergipe e o Brasil, cap. 3, p. 19). Ora, não há aí nenhum erro, pois o capítulo trata do LITORAL e não das regiões brasileiras. Ninguém ignora que Fernando de Noronha é uma ilha oceânica, tanto que, no capítulo seguinte escrevi: 'Há ilhas continentais e ilhas oceânicas. Entre as últimas, são importantes as de Fernando de Noronha...' (Sergipe e o Brasil, cap. 4, p. 21). Da mesma forma, ninguém ignora que Fernando de Noronha fica na região nordeste. Por isso, escrevi: 'A região NORDESTE está constituída dos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e o território de Fernando de Noronha' (Sergipe e o Brasil, Cap. 8, p. 29).

Araújo finaliza seu texto, na Gazeta de Sergipe, fazendo menção à fala de Nunes, que disse ter o autor uma imaginação fértil para escrever livros: “não é preciso lembrar à professora Nunes que a imaginação é um dom. Quem não o possuir poderá ser um digno compilador de fatos, mas nunca será capaz de recriar o passado” (ARAÚJO, 1973, p.2).

Essa polêmica estendeu-se por várias semanas e rendeu outros textos na Gazeta de Sergipe, envolvendo, ainda, o professor Nunes Mendonça que, apesar de não conhecê-lo fez sua defesa e de seus livrinhos didáticos, em jornais de Aracaju e de Estância. Araújo (apud SANTOS, 2005), em sua severa ironia jornalística, afirmava que as críticas eram: a) por não ser sergipano, mas cearense; b) por escrever os livros que nunca quiseram ou souberam escrever. Acerca do entendimento da construção da História Conhecimento e História Vida, as diferenças teóricas referem-se ao que Bourdieu (1998) e Sirinelli (1998) caracterizam como uma disputa de campo por espaço. Essa ideia é corroborada por Freitas (2006), em *A Guerra das Propedêuticas*.

Ao final daquela década, já residindo em Brasília, Araújo (1976, p. 9) lançou a *Literatura sergipana*, com o propósito de “servir aos jovens sergipanos, iniciando-os no

---

contabilidade, terminando-o em 1971. Em seguida, cursou Direito na UFS, concluindo-o em 1976. O seu primeiro trabalho foi como balconista, aos 12 anos de idade. Aos 17, ingressou na Prefeitura de Riachão (com o nome de sua irmã, Josefa, até completar 18 anos) como Secretário-Tesoureiro do município. Ingressou por concurso no IBGE e, por concurso, também trabalhou na Justiça Eleitoral, onde se aposentou em 1984. Exerceu também o jornalismo. Aos 78 anos foi eleito para a Academia Sergipana de Letras.

<sup>13</sup> Gazeta de Sergipe, Aracaju, 22 de maio de 1973, p. 2.

conhecimento de sua valiosa cultura literária”, e a *Geografia de Sergipe-Ensino de primeiro grau Estudos Sociais*, em 1979. À época, o Senador Augusto Franco era candidato ao governo de Sergipe e demonstrara interesse na reedição de alguns de seus livros. *Aracaju, minha Terra*, outro livro do autor, foi escrito para os alunos da 2ª série do curso primário. *Minha terra minha gente*, publicado em 1973, com 63 páginas, impresso pela editora do Brasil-Salvador, para os alunos da primeira série primária, receberam a seguinte dedicatória:

Foi escrito para você que cursa a primeira série. Por isso, a sua linguagem é muito simples, espontânea como você, e breves capítulos. Você terá, naturalmente, pequenas dificuldades, mas seu papai, sua mamãe, sua professora o ajudarão nesses momentos. Está nas suas mãos, pois, o livrinho “Minha Terra, Minha Gente”. Deus ajude você na tarefa de estudar e aprender para o futuro deste pequeno Estado (ARAÚJO, 1976, p. 4).

A primeira biografia foi lançada ao final de agosto de 1967, sobre o historiador Virgínio de Sant’Anna. Como se observou nas representações construídas pelos jornais de Aracaju da época, este biografado prefaciou a *Pequena História de Sergipe*, de Araújo, em 1966, garantindo à obra literária, segundo os mesmos jornais, valor e mérito. Essa foi muito anunciada na imprensa sergipana, contando, em seu lançamento, com a presença de vários intelectuais sergipanos. A Gazeta de Sergipe registrou esse momento: “Araújo é um cearense que se tornou sergipano pelo interesse e dedicação à história deste Sergipe [...] acaba de lançar um outro livro sobre a personalidade do *Velho Mestre Virgínio de Sant’Anna*, com o acolhimento devido pela nossa sociedade cultural”<sup>14</sup>.

O Diário Oficial do Estado de Sergipe, de 30 de agosto de 1967, publicou uma extensa nota elaborada pelo Gabinete do Governador sobre essa primeira biografia, permitindo perceber, conforme Sirinelli (1998), a rede de relações que se firmava em torno de Araújo, que já transitava no meio intelectual sergipano: “O governador Lourival Baptista se fez representar pelo Assistente técnico, jornalista Juarez Ribeiro, na solenidade de lançamento do livro “Virgínio de Sant’Anna”, realizada às 20 horas de ontem, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe”.

Após a abertura da solenidade, pelo representante do Chefe do Executivo e a respectiva composição da mesa, usaram da palavra o poeta Freire Ribeiro, o Desembargador Joel Macieira Aguiar, a assistente social Anete Figueiredo Santos, o jornalista Clarêncio Fontes, Presidente do CIRJAP, o Dr. Djalma Ferreira de Oliveira, Juiz de Direito de Japaratuba e o professor Acrísio Torres de Araújo, todos ressaltando as qualidades do mestre

---

<sup>14</sup> Jornal GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 28 de agosto de 1967, p. 5.



e amigo, o professor Virgínio de Sant' Anna que, por 50 longos anos, serviu ao magistério sergipano. Após as palavras do homenageado, o jornalista Juarez Ribeiro, representante do Governador Lourival Baptista, louvou a iniciativa da publicação do livro sobre o antigo mestre.

O professor Acrísio Torres de Araújo autografou seu novo livro para os presentes, “entre os quais se encontravam, o Secretário de Agricultura, Dr. Jeugo Schmidt, o poeta Freire Ribeiro e Severino Uchoa, Prof. João Evangelista Cajueiro, Presidente da Academia Sergipana de Letras, e outras pessoas ligadas aos meios culturais do Estado”<sup>15</sup>.

O Diário de Aracaju também comentou essa solenidade:

O professor Acrísio Torres de Araújo, autor de “História de Sergipe”, livro adotado oficialmente em estabelecimentos de ensino do Estado, procederá, esta noite, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, às 20 horas, o lançamento de seu novo livro “Virgínio de Sant'Anna”, que foi o mais culto mestre de História, durante várias décadas, nos colégios da capital sergipana, atualmente aposentado, depois da prestação de inestimável serviço à formação de nossas gerações. O lançamento do professor Araújo merece o apóio e prestígio de toda a comunidade<sup>16</sup>.

Esse mesmo jornal mostrou que os professores e os alunos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes prestigiaram o lançamento da obra:

Lançado em noite de autógrafos, no último domingo, e com a presença de autoridades, intelectuais, presidentes de associações culturais, professores, direção e alunos do Colégio N. S. de Lourdes, o livro sobre Virgínio de Sant' Anna, um dos reais valores da inteligência sergipana, escrito pelo professor Acrísio Torres de Araújo, vem alcançando boa receptividade, uma vez que todos são unânimes em afirmar que a publicação do presente trabalho biográfico veio satisfazer uma necessidade há muito relacionada, pois com isso, se fez justiça a um dos mais dedicados professores do Estado, catedrático, aposentado, e que possui além de outros méritos, o de ter sido um bom jornalista<sup>17</sup>.

No mesmo ano em que recebera o título de Cidadão Aracajuano, 1968, Araújo elaborou o seu segundo trabalho biográfico: *O Secretário de Guilherme Campos*. A Gazeta de Sergipe relatou a solenidade do seu lançamento no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, citando os intelectuais sergipanos presentes ao evento.

<sup>15</sup> DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, Aracaju, 30 de agosto de 1967, p. 5.

<sup>16</sup> Jornal DIÁRIO DE ARACAJU, Aracaju, 27/ 28 de agosto de 1967, p. 3.

<sup>17</sup> Idem, 24 de agosto, p. 3.

No último sábado, o professor Acrísio Tôres lançou o livro “O Secretário de Guilherme Campos”, uma obra biográfica. O professor Acrísio, natural do Ceará, é pessoa bastante conhecida entre nós, principalmente nos meios intelectuais. Estiveram presentes, entre outros, o Arcebispo Metropolitano D. José Vicente Távora; o Vice-Governador, Dr. Manoel Cabral Machado; Professora Olga Maria Andrade, e várias outras personalidades do nosso mundo intelectual<sup>18</sup>.

Naquela noite, conforme mencionou em carta, “um dos oradores, Manoel Cabral Machado, lançou a ideia de criar a disciplina História de Sergipe na Escola Normal e minha nomeação como titular dela, como reconhecimento e estímulo às pesquisas históricas, geográficas e literárias por mim realizadas” (ARAÚJO, 2003, p. 363). Na ocasião, esclareceu que “não se tratava de criar a citada cadeira, mas de restaurar a disciplina História de Sergipe, pois a mesma havia sido criada em 1870, no império, no governo de Cardoso Lima Junior, com o título de História do Brasil e de Sergipe” (Idem, p. 364).

Segundo Araújo (2003, p. 365), Brício Cardoso foi quem primeiro ministrou essa cadeira na escola Normal, acrescenta que, “na verdade, não Brício, mas eu fui o primeiro professor de História de Sergipe da Escola Normal, porque a cadeira foi restaurada em 1968, apenas com o nome de História de Sergipe”. O autor passou a dar aulas na citada instituição em 1969, onde permanecera até 1973, quando foi nomeado chefe de Gabinete da Secretaria da Justiça, no Governo de Paulo Barreto de Menezes. Para ficar a serviço exclusivo desse órgão e da Companhia de Habitação de Sergipe (COHAB), Araújo afastou-se do magistério.

Foi, também, no ano de 1970 que Araújo teve a sua inscrição para concorrer à vaga na Academia Sergipana de Letras. A Gazeta de Sergipe comentou o fato:

Fundamentado nos pronunciamentos emitidos pelas comissões julgadoras designadas para avaliar o mérito das obras literárias apresentadas pelo Dr. Luiz Carlos de Alencar e Acrísio Tôres Araújo, candidatos respectivamente às cadeiras 26 e 36 da Academia Sergipana de Letras, o presidente Severino Uchoa determinou a inscrição dos referidos intelectuais para concorrerem às vagas existentes naquela instituição cultural<sup>19</sup>.

Em 11 de setembro de 1974, o professor Araújo (2003, p. 74), tinha a Filosofia como seu “querido passatempo [...] como já dissera Platão, e as músicas dos gênios, Beethoven, Schubert, Mozart, Chopin, Brahms Bach etc.” Tomou posse da cadeira de número 36, cujo

<sup>18</sup> Jornal GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 01 de setembro de 1968, p. 5.

<sup>19</sup> Idem, 4 de novembro de 1973, p. 4.

patrono é Brício Cardoso e anteriormente ocupada por Hunald Cardoso. Araújo proferiu um discurso elaborado em 25 páginas, versando sobre aqueles personagens, exaltando-os.

Os anos de 1970 foram bastante movimentados na vida do professor Araújo. Por motivos familiares, ele deixou o antigo sonho de viver em Curitiba e mudou-se para Brasília, em 1977, porque era preciso encaminhar os filhos. Anos antes de efetuar essa mudança, recebera, em 1974, o título de Cidadão Sergipano na Assembleia Legislativa, concedido pelo Deputado Leandro Maciel Filho.

Antes de sua mudança para a capital federal, Araújo escreveu diversos trabalhos, dando continuidade à produção de biografias, elaborando mais três delas: em 1973, a de Zózimo Lima, o qual, conforme citado anteriormente, fôra importante para Araújo por ter feito uma crítica elevada da sua primeira obra didática. Crítica essa, comentada pelos jornais da época e, também, pelo próprio Araújo nas páginas iniciais dessa biografia. Ainda, nesse ano, escreveu sobre Graccho Cardoso, por ocasião da transladação de seus restos mortais do Rio de Janeiro para Sergipe e sobre o médico Augusto Leite, em 1974.

Esse tipo de trabalho iniciado com a biografia de Virgínio de Sant'Anna, obra na qual destacava as qualidades do mestre, fazendo uma espécie de agradecimento por ele ter acolhido a sua primeira obra didática, *A pequena História de Sergipe*, abriu espaço para as produções posteriores, de acordo com o que foi publicado nos jornais da época. A relação biógrafo/biografado tem um sentido importante na trajetória intelectual de Araújo, porque lhe possibilitou o estreitamento das relações com os intelectuais sergipanos.

Na década de 1970, Araújo escreveu, como ele mesmo as denominou, obras de natureza histórica, incluindo-se nesse grupo as suas crônicas. É importante atentar para a posição que esses biografados ocupavam na sociedade sergipana, sem perder de vista a ligação que tiveram com a classe dirigente, além de se conhecer os intelectuais que prestigiaram o lançamento das biografias escritas por Araújo, fato não observado com os seus primeiros compêndios didáticos.

Freitas (2002, p.27) mostrou que “o feudo intelectual é fechado”, ao relacionar os intelectuais que publicaram na década de 1960 na Revista do IHGS, chamando a atenção para a exclusão de alguns forasteiros. Araújo não estava incluído no grupo de intelectuais pertencentes àquela instituição que congregava os intelectuais do momento, mas, através de sua produção de biografias, foi-se inserindo no seletivo grupo de intelectuais sergipanos.

No Quadro 3, encontram-se relacionadas obras consideradas, pelo próprio Araújo, como sendo de cunho histórico.

**QUADRO 3** - Obras de caráter histórico, produzidas por Acrísio Tôrres Araujo, nas décadas de 1970 a 1990.

Nº DE ORDEM	TÍTULO DA OBRA	ANO	EDITORA	OBSERVAÇÃO
01	O Velho Atheneu Sergipense, hoje Colégio Estadual de Sergipe.	1970	Imprensa Oficial / Aracaju - SE	Dedicada àqueles que, em 1870, sonharam com as festas que, hoje, cem anos depois, estão sendo vividas.
02	Sergipe e a Independência do Brasil	1972	Imprensa Oficial / Aracaju	Elaborada para as comemorações do sesquicentenário da Independência do Brasil, foi publicada sob o patrocínio do Governo Paulo Barreto de Menezes. Esse trabalho abrange os anos de 1820 a 1824, compreendendo fatos relativos à independência local e do Brasil, representando um esforço para uma visão desse longo e conturbado período da história política de Sergipe.
03	Imprensa em Sergipe	1993	Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília – DF.	O volume 1 desse livro foi publicado com o apoio do Senador Chagas Rodrigues. Esse volume abrange os jornais lidos de 1832 até 1910. O segundo volume está sendo elaborado.
04	Pó dos Arquivos	1999	Thesaurus	Crônicas históricas dos bastidores da história sergipana.

**Fonte:** Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Biblioteca Pública Epiphaneo Dórea, Biblioteca Central da UFS e Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura.

Nota-se que o autor, mesmo não residindo mais em Sergipe, continuava discutindo aspectos da história sergipana. A primeira, desse conjunto de obras, foi produzida quando Araújo morava em Sergipe, enquanto as demais quando já residia em Brasília. Mesmo não gostando de política, utilizou-se de Aristóteles para definir-se como um animal político. Na verdade, considerava-se um severo crítico dos políticos e, como prova disto, sugeriu, em entrevista, a leitura de seus artigos na Gazeta de Sergipe, onde criticava a atuação de diversos políticos, dizendo não gostar de política. Entretanto, pode-se concluir que o conjunto de seu trabalho mostra o trânsito que tinha na esfera política, buscando daqueles o apoio para subvencionar as suas obras.

Para Gandini (1995, p.13), esse envolvimento entre o intelectual e o Estado é um fator de grande relevância para o conteúdo, a forma e o resultado do trabalho intelectual. No Quadro 4, relacionam-se outras obras de Acrísio.

**QUADRO 4** - Obras de caráter diverso produzidas por Acrísio Tôrres Araujo de 1974 a 1999

Nº DE ORDEM	TÍTULO DA OBRA	ANO	EDITORA	OBSERVAÇÃO
01	Discurso de posse na Academia Sergipana de Letras	1974	S/E	Discurso pronunciado ao tomar posse na cadeira nº 36, da Academia Sergipana de Letras, em 11 de setembro de 1974.
02	Os amores de Pedro II em Sergipe	1981	Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília – DF.	O volume I deste ensaio reflete “Cenas da vida Sergipana”.
03	Cátedra e Política	1988	Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília – DF.	Cartas publicadas no Jornal de Brasília, as quais, segundo o autor, são cartas contra a ditadura militar (1964-1985).
04	Sergipe: Crimes Políticos I	1999	Thesaurus	Constitui volume II da série “Cenas da vida sergipana”

**Fonte:** Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Biblioteca Pública Epifâneo Dórea.

Essa relação de publicações não esgota a produção desse homem que continua produzindo pelos caminhos da maturidade, ao qual se pode chamar de polígrafo, pela diversidade de temas que escreveu. Utilizando as categorias definidas por Sirinelli (1998), Araújo é um intelectual criador e mediador. Criador, porque escreveu e continua escrevendo uma infinidade de obras que lhe deram notoriedade, reconhecida na solenidade de lançamento de *O Secretário de Guilherme de Campos*. Quanto à categoria de mediação, Araújo pode ser visto pelo poder de influência que teve e tem de fazer ressoar os seus conhecimentos, oriundos da sua criação para a sociedade.

Araújo completou o seu tempo de professor na Universidade de Brasília (UnB), onde ingressou, em 1978, tendo ministrado aulas até 2002. Atualmente, aposentado, quando lhe foi perguntado sobre as suas horas de lazer, respondeu: “Lazer? Ócio? Para quê? Morto, terei a eternidade para descansar” (SANTOS, 2005). Nos últimos dez anos coordena um projeto de sua autoria para a editora Martins Fontes, de São Paulo: “Voltaire vive”. Disse que se sentiu estimulado ao rever as suas obras didáticas, sobretudo aquelas destinadas ao ensino primário, visando reeditá-las, posteriormente.

Como foi visto anteriormente, passaram-se 44 anos sem que fossem produzidos livros didáticos de História de Sergipe. Os jornais da época denunciavam que o professorado sergipano limitava-se a dar lições de História com livros desatualizados. Assim, depois de uma grande ausência de livros didáticos sobre Sergipe, em 1966 falou-se em livro didático de História de Sergipe. Também foi nesse ano, que o Governo do Estado apresentou a Lei nº 1396, dispondo sobre o Sistema Estadual de Ensino, respaldado na Lei 4024/1961.

No que se refere ao Ensino Primário, enfatizou-se que “no currículo mínimo de Estudos Sociais serão focalizados com realce os episódios e reconhecimento ligados ao

Estado de Sergipe sem prejuízo dos referentes ao Brasil, como Pátria de todos brasileiros”<sup>20</sup>, Quanto ao Ensino Primário, é importante notar que a História aparece como uma disciplina integrante da área de Estudos Sociais. A constituição dessa área substituiria as disciplinas consideradas tradicionais: História e Geografia. No Ensino Médio, o aluno, além de outros conhecimentos, “deve demonstrar um razoável aprendizado da Língua Portuguesa e demonstrar familiarização com os problemas brasileiros, através de conhecimentos sobre a História e Geografia do Brasil”<sup>21</sup>.

Na abordagem de Rocha (2000, p. 135), “a introdução dos Estudos Sociais nas escolas de primeiro e segundo graus fazia parte de um processo mais amplo de reforma da educação brasileira, iniciada já no mesmo ano em que os militares deram o golpe e assumiram o comando do Estado brasileiro”. Segundo Martins (2003, p. 135),

[...] isso implica considerar que o projeto de Estudos Sociais como matéria do ensino antecedeu ao projeto da reforma de 1971. Podemos inferir que à criação dessa matéria no ensino fundamental correspondia a retomada de um projeto antigo e que encontrou possibilidades de implantação graças a uma política ampla de reforma.

Em relação aos livros didáticos de Estudos Sociais, Munakata (1977, p. 1977) destaca:

As “críticas mais duras” eram endereçadas aos livros de Estudos Sociais, que “não levam os alunos à compreensão da realidade e ainda impedem que eles se situem no espaço e no tempo da realidade social brasileira, indispensáveis para a formação da cidadania” (*Folha de São Paulo*, 23/4/1994, p. 3-4). Assim, os livros de estudos sociais (história e geografia) são, em sua maioria, atemporais. Nunca usam fotografias que poderiam contextualizar as atividades propostas em um determinado local e época.

Foi nesse ambiente e no momento em que se reclamava a falta de uma produção didática que englobasse os aspectos da vida sergipana, que a História de Sergipe para o 3º ano primário, de Araújo, chegou ao meio escolar. Assim como o seu livro de História, a História de Sergipe, antes de ser publicada, fôra também comentada pela imprensa, que registrou as configurações sociais próprias do final dos anos de 1960. O autor comentou, na entrevista concedida a Santos, em 2003: “todos os jornais, os de Aracaju e os do interior, sobretudo os de Estância e Propriá etc., noticiaram a publicação de meus livrinhos para o primário”.

<sup>20</sup> DIÁRIO OFICIAL DE SERGIPE. Lei nº 1.396 14 de setembro de 1966. Aracaju, 21 de setembro de 1966. p. 1-3.

<sup>21</sup> Idem.

Complementando, Araújo ressalta que, até aquele momento, “nenhum livro de Geografia de Sergipe era utilizado nas escolas. A minha Geografia de Sergipe passou a ser utilizada por alunos e, em geral, por professores”.

Além desse fato, os jornais daquele tempo evidenciaram que o autor da obra em questão, era um cearense que não era bem visto pelo grupo de intelectuais sergipanos, mostrando, também, a reação destes à iniciativa de Araújo. O Diário de Aracaju elaborou a seguinte nota:

O senhor Acrísio Torres de Araújo, que já tem um livro publicado e adotado com grande aceitação em diversos estabelecimentos de ensino no Estado, está elaborando uma Geografia de Sergipe, para Curso Superior e Geografia e História de Sergipe a ser adotada nas escolas primárias. O lançamento dos dois livros está previsto para janeiro do próximo ano<sup>22</sup>.

O jornalista A F. de Jesus, do A Cruzada, cobrou de Araújo a Geografia de Sergipe, anteriormente por ele anunciada:

O professor Acrísio (aquele cearense que fez a História de Sergipe) anda agora preocupadíssimo. Segundo ele mesmo dizia, este ano de 66 seria sua época de mais produzir. Faria, além da História já esgotada e em cogitação para outra edição, uma Geografia, livrinhos infantis (uma queda sua e de muito carinho) e outra porção de trabalhos literários. Mas, parece que tudo vai ficando só na cabeça do sonhador intelectual. O tempo vai passando e nem para tirar uma segunda edição de sua História de Sergipe, êle está encontrando cobertura das autoridades (algo necessário, infelizmente!). Bem, professor, que faremos nós aqui?”<sup>23</sup>

Lima, através da Gazeta de Sergipe, além de informar sobre o novo livro didático de História de Sergipe, mencionou que os livros utilizados naquele momento em nossas escolas estavam completamente desatualizados:

Está no prelo, segundo me informaram, a “Geografia de Sergipe”, escrita pelo prof. Acrísio Torres, autor da já divulgada “História de Sergipe”. Foi necessário que viesse do sertão do Ceará um jovem intelectual para escrever a nossa história e a nossa geografia, de vez que as escritas anteriormente estão em grande parte desatualizadas. Aguardemos o novo livro do prof. Acrísio, que escreveu bem e seguro nas suas investigações<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> Jornal DIÁRIO DE ARACAJU, Aracaju, 15 de março de 1966, p. 2.

<sup>23</sup> Jornal A CRUZADA, Aracaju, 19 de novembro de 1966, p. 9.

<sup>24</sup> Jornal GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 10 de março de 1967, p. 2.

A História de Sergipe, de Araújo, ficou pronta em meados de 1966. Nesse mesmo período, o autor submeteu-a a apreciação do Conselho Estadual de Educação. O jornal A Cruzada noticiou essa passagem, afora mencionar a falta de um livro dessa natureza nas escolas:

O professor Acrísio Tôres Araújo brevemente estará autografando a segunda edição de sua História de Sergipe. Já vai bem adiantado o serviço de impressão. A maior alegria do mestre cearense é, entretanto, o parecer que o Conselho Estadual deu sobre os dois livros que pretende lançar: História de Sergipe e Geografia de Sergipe para o quarto e (sic) terceiro ano primário. O conselho achou a obra do professor uma iniciativa digna de aplauso e que certamente alcançará grande receptividade entre os estabelecimentos de ensino: Em Sergipe se aprende tudo, menos a história de nossa terra, a não ser em compêndios sobre História do Brasil. O parecer foi aprovado no dia 9 de novembro de 1966, e a relatora foi a professora Neyde Mesquita. É mais uma vitória justa para o professor. Serão mais elementos para a educação de nosso povo<sup>25</sup>.

Sobre esse fato, mencionou o professor Araújo:

O Conselho Estadual de Educação recebeu bem, com amável surpresa, a minha iniciativa de submeter à apreciação de seus conselheiros, os meus livrinhos Geografia de Sergipe e História de Sergipe, 3º ano primário. No encaminhamento, pedi sugestões, mas o CEE se limitou a elogios estimulantes à minha pessoa, ao meu trabalho (SANTOS, 2005).

Consultando o Livro de Atas do Conselho Estadual de Educação, a *Geografia de Sergipe*, do professor Araújo, foi um dos pontos de pauta da reunião realizada no dia 19 de outubro de 1966, estando presentes os seguintes conselheiros: Dalila Cortês Rollemberg, Luciano Duarte, Neyde Mesquita, Celina Oliveira Lima, José Carlos de Souza, João Moreira Filho, Cabral Machado, Lauro Nascimento, Francisco Novais e Acrísio Cruz, comparecendo como convidado, o Dr. João Simões dos Reis. No evento, registraram-se as ausências de Barros Sampaio, Alcebíades Vilas Boas. Na ocasião, “foram lidos ofícios do professor, encaminhando os seus originais de “História e Geografia de Sergipe”, de sua autoria”<sup>26</sup>.

A tramitação do pedido de apreciação da obra, na citada instituição, desencadeou uma ampla discussão em torno do conteúdo proposto pelo novo livro. Isto refletiu uma grande disputa no campo intelectual, fato perfeitamente compreensível, considerando-se que “o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do

<sup>25</sup> Jornal A CRUZADA, Aracaju, 07 de Janeiro de 1967, p. 6.

<sup>26</sup> Ata da centésima quarta sessão plenária do Conselho Estadual de Educação, de 19 de outubro de 1966.



conselho editorial de uma editora” (SIRINELLI, 1998, p. 248). Há de se considerar ainda que, para um grupo de intelectuais sergipanos, Araújo era um recém- chegado à Aracaju, que ensinava em escolas particulares.

Nesse enredo, é importante ressaltar que estava em vias de conclusão a *Geografia de Sergipe*, dos professores Josefina Campos e Fernando Figueiredo Porto, ambos professores do curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e intelectuais renomados. Esses professores pertenciam a um grupo de intelectuais do qual Dom Luciano Cabral Duarte, membro do Conselho Estadual de Educação, fazia parte. É importante perceber a posição que esse grupo, colocado em situação de concorrência pela legitimidade intelectual, ligado a Igreja Católica e a Faculdade de Filosofia, ocupava naquele momento na estrutura do campo intelectual em Sergipe (BOURDIEU, 1982, p.191).

Na reunião do dia 16 de novembro de 1966, estiveram presentes os conselheiros: José Carlos de Souza (Presidente), Carlos Alberto Barros Sampaio, João Moreira Filho, Alcebíades Villas Boas, Manuel Cabral Machado, Celina Oliveira Lima, Neyde Mesquita, Dalila Côrtes Rollemberg e Luciano Cabral Duarte, estando ausentes os conselheiros Lauro Nascimento, Acrísio Cruz e Francisco Melo Novais. Nessa reunião foi solicitado, mais uma vez, à conselheira Neyde Mesquita que desse o seu parecer sobre o programa de História e Geografia de Sergipe, elaborado pelo professor Araújo.

O trabalho deveria receber um voto de louvor pelo seu esforço, mas, que achava o trabalho incompleto e opinava pela sua ampliação e aperfeiçoamento. O conselheiro Luciano Duarte sugeriu que o Conselho não oficializasse nem este nem outro livro didático. Esta foi a conclusão chegada após vários debates<sup>27</sup>.

A opinião de Dom Luciano foi contrária porque apoiava a edição do livro de seus amigos, professores da Faculdade de Filosofia. Araújo por sua vez, era forasteiro e ensinava em algumas escolas particulares. Confirma esta decisão, a afirmação de Micelli (2001, p. 157) sobre a produção e o consumo de obras destinadas aos escolares.

São reguladas, em medida significativa, pelos critérios de legitimidade invocados por grupos de agentes cujos interesses em preservar as posições de que desfrutam exigem a manutenção de uma reserva para as obras que produzem e a comercialização da autoridade intelectual de que se revestem os juízos que externam.

---

<sup>27</sup> Ata da centésima sétima sessão plenária do Conselho Estadual de Educação, de 16 de novembro de 1966.

Mais um mês, e a obra de Araújo ainda tramitava no Conselho Estadual de Educação (CEE). Na reunião de 21 dezembro de 1966, com os seguintes conselheiros presentes, Alcebíades Vilas Boas, Barros Sampaio, Moreira Filho, Melo Novais, Lauro Nascimento, Celina Lima, Neyde Mesquita, Cabral Machado, e na ausência os conselheiros Luciano Duarte, Dalila C. Rollemberg, Acrísio Cruz e José Carlos de Souza, este último a serviço do conselho, “foi lido o parecer da Cons. Neyde Mesquita e do Cons. Relator, prof. Alcebíades Melo Vilas-Bôas sobre a História e Geografia de Sergipe do Prof. Araújo, que foram aprovadas”, conforme mencionando na Ata da centésima nona sessão plenária do Conselho Estadual de Educação (1966).

Desse modo, a obra obteve o aval do CEE, em 1966, para circular nas escolas públicas do Estado de Sergipe. O parecer de aprovação ressaltava a importância desse livro para os professores e para os estudantes da época:

Depois de um estudo dos originais de História de Sergipe e Geografia de Sergipe, do prof. Acrísio Tôres Araújo, que foram encaminhados a este CONSELHO no sentido de serem aprovados e adotados no 3º ano primário, concluímos que esta é uma iniciativa digna de aplausos. Estamos certos de que o seu trabalho terá melhor receptividade em todas as escolas de Sergipe. Opinamos que o CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO recomende estes livros como subsídio para o professor primário e um guia para o estudante de História e Geografia de Sergipe (ARAÚJO, 1966, p.95).

A Gazeta de Sergipe afirmou que os colégios do interior e da capital adotariam aquele livro e informou sobre a quantidade de exemplares produzidos:

A maioria dos colégios particulares de nossa capital e do interior do Estado adotará a partir desse ano os livros “História de Sergipe” e “Geografia de Sergipe”, ambos aprovados pelo Conselho Estadual de Educação, no seu parecer nº 18/66. Ambos os livros, de autoria do professor Acrísio Torres Araújo, que vem dedicando-se no seu trabalho de contar a História de Sergipe. O referido professor também é autor da pequena História de Sergipe, e também lançará nos próximos dias a segunda edição deste livro que vem com o nome “História de Sergipe” mais ampliada e ilustrada. Em conversa com a nossa reportagem o professor Acrísio Torres de Araújo disse que inicialmente a edição desses dois livros escolares será de 5 mil exemplares, mas de acordo com os constantes pedidos vindos dos diretores dos estabelecimentos de ensino primário não só da capital como do interior do Estado, deverá ser impressa uma segunda edição desses dois livros<sup>28</sup>.

A Cruzada destacou o sucesso do livro e comentou a fala do autor, que tinha recebido encomendas de quase todo o interior sergipano: “até os cursos pedagógicos adotarão

---

<sup>28</sup> Jornal A GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 12 de fevereiro de 1967, p. 2.

os meus dois livros”<sup>29</sup>. Em fevereiro, esse jornal noticiou, mais uma vez, sobre os livros *História e Geografia de Sergipe*, para terceira e quarta séries, de Araújo: “Já estão prontos e circulando os dois livros do professor Araújo, História e Geografia de Sergipe para a terceira e quarta séries”<sup>30</sup>. O jornal comentou ainda, conforme o autor, que os referidos livros “vêm obtendo grande sucesso nos meios escolares, visto que quase todos os diretores de grupos e colégios da capital e do interior os estão adotando em seus cursos”<sup>31</sup>.

Em meio aos elogios, vieram as críticas efetuadas por outros jornais, denunciando o pensamento dos intelectuais sergipanos. A Voz de Lagarto elaborou uma nota endereçada ao professor, criticando-o pela deficiência da sua cultura, mas, ao mesmo tempo, parabenizando-o pela sua produção.

Tivemos oportunidade de ler algum dos livros de autoria do ilustre professor Acrísio Torres e entre eles destacamos História de Sergipe e Geografia de Sergipe, ambos do 3º ano primário, os quais foram aprovados pelo Conselho Estadual de Educação e merecem a preferência dos educandários do nosso Estado. Sem nos aprofundarmos sobre os méritos do ilustre professor pela deficiência de cultura, declaramos que estamos convencidos de que os dois livros mencionados nos parecem dignos de serem usados em todos os educandários do Estado. Mesmo porque, ninguém até o momento produziu obras que superassem a História e a Geografia de Sergipe. Pode alguém discordar de alguns fatos ou datas mencionadas na História de Sergipe porque “mestre de obras feitas” existem muitos, mas ninguém se propôs a produzir obras mais aproximadas da verdadeira e real história do nosso Estado. Parabenizamos, pois, ao jovem e ilustre professor Acrísio pelo seu talento e, principalmente, pela sua dedicação a Sergipe, dando sua valiosa colaboração à juventude do nosso Estado<sup>32</sup>.

Nessa representação, são apontados alguns equívocos cometidos pelo autor que, na opinião daquele jornal, deu ênfase à parte econômica, tratou da vegetação do Estado superficialmente e, ainda, classificou o côco como produto agrícola:

O professor Acrísio Tôrres Araújo está se tornando importante em nossos meios cultos. Um ano atrás lançou corajosamente um livro, mais um esqueleto intitulado, 'Pequena História de Sergipe', e agora acaba de lançar mais dois livros (mais folhetos), de grande utilidade e valor. A Geografia de Sergipe do professor Acrísio Tôrres para os cursos primários (em corpo 12) de apenas 70 páginas. É uma obra mais econômica do que física, isto devido certamente à maior facilidade em se conseguir matéria sobre a economia. O autor esquece a vegetação do Estado e fala sempre pelo alto, sem determinar claramente as coisas. Quanto ao mais o livro atende à necessidade de uma

<sup>29</sup> A CRUZADA. Aracaju, 11 de fevereiro de 1967. p. 9.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem, 18 de fevereiro de 1967, p. 3.

<sup>32</sup> Jornal A VOZ DE LAGARTO, Lagarto, 24 de setembro de 1967, p. 6.

obra semelhante. Dentro dos senões que captamos em rápida leitura, assinalaremos dois: na página 46, o côco é citado como um produto agrícola, quando se costuma classificá-lo como extrativo. E na página 54, 'cabritos' é usado para determinar de modo geral a raça caprina, quando cabrito é apenas o bode novo, ainda <sup>33</sup>.

Convém ressaltar os contatos que Araújo manteve com intelectuais sergipanos, submetendo a sua *Geografia de Sergipe* à apreciação daqueles, a exemplo de Lima, que comentou o fato na Gazeta de Sergipe:

Ofereceu-me o prof. Acrísio Torres um volume da “Geografia de Sergipe” para os terceiro e quarto anos do curso primário e o resumo da “História de Sergipe” para o mesmo ciclo. A maneira simples porque escreve o escritor cearense faz com que os seus ensinamentos entrem e se alojem com facilidade na cachola dos garotos<sup>34</sup>.

Na entrevista, o autor descreveu o processo de elaboração de *Geografia de Sergipe*, destacando: “tive apenas de escrever a Geografia de Sergipe e os outros livrinhos didáticos do primário, ‘tarefa agradável’” <sup>35</sup>. Quanto aos autores que subsidiaram a escrita da sua segunda obra didática, de modo controverso, respondeu que leu “Silva Travassos, Laudelino Freire, Silva Lisboa, Elias Montalvão e outros que se ocuparam da corografia sergipana” <sup>36</sup>, mas que não o ajudaram em nada. Afirma, na sua ótica, “os livros que o antecederam já tiveram o seu tempo” <sup>37</sup>.

Quando indagado se, à época em que estava produzindo a *Geografia de Sergipe*, havia mantido contato com os professores do curso de Geografia da Faculdade Católica de Filosofia, respondeu que não, citando os seus interlocutores: “Orlando Dantas, da GS, na qual colaboro desde 1974, Virgínio de Sant'Anna, de quem escrevi a biografia, Epifânio Dória, Jackson da Silva Lima, Gonçalo Rollemberg, Mário Cabral, José Calasans, M. Cabral Machado, João Oliva Alves”. Acerca dessa discussão sobre o que estava fazendo, relatou que “muito conversei com o prof. Virgínio de Sant'Anna, Epifânio Dória e, sobretudo, com Áurea Melo e Gildete Lisboa, sobre os livrinhos primários sergipanos que estava escrevendo; foram grandes estímulos ao meu trabalho didático” <sup>38</sup>.

<sup>33</sup> Jornal A CRUZADA, Aracaju, 11 de março de 1967, p. 9.

<sup>34</sup> Jornal GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 30 de março de 1967, p. 2.

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Entrevista concedida a Santos em 20 de julho de 2003.

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> Ibidem.

Em depoimento dado a Santos (2005), Acrísio não tinha ideia de quantos livros seus, de História e Geografia, foram editados. Sabe-se que eles circularam até início dos anos oitenta. Na entrevista, atesta que

Todas as escolas públicas e particulares, logo os adotaram, como se os esperassem há muitos, muitos anos. [...] Foram recebidos meus livrinhos pelos professores do primário como se os tivesse escrito pra eles e muitos me disseram, agradecidos, que, sobretudo no caso das Leituras Sergipanas, 1º, 2º, 3º e 4º anos, eu havia “globalizado o ensino”, isto é, eu havia incluído a “educação, o aluno, professor”. Nenhuma crítica. Nenhuma sugestão.<sup>39</sup>

Encontraram-se exemplares em várias bibliotecas existentes no estado. Nos jornais lidos durante a presente pesquisa, confirma-se a opinião acima, dada pelo autor, como, também, em depoimento a Oliveira Filho corrobora-se o pensamento de Acrísio e de suas alunas do Curso Normal, assunto que será abordado no capítulo seguinte, inclusive, por causa das aulas globalizadas, as quais se configuravam como um direcionamento da Escola Nova, contidas como metodologia no livro *Didática da Escola Nova*, de Aguayo (1970). Muito embora não se tenha encontrado exemplar da primeira edição, esses dados denunciam que, provavelmente, esta, assim como a segunda, conforme consta na capa, foram editadas em Aracaju, tendo sido a segunda impressa pela Gráfica J. Andrade.

Na biblioteca do município de Aracaju há a 9ª edição dessa obra, com 77 páginas, sem data de publicação. Conforme consta, no próprio livro, essa edição contou com a participação do Instituto Nacional do Livro e do Ministério da Educação e Cultura INUMEC que, em regime de coedição, permitiram o aumento da tiragem e a consequente redução do custo industrial. Caso o autor tivesse ainda o contrato que firmou com a Editora do Brasil, poderia se ter uma ideia melhor da tiragem do livro.

Como foi citado na entrevista, somente em 1968 Araújo firmou esse contrato com a Editora do Brasil, que durou dez anos:

Devo a Alcebíades ter interessado à Editora do Brasil S.A., de São Paulo, na edição de meus 09 livrinhos didáticos para o primário (05 da área de estudos sociais e 04 da área de comunicação e expressão). Em 1968, assinei com a editora paulista contrato por dez anos, para a edição de meus livrinhos sergipanos (note que, na vigência do contrato, por dois anos, 03 dos livrinhos da área de estudos sociais: Geografia de Sergipe, História de Sergipe, 3º ano, e Sergipe e o Brasil, 4º ano, foram editados em convênio Editora-MEC, tornado mais barato o preço desses livrinhos, mesmo eu passando a ter menos direitos); consultado, concordei logo com a Editora, lamentando que

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida a Santos, em 20 de julho de 2003.

o convênio não alcançasse todos os meus livrinhos sergipanos, (do primário, 09); quando o prazo do contrato editorial terminou, em 1978, eu já estava radicado em Brasília <sup>40</sup>.

A partir da terceira edição, a obra foi produzida pela Editora do Brasil, em São Paulo, até o fim dos anos setenta. A mudança do local de edição alterou, não somente a capa do livro, mas toda a sua materialidade. Na segunda edição do livro *História de Sergipe*, produzida em 1967, pela Gráfica J. Andrade, em Aracaju, o texto e os desenhos foram impressos em preto e branco, próximo dos desenhos de cordel. Ainda de acordo com Acrísio, os primeiros livros, até serem impressos em São Paulo, não continham exercícios, de modo que ficassem mais baratos.

Nas edições impressas na capital paulista, a partir de 1968, fica visível a significativa mudança, considerando-se as alterações de toda a parte gráfica, além de serem acrescentados os exercícios. Os desenhos aparecem em conjunto, ganham novo formato e novas cores. Quanto à configuração tipográfica, ocorrem algumas variações no tamanho do livro, construção do espaço visual da página, forma de dividir o texto, espaçamento entre linhas e apresentação das ilustrações. Essa nova configuração textual não alterou, no entanto, o conteúdo existente na forma de narrar a História, mas, a depender da série, foram sendo acrescentados novos assuntos.

O levantamento das fontes utilizadas, neste capítulo sobre a produção do livro didático de Acrísio, permite, a partir das representações, compreender o processo de produção do livro didático, os estímulos internos e externos que motivaram o escritor cearense em sua empreitada, sem nenhum modelo a seguir, correndo todos os riscos de que se aventura por um caminho novo, cheio de encantos e desencantos.

Entre os embates travados por Araújo, como consequência da escrita dos seus didáticos, o mais marcante deles foi registrado em impressos de grande circulação na capital. Nos vários depoimentos recolhidos, pode-se concluir que a sociedade ficou dividida entre os que apoiavam Araújo, e os que concordavam com a professora Thetis Nunes. Essa professora, renomada intelectual da História, respeitada na sociedade sergipana, expressou corajosamente a opinião dos historiadores de ofício sobre a escrita, a ideia de História, o estilo, dentre outros aspectos sobre o trabalho que Araújo vinha desenvolvendo nestas paragens.

Para Freitas (2004), “o debate sobre a forma e o conteúdo da história de Sergipe também punha em confronto duas jovens propedêuticas universitárias no Brasil: a introdução à História, de Commager, e a introdução à História, de Marrou”. É possível que motivações

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida a Santos, em 20 de julho de 2003.

várias tenham irrigado essa disputa à política, economia e alianças e acordos políticos de ambos, envolvendo qual a melhor forma de se chegar à verdade na História, se é que é possível verdade ou verdades na história do conhecimento. Na disputa de 1973, a História sergipana foi quem saiu ganhando.

Acrísio se tornou um voraz escritor sobre temas sergipanos, enquanto Thetis passou a pesquisar sobre temas da História sergipana. Vale salientar que a escrita de Araújo pode não ter sido inovadora, em termos da escrita da História, mas foi provocador a ponto de fazer surgir questionamentos em torno da cultura sergipana e da necessidade de se conhecer e divulgar seus valores. Chega-se a concluir, portanto, que como consequência, o debate possibilitou, nos estudiosos nativos, o desejo de escrever sobre temas sergipanos, os quais nos anos seguintes foram transformados em livros didáticos e não didáticos, favorecendo um melhor conhecimento da realidade regional.

Torna-se oportuno ressaltar que, apesar das diversas críticas recebidas, as obras de Acrísio Tôrres Araújo, consideradas didáticas ou não, fazem parte das referências bibliográficas dos mesmos, além de despertar nos pesquisadores o interesse pelos vários aspectos da sua produção didática, geral e acadêmica. Ao se atentar, também, para a sistematização dos conteúdos do período imperial e republicano, constata-se o mérito de Araújo, já que não havia modelo que o autor pudesse copiar para a sistematização dos conteúdos, conforme se encontra nos documentos utilizados neste trabalho.

Pode-se ainda observar, nos documentos e livros do autor, a forma como ele elaborou seus textos sobre o período colonial, pois já havia um lastro bem aceito, pela comunidade de então, sobre a forma de escrever a História daquele período. O conteúdo exposto no Quadro 5, enquadra-se essa forma de passar a História, como pode ser igualmente observado nos textos do anexo F.

**QUADRO 5 – Edições da História de Sergipe para o 3º Ano Primário**

<b>1ª Edição - 1967</b>	<b>10ª Edição - 1973</b>	<b>? Edição – s/d</b>
<p>Capa Folha em branco Página com o título do livro Segunda capa Índice Prefácio Duas Palavras Dedicatória</p> <p><b>Sergipe Capitania (1500-1822)</b> O donatário de Sergipe A conquista de Sergipe Os holandeses em Sergipe A independência de Sergipe</p> <p><b>Sergipe Província (1822-1889)</b> A presidência Inácio Barbosa Dom Pedro II em Sergipe Camerino, o herói paisano</p> <p><b>Sergipe Estado (1989-1930)</b> A presidência Felisbello Freire A presidência José de Calazans A presidência Olímpio Campos A presidência Josino Meseses A presidência Guilherme Campos A presidência Rodrigues Dória A presidência Siqueira Meneses A presidência Oliveira Valadão A presidência Pereira Lobo A presidência Graco Cardoso A presidência Manoel Dantas</p> <p><b>Sergipe Estado (1930-1945)</b> As interventorias Maynard Gomes O governo Eronides de Carvalho</p> <p><b>Sergipe Estdo (1945 até agora)</b> O governo José Rollemberg O governo Arnaldo Garcez O governo Leandoro Maciel O governo Luiz Garcia O governo Seixas Dória O governo Celso de Carvalho Literatura em Sergipe</p>	<p>Capa Folha em branco Página com o título do livro Segunda capa Índice Prefácio Duas Palavras Dedicatória</p> <p><b>CAPÍTULO I</b> <b>Sergipe Capitania (1534-1822)</b> O donatário de Sergipe A conquista de Sergipe Os holandeses em Sergipe A independência de Sergipe</p> <p><b>CAPÍTULO II</b> <b>Sergipe Província (1822-1889)</b> A presidência Inácio Barbosa Dom Pedro II em Sergipe Camerino, o herói paisano</p> <p><b>CAPÍTULO III</b> <b>Sergipe Estado (1989-1930)</b> A presidência Felisbello Freire A presidência José de Calazans A presidência Olímpio Campos A presidência Josino Meseses A presidência Guilherme Campos A presidência Rodrigues Dória A presidência Siqueira Meneses A presidência Oliveira Valadão A presidência Pereira Lobo A presidência Graco Cardoso A presidência Manoel Dantas</p> <p><b>CAPÍTULO IV</b> <b>Sergipe Estado (1930-1945)</b> As interventorias Maynard Gomes O governo Eronides de Carvalho</p> <p><b>CAPÍTULO V</b> <b>Sergipe Estdo (1945 -1964)</b> O governo José Rollemberg O governo Arnaldo Garcez O governo Leandoro Maciel O governo Luiz Garcia O governo Seixas Dória</p> <p><b>CAPÍTULO VI</b> <b>Sergipe Estado (1964 aos nossos dias)</b> O governo Celso de Carvalho O governo Lourival Batista As ciências – As Letras - As artes Parecer do Conselho Estadual de Educação</p>	<p>Capa Folha em branco Página com o título do livro Segunda capa Índice Parecer do CEE Prefácio Duas Palavras Dedicatória</p> <p><b>CAPÍTULO I</b> <b>Sergipe-Capitania (1534-1822)</b> A capitania Os indígenas A conquista As entradas Os holandeses A independência</p> <p><b>CAPÍTULO II</b> <b>Sergipe-Província (1822-1889)</b> Inácio Barbosa Dom Pedro II Camerino, o herói paisano. Cardoso Júnior <b>Sergipe Estado (1989-1930)</b> Felisbello Freire José de Calazans Olímpio Campos Josino Meseses Guilherme Campos Rodrigues Dória Siqueira Meneses Oliveira Valadão Pereira Lobo Graco Cardoso Manoel Dantas <b>Sergipe Estado (1930-1945)</b> Augusto Maynard Eronides de Carvalho <b>Sergipe Estdo (1945 -1964)</b> José Rollemberg Arnaldo Garcez Leandoro Maciel Luiz Garcia Seixas Dória <b>Sergipe-Estado (1964 até hoje)</b> Lourival Batista Paulo Barreto José Rollemberg Ciências, Letras, Artes.</p>

**Fonte:** Livro História de Sergipe para o 3º Ano Primário.

Os livros didáticos de História de Sergipe foram importantes para o período estudado, no sentido de divulgar a história deste Estado e sistematizar os conteúdos ensinados. A partir das representações encontradas na escrita dos seus prefaciadores, dos depoimentos feitos a Oliveira Filho e Santos, dos seus desafetos e daqueles que apoiavam a



sua produção, atesta-se que os livros representaram uma sistematização dos conteúdos, provocando o debate sobre a ausência de textos que fossem disponíveis para a juventude estudantil do período. Esse debate, provocado com a produção de Araújo, foi positivo, pois, além dos livros desse autor, surgiram outros a partir dos anos setenta, tornando-se importante para o conhecimento das realidades locais, conforme as representações localizadas nos documentos.

Acredita-se que as mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas em Sergipe, entre as décadas de sessenta e setenta, segundo Diniz (1991), favoreceram o processo de urbanização com a construção de vários conjuntos habitacionais, abertura de avenidas e ruas, construção de hospitais, diversas escolas, tal como presente nas atas do CEE. A descoberta de diversas minas e petróleo, a implantação da Petrobrás, trouxe novo ânimo para a sociedade sergipana. É preciso lembrar que as mudanças fizeram parte e foram frutos da política do governo, tendo como foco o nacional-desenvolvimentismo que favoreceu o debate nos diversos setores da sociedade sergipana, com o objetivo de possibilitar um melhor conhecimento sobre as realidades locais, em busca de sua identidade.

Nesse sentido, teve relevância a criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como centro de pesquisas, além do debate, conforme se encontra, também, nas Atas do CEE, desde o ano de 1963, na Câmara do Ensino Médio e Superior, cujo presidente foi o professor José Silvério Fontes. Justamente nesse ambiente de mudanças e debates sobre a necessidade de conhecimento das realidades locais, Acrísio escreveu os seus livros didáticos, inclusive porque ele lecionava no Colégio de um dos Conselheiros e este o incentivou a ensinar a História de Sergipe em suas aulas, bem como a escrita dos seus didáticos. Esse conselheiro constituiu-se a porta de acesso do professor para o Conselho Estadual de Educação.

No capítulo seguinte, analisar-se-ão as representações que possibilitaram compreender alguns aspectos do perfil de Acrísio e de seu livro História de Sergipe, editado em 1970, pela Livraria Regina.

## CAPÍTULO II - “QUEM TEVE O DISPARATE DE ESCREVER...”.

### 2.1 IMPRESSÕES E REPRESENTAÇÕES: PERFIL DE ACRÍSIO TÔRRES ARAÚJO

O objetivo deste capítulo é traçar o perfil do professor Acrísio Tôrres Araújo, enquanto intelectual que, em meados dos anos sessenta e início de setenta, produziu obras didáticas nas áreas de História, Geografia, Estudos Sociais e Cultura Sergipana, destinadas aos Ensinos Primário e Normal. Nesta instituição circulou o livro, objeto deste estudo, do mesmo modo que se relata, neste capítulo, parcela importante das experiências guardadas na memória, as quais serviram para construir o objetivo desta parte do estudo.

Nesse contexto, observa-se que o Ensino Normal recebeu uma atenção especial do Professor Araújo, nível de ensino para o qual escreveu o livro *História de Sergipe*, no segundo semestre de 1969, editado, no início dos anos de 1970, pela Livraria Regina, e patrocinado pela Política Educacional do Governo de Lourival Baptista.

O mestre Acrísio Tôrres Araújo (Figura 1) nasceu no Estado do Ceará, na cidade de Crateús, em 10 de abril de 1931, filho do comerciante e criador Gonçalo de Araújo Chaves e de Maria Tôrres de Araújo. Viveu toda sua infância no seio de uma família católica, sendo seus pais incentivadores e preocupados com a educação dos filhos. Araújo, em 1936, começou seus estudos com o mestre Diogo, de quem recebeu uma educação e o despertar para os bons livros. Numa cidade próxima, foi para um colégio interno.

A vivência em um grande centro ocorreu anos mais tarde, quando foi morar em Fortaleza, onde se diplomou em Direito, em 1955, aos 24 anos de idade. Logo depois se casou e deu início à carreira como advogado. Teve sete filhos. Anos mais tarde, foi absorvido pelo magistério, jornalismo e letras. O professor Acrísio Tôrres Araújo apontou em terras sergipanas em outubro de 1963, vindo a Aracaju apenas com o objetivo de visitar um irmão e, depois, ir para Curitiba com a família. De acordo com Santos (2005, p. 118):

Esse aventureiro, “aqui se deixou ficar, encantado, quem sabe, com a paisagem verdejante dos coqueiros que farfalham, numa eterna sinfonia de esperança”. Nessa cidade teve de enfrentar toda sorte de obstáculos que se interpõem à escalada profissional de um migrante.

De suas primeiras lembranças de Aracaju, a mais antiga é a da Ponte do Imperador que, à primeira vista, pareceu-lhe amável e acolhedora. Escreveu alguns textos sobre a ponte,

em *Leituras Sergipanas*. A citação a seguir, fala sobre a sua missão de escrever sobre os temas da terra sergipana e os seus didáticos.

Longe estava, porém de imaginar que uma imensa e agradável tarefa, ainda que de realização modesta, me estava reservada na terra de Tobias Barreto. A consciência perfeita dessa obra, eu tive, logo ao penetrar, pela primeira vez, os amplos salões do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (SANTOS, 2005, p.119).



**Figura 1-** Foto do professor Acrísio Tôres.

**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador.

Ao longo dos textos escritos e prefaciados vêm sempre à tona, no depoimento de Araújo, o contato com os escritos sobre *a História e a Geografia de Sergipe*, obras que foram encontradas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), no ano de 1963.

Pouco depois eu folheava e lia passagens de Felisbello Freire, que me lembraram do seu amigo e incentivador, o cearense Capristano de Abreu; verifiquei que seu importante trabalho, embora carente de retificações em muitos pontos, só chegava até meados do século XIX. Essas mesmas constatações e observações podem ser aplicadas no que diz respeito à geografia e outras ramificações da ponderável cultura de Sergipe (SANTOS, 2005, p. 119)

De acordo com a citação acima, Araújo percebeu que o livro didático de Felisbello Freire estava defasado e precisava de retificações. Para o autor, ficara claro que os livros didáticos de *História e Geografia de Sergipe* não estavam de acordo com a realidade educacional dos anos de 1960. A partir desta constatação, Araújo começou a escrever livros didáticos sobre Sergipe. Inclusive, no período, fôra incentivado pelo Professor Alcebiades Melo Vilas Boas, no ano de 1966, dono do Colégio Tobias Barreto, membro efetivo do Conselho Estadual de Educação, a abranger a História de Sergipe na disciplina de História do Brasil.

Aos poucos, os conteúdos foram sistematizados para serem utilizados nas suas aulas, as quais foram ministradas em várias escolas da capital, onde exercia a atividade do magistério, tais como: Colégio Tobias Barreto, Nossa Senhora de Lourdes e Atheneu Sergipense.

Em 1966, Araújo estreou no mercado editorial, com a publicação do livro *Pequena História de Sergipe*, publicação que dependeu dos contatos e de apoios que seu autor conseguiu mobilizar no começo da sua carreira profissional em Sergipe. O sucesso das obras didáticas de Acrísio possibilitou um grande alcance dos textos nas redes públicas e privadas de ensino, entre os anos sessenta e setenta, inclusive pela distribuição dos livros pelos órgãos competentes do Estado. No início de 1967, Acrísio juntou as críticas da primeira edição de sua *Pequena História de Sergipe*, fez as modificações sugeridas pelas diversas críticas recebidas e que possibilitaram reparos à primeira edição. Foi publicada uma segunda edição, ampliada, mudando inclusive o próprio nome do livro, que fora modificado para *História de Sergipe*.

Os compêndios de *História e Geografia* alcançaram sucesso editorial, sendo editados até o início dos anos oitenta. No ano de 1969, Araújo publicou outra obra com o título

*Geografia de Sergipe*, dedicada a Laudelino Freire e a Silva Lisboa, por terem sido pioneiros nestes estudos. Na segunda metade do ano de 1969, de acordo com Araújo (2004), foi escrita a obra *História de Sergipe* para o Curso Normal, editada pela Livraria Regina, no ano de 1970. Esse livro nasceu como exigência para o ensino de *História de Sergipe* no curso pedagógico e em decorrência do sucesso editorial dos livros do autor, utilizados na escola primária.

Dois outros fatores favoreceram o surgimento do livro para o Curso Normal. Um deles, pertinente à solitação do professor Manoel Cabral Machado e da diretora do Instituto de Educação Rui Barbosa, a professora Maria das Graças de Azevedo, para que Acrísio escrevesse um livro sobre a *História de Sergipe* destinado às estudantes do Curso Pedagógico.

## **2.2 REPRESENTAÇÃO E IMAGENS SOBRE A OBRA E SEU AUTOR EM JORNAIS E TEXTOS DE SEUS PREFACIADORES**

Esta parte do texto procura interpretar as representações e as opiniões expressas por pessoas, amigos, ex-alunos, intelectuais, em momentos diferentes, a respeito da pessoa de Acrísio Tôrres Araújo. Várias representações foram contraditórias sobre o autor e seus livros, a cultura e a sociedade sergipana.

Para Winock (2000), a história é menos uma história das pessoas, das ideias, das obras, mas também é o relato de seus embates, de suas amizades ou de seus ódios e desafetos. Assim, em alguns momentos, encontram-se alguns debates inflamados entre aqueles que apoiaram sua escrita ou negaram a sua importância, identificando-se, nos documentos, xingamentos velados e mágoas sobre a dificuldade para divulgar os textos e editá-los, tanto no discurso de Acrísio como de alguns intelectuais.

Segundo o jornalista Antônio Francisco de Jesus, o livro de Araújo estava sendo muito esperado, como fica claro no texto que segue:

Prosseguem em ritmo acelerado os trabalhos de impressão do mais que esperado livro “Pequena História de Sergipe”, do professor Acrísio Torres de Araújo. Segundo fomos informados, ele pretende tirar um milheiro nesta primeira edição o que, segundo nos parece, vai voar nos primeiros dias, pois, diversos pedidos já estão sendo feitos tanto por pessoas como por livrarias de outras partes do Brasil, onde sergipanos possuem colônias<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Jornal A CRUZADA, Aracaju, 06 de janeiro de 1966, p. 7.

Justifica-se essa reprodução do jornalista, por causa da ausência de livros sobre a história sergipana, inclusive que estivessem disponíveis, não só para os alunos, mas também para toda a comunidade interessada em adquirí-los. Ainda, de acordo com o jornalista supracitado:

O filósofo, advogado, historiador e poeta cearense Dr. Acrísio Tôrres Araújo, aqui radicado há mais de dois anos, fez um profundo estudo da nossa terra durante esse período de tempo em que aqui esteve estudo este que será impresso e publicado brevemente [...] Pelo estilo empregado, tem o prof. Acrísio Araújo esperança de que seu livro seja incluído entre os livros didáticos nos currículos das escolas de Sergipe.

Essa esperança foi alcançada, pelo menos, nos depoimentos dos alunos e nos jornais consultados, logo em seguida ao lançamento da primeira edição. Acrísio iniciou a correção mediante as críticas recebidas, razão pela qual lançou, no início de 1968, a segunda edição, que logo ficou esgotada. Além desse aspecto, o jornalista destaca a importância da obra de Araújo, suas qualidades intelectuais e a intenção do autor de que o seu livro fosse incluído nos currículos escolares do Estado de Sergipe. No caso da síntese histórica, esta não foi oficializada para ser inclusa nos currículos, nem no ginasial nem no colegial.

No dia 12 de Janeiro de 1966, houve uma reportagem no Diário de Aracaju. No artigo publicado, encontra-se mais uma vez a ideia do esforço do historiador cearense em oferecer aos sergipanos uma *História de Sergipe*. É recorrente a representação do pensamento acerca da imagem do sergipano, bem como do descaso sobre a cultura e o seu ensino. O debate envolvendo a necessidade de conhecer e divulgar a cultura sergipana esteve muito presente nas Câmaras de Ensinos do Conselho Estadual de Educação. Nessa parte do texto do jornal, cabe destacar que a Livraria Regina, durante a maior parte do século XX, tornou-se a grande produtora de livros de todos os gêneros do Estado de Sergipe.

Há mais de dois anos que o cearense aqui radicado estuda a história do nosso Estado, através de documentos dos tempos da Colônia, do Império e da República, existentes nos Arquivos e nas Bibliotecas. Este homem, o Dr. Acrísio Tôrres Araújo - filósofo, advogado, historiador e poeta. O seu livro intitulado - Pequena História de Sergipe. O original já se encontra na Livraria Regina Ltda., desta capital, para ser impresso [...]. A obra é prefaciada pelo professor Virgílio Sant'Anna, um dos maiores historiadores e dos melhores professores de Sergipe. Pelo estilo empregado, tem o Professor Acrísio Araújo grande esperança de que o seu trabalho literário seja incluído nos currículos escolares como livro didático. Cremos que os sergipanos saberão dar o seu apoio a este homem que sacrificou mais de dois anos de sua preciosa vida em profundos estudos sobre nosso Estado, a fim de nos oferecer uma obra realmente útil e científica.

Após o apoio recebido dos jornais A Cruzada e do Diário de Aracaju, Araújo vê seu ânimo e as suas esperanças crescerem.

[...] foram mesmo dissipando os livros de desânimo que haviam partilhado levemente o meu espírito, ante as primeiras dificuldades. Vez por outra, alguém, um futuro leitor, aparecia na tipografia e apontando a nota do jornal, indagava quando o livro estaria pronto, e, nesses interessados alguns eu passei a ver centenas de outros; procurei o jovem jornalista e lhe apertei reconhecidamente a mão.

Não se conseguiu identificar se havia algum tipo de conhecimento desse jovem jornalista de A Cruzada, com Acrísio, ou se ele era apenas um entusiasta da história e cultura sergipana, vindo, neste sentido, uma oportunidade de incentivar os escritos sobre as coisas desta terra. O certo é que, esse jornalista prestou um grande serviço ao professor dos livrinhos didáticos.

Para Calazans (1992), depois do livro de Elias Montalvão (1916), que tratava da *História e Geografia de Sergipe* e não era o mais adotado nas escolas sergipanas, os professores e alunos ficaram sem meios de conhecer a *História de Sergipe*. Araújo, com seu texto, tomou a si a incumbência de preencher essa lacuna e ausência, escrevendo uma História para o 3º Ano Primário.

Ao consultar os jornais da época, encontram-se vários debates, como já elencados neste estudo. Ora com boa receptividade, ora nem tanto. Na flagrante disputa analisada no primeiro capítulo, identifica-se peleja travada no campo intelectual da História e da Geografia, iniciada por Maria Thétis Nunes, licenciada em Geografia e História e professora do Departamento de História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFS.

Em Sergipe, exceto a experiência de Elias Montalvão com “Meu Sergipe”, o livro didático foi sempre desligado do novo meio e seus problemas. A pequena população escolar não estimulava os intelectuais sergipanos a se voltarem para esse tipo de atividade. Apenas houve algumas exceções como a de Acrísio Cruz, por exemplo. Assim que o professor Acrísio Tôrres começou a publicar estudos sobre História de Sergipe, visando à escola primária, acreditava-se que uma nova época começava. (...) não há uniformidade estilística, ora a linguagem é simples, acessível, ora é empolada de difícil entendimento (...) não procurar aprimorar as qualidades que realmente tem, na elaboração de livros para a juventude.

Esse conflito entre o fazer acadêmico da História, representado pela professora, não ficaria sem resposta, levando-se em conta as características da personalidade de Acrísio,

rememorada em depoimento concedido a Santos, por João Oliva, jornalista, escritor e amigo de Acrísio desde os anos sessenta, o qual afirma sobre a personalidade do amigo:

Araújo “(...) homem de personalidade forte, grandemente apegado às suas convicções e posições filosóficas, vive sempre no ataque a quem às suas se opõe ou contraria”.

Confirmando o depoimento de João Oliva, Acrísio, responde às críticas recebidas em artigo de Maria Thetis Nunes sobre os equívocos na sua escrita do livro *Sergipe e o Brasil*, de forma impetuosa, um dos traços da sua personalidade. Nesse debate, a resposta de Araújo evidenciava as diferenças de uma disputa de campo, por um lado, com a intelectual ligada à Universidade Federal de Sergipe, ex-professora do Colégio Estadual, atual Atheneu Sergipense, professora formada em História e Geografia na Bahia, que tinha o respeito da comunidade há décadas, no ofício de escrever, estudar e ensinar a História de Sergipe. Do outro lado, estava um bacharel em direito, vindo de outras paragens, com o topete de escrever a história sergipana de forma didática, ausente, de acordo com vários depoimentos e estudos, das salas de aulas das escolas de Sergipe.

Pode-se perceber, no debate travado, uma busca pela identidade do povo sergipano. Virgínio de Sant’Anna, prefaciando a obra *Pequena História de Sergipe*, corrobora a importância da obra do professor Araújo, afirmando que esta veio preencher uma lacuna sobre a História de Sergipe. Afirma que, há muito tempo, os alunos precisavam de uma obra atual, que possibilitasse um melhor conhecimento de Sergipe, e que desta forma pudesse contribuir para a formação cultural ao longo de sua formação escolar:

A Pequena História de Sergipe, lançada à publicidade pelo professor Acrísio Tôres Araújo, vem preencher uma lacuna que se fazia sentir no panorama cultural de nossa terra. Muito pouco se escreveu sobre o passado da terra sergipana. E esse pouco se torna, hoje, quase desconhecido, uma vez que dificilmente são encontrados trabalhos relativos à matéria. As edições acham-se esgotadas e somente nas bibliotecas pode-se encontrar alguma coisa, demandando isso penoso trabalho de consulta. Inegavelmente, foi o doutor Felisbello Freire quem melhor escreveu sobre Sergipe. No entanto, a sua obra não atende às necessidades dos estudiosos da história, pois que as suas pesquisas chegam apenas até meados do século XIX. Do período republicano, o trabalho mais valioso é o do doutor Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, que escreveu *A Década Republicana em Sergipe*. Assim, fica-se conhecendo apenas os primeiros tempos de Sergipe republicano. Convém lembrar que o doutor Nobre de Lacerda, chefe de um grupo político que apoiava incondicionalmente monsenhor Olímpio Campos, não teve no seu trabalho completa isenção de espírito. Os nossos estudantes terminam o curso de ginásio e o de colégio e entram nas faculdades sem conhecimento



algum da evolução histórica de nosso estado. Qual o estudante de hoje que sabe, por exemplo, quem foi o primeiro presidente constitucional de Sergipe? (SANT'ANNA, 1996, p. 12).

No prefácio da obra citada, o autor referenciado afirma a necessidade da:

Criação da cadeira de História de Sergipe nos cursos pedagógicos, partindo o exemplo das Escolas Normais oficiais, seria medida proveitosa para a mocidade estudiosa. Nos cursos ginásial e colegial, uma vez que o currículo está subordinado ao Ministério da Educação, não seria possível a criação dessa cadeira.

De acordo com Virgínio de Sant'Anna (1996), nos Cursos Ginásial e Colegial, os professores deveriam, na aula de História do Brasil, reservar alguns momentos para o ensino de História de Sergipe. Em outro momento, Sant'Anna ressalta sua concepção, ao mencionar o esforço empreendido por Araújo através de um trabalho paciente e honesto. Salienta, igualmente, sobre novos temas tratados no livro, bem como da importância da obra para o desenvolvimento da cultura sergipana:

Com o livro do professor Acrísio Araújo poder-se-á ministrar os ensinamentos necessários para que se tenha idéia de nossa terra e de nossa gente. Podemos afirmar que é trabalho paciente e honesto. As suas pesquisas realizaram-se através de documentos autênticos, tais como cartas-régias, decretos, leis, relatórios, mensagens e jornais da época estudada. Questões importantes foram trazidas à tona. Neste caso, está a questão dos nossos limites exposta nos seus devidos termos. Lendo-se a Pequena História de Sergipe, tem-se uma idéia geral da política brasileira nas suas várias fases. Por outro lado, entramos em contacto com o desenvolvimento econômico, político e social de Sergipe, desde o seu tempo de capitania até o momento atual. Estamos certos de que o professor Acrísio Araújo, com verdadeira paciência de beneditino, brindou à cultura brasileira um trabalho eficiente, tenha prestado relevantes serviços à instrução da mocidade sergipana (ARAÚJO, 1966, p.12).

É preciso salientar que vários autores sociais debateram, escreveram, no calor do momento, sobre os limites, a novidade e a importância dos livros de Acrísio para instruir a mocidade sergipana. Percebe-se, todavia, que o debate extrapola o aspecto didático da escrita de Araújo, passando para os campos político, acadêmico e intelectual. Outro aspecto que o prefaciador ressalta e chama a atenção, é para as fontes autênticas, utilizadas pelo autor na elaboração de seus didáticos. Sobre a veracidade das fontes consultadas por Araújo, não há uma opinião clara acerca do seu trabalho, enquanto historiador, no que se refere ao uso destas,

nas suas interpretações e do cotejamento com outros dados. Nas representações encontradas nos documentos utilizados neste trabalho, as opiniões também são divergentes.

Ao prefaciar o livro *Pó dos arquivos*, José Calazans tece o seguinte comentário sobre o seu autor:

Acrísio Tôrres não é natural de Sergipe, mas conquistou o direito de ser considerado sergipano pelas pesquisas históricas que realizou e publicou durante o período que viveu na terra de Tobias Barreto. Deixando a capital sergipana e transferindo sua residência para Brasília, não esqueceu seu sergipanismo, isto é, sua permanente admiração pelas figuras da intelectualidade, do magistério, da política do pequeno Estado nordestino. Poucos intelectuais, nos últimos tempos, teriam sido tão constantes nas perquirições regionais como o professor Acrísio Tôrres. Ele é, sobretudo, um pesquisador de velhos jornais de Aracaju (...) (ARAÚJO, 2004, p.9).

Nas entrelinhas do prefácio do livro *Pó dos Arquivos*, José Calazans (1992) faz comentários elogiosos, ao mesmo tempo em que critica a forma como o professor Araújo constrói seu texto histórico, alegando não ser ele sergipano, sua admiração pela intelectualidade, ou seja, as relações políticas do autor, o predomínio dos atos políticos em seus textos e, por fim, fala das fontes, como sendo um pesquisador de jornais velhos. O que, para um olhar ingênuo, de relance, ele estaria reconhecendo o valor do professor. Convém lembrar que, ao prefaciar esse texto, já estava assentada a poeira do calor do momento dos embates ocorridos entre os anos sessenta e setenta, sem contar que os anos podem fazer com que se olhe para o passado, perceba-se quanta energia foi gasta em favor das certezas teóricas às quais se apegam.

O Conselho Estadual de Educação através do parecer no 18/66, aprovado em 09 de novembro de 1966, sugere que as obras de Araújo sejam adotadas nos 3<sup>os</sup> anos primários, como forma de orientar professores e alunos. O apoio do Conselho permitiu que Acrísio continuasse ganhando o prestígio da comunidade e o apoio de vários setores da sociedade sergipana, advogados, políticos e, em parte, com ressalvas, dos intelectuais da História, quando reconhecem a importância dos livros didáticos.

Tal parecer permitiu que os livros fossem vendidos, em larga escala, em toda a rede de ensino. A título de exemplo, adquiriu-se no Sebo Inocábulo, em São Paulo, a 10<sup>a</sup> Edição da *História de Sergipe* para a terceira série primária, da Editora do Brasil na Bahia S.A., a qual possui, na contracapa, o número 3717 correspondendo, possivelmente, ao exemplar. Encontrou-se, na biblioteca do Colégio Arquidiocesano, um exemplar das Leituras Sergipanas para a quarta série primária, com o número 4944.

Todavia, não se pode ter a ideia exata sobre o significado desses dois números, mas para o período em questão, mostrou porque a editora firmou contrato de dez anos com Acrísio, até porque eram mais de dez livros, entre História, Geografia, Comunicação e Expressão, que se destinavam às redes públicas e privadas de ensino. Tais livros estavam no contrato da editora paulista, podendo ser encontrados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Gabinete de Leitura de Maruim, Biblioteca Epifânio Doria, Biblioteca Clodomir Silva, Biblioteca Central da UFS, Biblioteca do Colégio Arquidiocesano e no Instituto Luiz Antônio Barreto.

Gildete Lisboa, prefaciadora do livro de Geografia, destaca a necessidade da obra *Geografia de Sergipe*, suas características e inovação, a importância de ser adotado nas redes de ensino. Além de representar uma primeira tentativa de abranger todos os aspectos do *habitat* sergipano, chama a atenção e espera que a obra do professor Araújo estimule os estudiosos de Geografia sergipana:

O professor Acrísio Tôres Araújo, estudioso e pesquisador, apresenta um trabalho bastante útil. Há muito sentíamos a necessidade de um livro que nos permitisse conhecer a terra, valorizá-la e mais querer a sua gente. A Geografia de Sergipe – para os últimos anos do curso primário – com suas ilustrações, muito contribuirá para o surgimento de novos horizontes na formação cultural do aluno. O trabalho é válido. Será, certamente, um guia para um aprofundamento posterior no estudo da terra sergipana. O professor primário muito tem a lucrar com o uso desta pequena Geografia de Sergipe. O trabalho do Professor Acrísio Tôres Araújo merece ser prestigiado. Ele representa o primeiro ensaio de estudo da geografia de Sergipe trazido a lume, abrangendo todos os aspectos do *habitat* sergipano. Que a obra do Professor Acrísio Tôres Araújo estimule aos estudiosos da nossa geografia a aprofundarem os seus trabalhos e a trazê-los ao conhecimento do público, que está ávido por conhecer, cientificamente, as nossas realidades (ARAÚJO, 1966, p.7).

Gildete Lisboa, ainda, alfineta os intelectuais da Geografia e da História a fim de escrevessem obras sobre a terra sergipana, sua gente e que se sentissem estimulados pelos esforços de Acrísio, a despeito deste não ser sergipano. Nesse sentido, há várias evidências de que, de alguma forma, os livros de Acrísio chamaram a atenção da comunidade. Nos anos setenta e seguintes, foram lançadas várias obras sobre os temas sergipanos: os dois volumes da *História de Sergipe*, de Pires Winne; a reedição do livro clássico de Felisbello Freire, *História de Sergipe*. A própria professora Thetis lançou vários títulos sobre a história sergipana.

Solicitado a prefaciar o texto *Sergipe /Crimes Políticos I, 1906 – 1930*, o jornalista Orlando Dantas descreve os seus primeiros contatos com o professor Araújo, o início de sua amizade, além de caracterizar o tipo de leitura e sua importância para a comunidade leitora de Aracaju:

Passava por ele indiferente. Disseram-me que era o professor, e que seus livros didáticos foram adotados nas escolas públicas. Dele, certo dia recebeu convite para assistir, na Assembléia Legislativa, o recebimento do título de cidadania sergipana. Bacharel em direito, liberal, boa cultura literária, escritor. Subiu à tribuna, calmo, sereno, despreocupadamente, e pronunciou um longo discurso de improviso. Linguagem solta, pronúncia correta, despertou pela erudição a atenção dos presentes. A sua oração, agradável, deslizava como as águas cristalinas de um córrego da terra de Iracema. No dia seguinte, escrevi um tópico na Gazeta de Sergipe sobre a personalidade do professor Acrísio Tôrres, de muita simpatia pela sua inteligência e o valor da oração que pronunciou na Assembléia Legislativa. E, como traço de sua pessoa, destacava a modéstia excessiva como andava nas ruas da cidade. Parecia pedir desculpa a todos, pela sua presença. Tempos após, me aparecia o professor Acrísio Tôrres a convidar-me para assistir sua posse na Academia Sergipana de Letras. O seu discurso de posse, bem convencional. Tive a impressão que havia recolhido os conselhos de Machado de Assis sobre a Teoria do Medalhão. Saudou-o, o Sr. Luiz Garcia em suas vilegiaturas pelo Japão, distante, portanto, das tradições acadêmicas, com pesar pela oportunidade de ter apresentado um trabalho compatível com a sua brilhante inteligência. Ficamos amigos. Abri-lhe as portas da Gazeta de Sergipe. E, com o lançamento da revista cultural-MOMENTO-, o papel de redator-chefe. Suas crônicas publicadas na Gazeta de Sergipe despertavam o interesse do público pela beleza da forma, a inteligência dos conceitos, o original do conteúdo. Acrísio Tôrres é escritor de classe, metido numa capa de modéstia, que não o apresenta em toda sua grandeza. Mas, na verdade, é um voluntarioso, disposto a fazer o que julga verdadeiro e correto (ARAÚJO, 2000, p.7-8).

Esse depoimento de Orlando Dantas, ao prefaciar o livro de Acrísio, mais uma vez corrobora com as representações arroladas ao longo dos documentos selecionados para este trabalho. Tem um tom de elogio, abrindo caminho para que Araújo começasse a ganhar espaço, naquele momento, junto à intelectualidade de caráter político. Assim como João Oliva, apontou uma característica da personalidade de Araújo, afirmando que o autor dos didáticos sobre Sergipe era voluntarioso e disposto a fazer o que julgasse verdadeiro e correto.

Nesse sentido, ao escrever seus artigos nos jornais, havia o público que via com bons e maus olhos. Para Ibarê Dantas <sup>42</sup>,

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida ao autor da pesquisa, em 24 de setembro de 2004.

Araújo teve uma importância relativamente grande, no momento em que viveu aqui, de haver se empenhado em divulgar a História de Sergipe nos cursos primários e secundários. Justifica a importância que ele teve por haver despertado o interesse pela História de Sergipe. Acrísio surge justamente no intervalo entre as produções de Felisbello Freire, Lima Junior e Calazans, Sebrão Sobrinho. Teve essa polêmica intelectual com Thetis, superada com o tempo. Mas a produção de Acrísio serviu de desafio para os sergipanos se debruçarem sobre seu passado, ele, sendo cearense, que tinha chegado aqui há pouco tempo. Então, eu acho que a importância dele decorre, sobretudo, desse fator.

Ibarê, em seu relato, confirma as representações consagradas pelos afetos e desafetos de Acrísio. Salienta-se que, no período, Ibarê era jovem e, lembrando a peleja de Thetis com o cearense, chama a atenção sobre os artigos do professor Acrísio Tôrres, um com o título *A Concepção de História*, publicado em 14 de maio de 1973; outro que, tratado neste estudo, intitulado *À margem de Sergipe e do Brasil*, publicado em 18 de maio do mesmo ano. Tendo como referência o texto de Michel Winock (2000) *O século dos intelectuais* e de Sirinelli (1998), evidencia-se que o último depoimento do professor Ibarê Dantas percebe que os homens de carne e osso jantam, escrevem prefácios, ficam doentes, frustam-se e brigam, com o risco de se desdizerem ou de serem desmentidos. Brigam por espaço na sociedade e em seus vários setores. E confirmam, também, as ideias de Bourdieu sobre as disputas de Campo.

Thetis era da Universidade e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, professora renomada; Araújo, um forasteiro, que até 1966 dava aulas de História em algumas escolas particulares, em Aracaju. Esse começou a ganhar notoriedade, em diversos setores da sociedade sergipana, com o lançamento da pequena *História de Sergipe*, os didáticos para terceira série primária e a primeira biografia de Virgílio Sant'Anna, em 1968, depois, como membro da Academia Sergipana de Letras. Mas, a casa do historiador por excelência, o IHGSE, não o acolheu como membro e sim como visitante, permitindo-lhe adentrar pelos seus portões para lançar seus livros, reconhecidos pela sociedade sergipana, inclusive pelos historiadores, como texto de síntese histórica, para usar as palavras de Calazans (1992).

Conclui-se, esta parte do texto, utilizando, para efeitos ilustrativos do que pode se caracterizar uma disputa, com trechos da seguinte letra da música de Caetano Veloso:

O ciúme lançou sua flecha preta/E acertou no meio  
exato da garganta/Quem nem alegre, nem triste,  
nem poeta [...] Tudo é perda, tudo quer buscar, cadê/  
Tanta gente canta, tanta gente cala,/Tantas almas esticadas  
no curtume/Sobre toda estrada, sobre toda sala  
Paira, monstruosa, a sombra do ciúme.

### 2.3 MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DAS EX-ALUNAS SOBRE O LIVRO E O PROFESSOR NA ESCOLA NORMAL

De acordo com a repercussão da obra *História e Geografia de Sergipe*, a qual o professor Araújo vinha produzindo desde que chegou à cidade de Aracaju, em 1963, foram várias as representações construídas sobre o autor e sua obra, como visto anteriormente. De acordo com Araújo,<sup>43</sup> sua ida para a Escola Normal teve como motivação sua vasta produção didática, nos anos de 1960. Seu ingresso naquela instituição de ensino nasceu do convite da professora Maria das Graças, como também da influência de vários intelectuais, os quais julgavam significativa sua importância e a contribuição que vinha dando ao conhecimento das coisas sergipanas.

Por volta do ano de 1968, no lançamento do livro histórico biográfico *O secretário Guilherme de Campos*, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o professor Manoel Cabral Machado propôs ao governador a criação da cadeira de História de Sergipe na Escola Normal, sugestão aplaudida pelos intelectuais presentes ao lançamento do livro. Ainda, no mesmo ano, após a criação da cadeira de História de Sergipe, o professor Manoel Cabral Machado, em outro encontro no IHGS recomendou que o professor Araújo fosse nomeado para ensinar a referida cadeira no Instituto de Educação Rui Barbosa, como reconhecimento e estímulo às pesquisas realizadas pelo professor cearense, radicado em no Estado desde 1963. De acordo com Araújo<sup>44</sup>, a cadeira de História de Sergipe não foi criada em 1968, mas sim, restaurada, pois a mesma já havia sido criada desde 1870, para a Escola Normal, pelo presidente da província de Sergipe, João Cardoso Júnior.

As figuras apresentadas, a seguir, têm como objetivo comprovar a passagem do professor na escola pedagógica. Alguns aspectos presentes nos depoimentos das suas ex-alunas, em entrevistas concedidas a Oliveira Filho, igualmente podem ser observados nos diários de classe, sobre os conteúdos, as notas, a frequência. Inclusive, porque ao consultar os arquivos do Instituto de Educação Rui Barbosa, pode-se verificar nos diários de História que, nos dez anos que antecedem a entrada do professor para ensinar a cadeira de História de Sergipe, não fôra encontrada nenhuma anotação sobre o período. O mesmo ocorrendo a partir de 1974, quando Acrísio se afasta da instituição para exercer cargo político no governo.

A presença do professor Acrísio Tôres Araújo pode ser identificada nos arquivos da Escola Normal a partir de 1969, cujos motivos de seu ingresso podem ser compreendidos nas reproduções dos jornais e opiniões de intelectuais analisadas anteriormente. Os préstimos do

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida ao autor da pesquisa, em 22 de setembro de 2004.

<sup>44</sup> Entrevista concedida ao autor da pesquisa, em 22 de setembro de 2004 .

professor Araújo, para o desenvolvimento cultural sergipano, no período de produção dos seus textos didáticos são inegáveis, de acordo com os intelectuais, que tomaram conhecimento de suas referidas obras, a exemplo de José Calazans, Orlando Dantas, Manoel Cabral Machado e Ibarê Dantas, dentre outros.

Em seguida, a partir de entrevistas, identificam-se diversas concepções sobre o autor e sua obra na memória de suas ex-alunas, como elas percebiam o professor, até porque o debate estava presente nas emissoras de rádios, nos jornais. Acredita-se, portanto, que as duas linhas de raciocínio sobre a cultura sergipana e as obras didáticas de Acrísio penetraram no ambiente escolar das ex-normalistas.

Para Êda Maria Santos, que estudou na Escola Normal entre os anos de 1969 e 1972, ficaram algumas impressões sobre o professor e suas aulas:

O professor era um entusiasta pela educação, por Sergipe. Era justo, lutava por seus ideais, as aulas eram agradáveis. Ele falava dos rios, dos monumentos. Eu o achava um poeta. Quando falava de Sergipe, falava com amor e entusiasmo. Ele fez muito, ele mereceu. Ele valorizava muito a História de Sergipe. Eu lembro que ele nem era sergipano, por isso eu acho que ele era entusiasta da história daqui.

No depoimento de Êda Maria, como também de alguns prefaciadores, é possível compreender que o professor Araújo era um entusiasta da cultura sergipana. A afirmação de que lutava por seus ideais confirma-se no relato de João Oliva, quando o mostra como um homem de personalidade forte. Ao falar com amor e entusiasmo, ele era coerente com as palavras escritas no início do livro, chamando à atenção para a atitude que a professora deveria ter para com seu aluno. No depoimento, lembrou que não era sergipano, falando, igualmente, do aspecto pedagógico. Durante o ensino, ele não se limitava a falar apenas de história, de modo que, nas aulas, tratava sobre outros assuntos. Foi ressaltada, ainda, a ideia de aulas globalizadas.

A impressão formada pela ex-aluna Helena Brito sobre o professor e suas aulas, corrobora o depoimento anterior. Nesse depoimento, mais uma vez, percebe-se como as alunas guardaram os aspectos pedagógicos e o relacionamento do professor com as mesmas. As aulas eram agradáveis, ele falava e não gostava que copiassem. Nem ele mesmo copiava por considerar perda de tempo e distração:

Lembro-me do professor muitíssimo, suas aulas eram agradáveis. Ele não gostava que a gente copiasse. Ele não copiava no quadro. Ele não queria que

a gente copiasse no caderno, para que a gente não se distraísse e perdesse a atenção. Eu me lembro da salinha... [suspira e sorri]... diz com saudades.<sup>45</sup>

A aluna Marinuce Menezes, como Êda, chama à atenção para a capacidade de ensinar de Acrísio, sua inteligência e de alguns aspectos salientados nos relatos anteriores:

Ele era muito inteligente, era uma enciclopédia. Ele não escrevia nada. “Nada de escrever!” dizia o professor. (A aluna faz gestos, sorri e se emociona ao lembrar-se do professor).<sup>46</sup>

Sobre o relacionamento com os alunos, a ex-aluna Êda Maria, Helena Brita e Marinuce Menezes afirmam que ele era amigo, tranquilo e sereno. Para Êda:

Ele era agradável, tranquilo e sereno dando aula, caminhando pela sala.

Nesse sentido, é significativo saber que ele não só tinha um bom relacionamento com as alunas, como também que, durante as aulas, não ficava estático em um único plano. Para Helena Brito:

Suas aulas eram agradáveis e ele era uma pessoa amigável. Lembro que o professor tinha um Jeep e costumava dar carona aos seus alunos. Ele era muito galanteador e atencioso.

De acordo como os depoimentos, identifica-se que *ser amigo* foi uma característica bem ressaltada pelas alunas, tal como oferecer carona num período em que havia poucos ônibus, as chamadas marinetes. Esses gestos acabam por se tornar significativo para o valor da aprendizagem, muito embora, o fato de ser galanteador, pudesse ser interpretado de várias formas. Sobre isso, a aluna não entrou em detalhes.

Segundo o depoimento de Marinuce, Araújo tinha o dom para ensinar, conseguindo, com facilidade, que as alunas aprendessem a partir de sua exposição. Nesse relato, apreende-se que ele era sereno, capaz de manter o bom relacionamento com as alunas, sem exasperar-se ou alterar a voz:

Ele era um exímio professor, ensinava com serenidade. Na aula era tranquilo. Tudo que ensinava não precisava estudar, dava aula sem precisar de livros, de planos.

<sup>45</sup> Entrevista concedida ao autor da pesquisa, por Maria Helena de Matos Brito Nunes, em 26 de outubro de 2004.

<sup>46</sup> Idem, Marinuce Alves de Menezes, 20 de setembro de 2004.



A partir do bom relacionamento conquistado com as alunas, o período de provas corria com naturalidade. Essa realidade constata-se nas representações construídas pelas alunas sobre as provas. Acerca das avaliações, foram encontrados os seguintes depoimentos, onde se recolheram as seguintes impressões de Helena Brito:

A gente não precisava copiar o assunto da aula. As provas não eram difíceis não. Eu só tirava nota boa.

Pelo depoimento de Helena Brito e anteriores, observa-se que as ex-alunas não precisavam copiar os assuntos, uma vez que as provas não eram difíceis. Inclusive, teve-se a oportunidade, no decorrer da pesquisa, de verificar algumas notas em diários de classe, os encontram-se disponíveis em anexo. Seguindo esse mesmo raciocínio, a opinião de Êda Maria confirma o depoimento de Helena:

Ele gostava muito de falar. Ele gostava de arguição. Ele não era professor de zero. Eu não me lembro dele reprovar ninguém.

Marinuce relembra:

Não precisava nem estudar para fazer provas, todos os colegas gostavam. Só era preciso ler. As provas, ela lembra que eram dentro dos conteúdos que ele dava durante o mês.

Complementa seu depoimento, ressaltando outro aspecto do professor Araújo. Ele era coerente com o que ensinava, cobrava aquilo que explicava em sala de aula. Pode-se, inclusive, verificar também os conteúdos presentes nos diários, cruzando as informações neles constantes com aquelas produzidas pelas alunas. Torna-se oportuno esclarecer que as informações constam nos diários e, mais adiante, encontram-se presentes no depoimento do próprio Acrísio.

Dando continuidade aos depoimentos sobre os conteúdos, suas ex-alunas ressaltam vários aspectos dos conteúdos ensinados. No relato seguinte, Êda atesta sobre as exposições em sala de aula, nas quais o professor apresentava a História, Geografia e os aspectos da arquitetura, além de valorizar o local em que as alunas moravam e que o acolhera:

Ele era muito dedicado. Passava tudo o que tinha no livro. Ensinava os conteúdos numa leveza, numa dedicação e com um entusiasmo. Ele falava e

chamava a atenção sobre os rios, sobre os monumentos da nossa cidade, o folclore, São Cristóvão, Laranjeiras. Ele falava como poeta. Dizia que aqui era um lugar bom.

Para Helena, o professor ressaltava alguns aspectos, dos quais os prefaciadores já haviam chamado à atenção, tais como, sobre a questão para os limites territoriais sergipanos, bem como dos conteúdos sobre o período de Sergipe Colonial, encontrados na relação de temas presentes no livro e no diário de classe, expostos neste trabalho.

Eu me lembro dele andando pela sala. Quase nunca escrevia. Lembro que ele falava daquelas histórias dos donatários, aquela história das fronteiras de nosso Estado. Queria aumentar as fronteiras do Estado.

Marinuce, sobre os conteúdos, relembra o seguinte:

O professor falava com muito carinho da cultura sergipana. Falava da cidade, dos patronos, sobre a vida de personagens importantes da história: Olímpio Campos, Fausto Cardoso etc.

A partir desse relato, pode-se perceber a ideia de história concebida pelo professor durante sua exposição em sala de aula, as ideias contidas no livro, a descrição da cidade, a concepção sobre os indivíduos que compunham a História, dos vultos importantes que fazem o processo histórico humano e dos aspectos políticos na vida da sociedade. Esses aspectos sobre o pensamento histórico presentes no livro, serão trabalhados, posteriormente, no terceiro capítulo.

Ver-se-ão, a partir de agora, algumas impressões sobre os textos do professor Acrísio Tôrres que ajudam a desvelar o debate ora travado na disputa intelectual pelo domínio de campo de conhecimento no período estudado. As impressões das alunas revelam que a disputa intelectual estava presente no interior da Escola Normal. Para Helena Brito,

O livro do professor era muito importante, eu tinha uma xérox, não era encadernado. Era a única fonte para a gente conhecer a História de Sergipe.

A informação fornecida, por Helena Brito, é significativa, uma vez que ela estudou na Escola Normal até 1971, um ano após o lançamento do livro para o Curso Normal. A aluna afirma que tinha uma cópia, embora, neste sentido, não tenha sido possível obter informação sobre o número de livros editados e, pelo que consta, não houve uma segunda edição, até porque a presença de Acrísio no Instituto foi breve. Mais uma vez, ressalta-se a

importância do livro e o seu caráter de única fonte disponível para o estudo da História de Sergipe.

Aqui, é preciso salientar que existiam textos sobre vários aspectos da Cultura, Geografia e História local, mas eles eram raros e não disponibilizados ao público em geral, nem tampouco para estudantes. Alguns, como ressaltado anteriormente, precisavam de uma nova edição, inclusive para as escolas. Os livros de Acrísio, realmente, eram os únicos disponíveis para os alunos e leigos, independentemente dos limites que apresentavam, conforme ressaltado por seus amigos e desafetos.

Êda Maria relembra:

Eu me lembro do livro do professor Acrísio. Eu estudei com ele. O professor falava do seu livro com muito carinho e amor [...] Tinha gente que não gostava dos livros dele. Tinha muita gente que não gostava não! Dizia que ele escrevia uma coisa de que não sabia, que ele não era daqui. As pessoas falavam muito, alunos e professores. Os professores diziam que ele não era daqui, que esses livros eram ruins. Para mim, esses livros ajudaram muito. Tinha muita informação boa. Eu conheço um livro aqui, eu não vejo nada melhor do que ele escreveu não! O dele era bem melhor. Os livros de geografia de hoje tem pouquíssimas coisas e o dele tinha. A crítica que ele não era sergipano fazia com que as pessoas não tivessem interesse por seus livros. Quando diziam que seu livro não tinha nada a ver, que não sabe da cultura daqui. Daí as pessoas ficavam desmotivadas para lerem os livros do professor Acrísio Tôrres.

O depoimento acima é rico em detalhes, esclarecendo vários pontos sobre os textos de Acrísio e a disputa de campo refletida no interior do Instituto de Educação Rui Barbosa. Inicialmente, a ex-aluna recorda do livro e do professor, para depois, com ênfase, mencionar que existia muita gente que não gostava dele. Os comentários eram que ele escrevia sobre aquilo que não conhecia, já que não era daqui, como escrever sobre Sergipe, sem ser sergipano. Essa necessidade ser sergipano, não é um argumento fácil de aceitar.

Os comentários dessa natureza eram comuns entre os professores e alunos da escola, além de acrescentarem que os livros eram ruins. A informante não concorda com a opinião que circulava na escola, indo em direção contrária ao afirmar que os livros eram bons e a ajudaram muito, pois continham boa informação sobre Sergipe, fazendo, inclusive, uma comparação com um livro atual sobre a história sergipana.

Entende-se que a última parte dos relatos esclarece o processo de exclusão que os textos de Acrísio sofreram dentro da própria comunidade educacional, o que, possivelmente, pode ser reflexo da sua personalidade forte. Outro ponto que Êda Maria salienta, são as consequências das críticas feitas ao autor e às obras. Como eram muito negativas, faziam com

que as pessoas perdessem o interesse pela leitura dos livros e pelo autor. Tais informações levam a refletir sobre como a disputa era grande, estando presente em vários níveis. Esse depoimento atesta como as categorias se fecham ao diferente, a ponto de excluí-lo.

Marize Dias Freitas, ex-aluna da escola, frequentou o Instituto de Educação após a saída do professor Araújo. Em seus depoimentos, veem-se, em relevo, vários aspectos que estavam presentes em outras falas já elencadas neste trabalho. De acordo com seu depoimento, o livro era precário, mas era o único livro que possibilitava a sistematização para o ensino da matéria a que se destinava:

As aulas de História de Sergipe, quando aconteciam, era no finalzinho do ano. A gente estudava pelo livro do professor Acrísio Tôrres. Era um livro precário, mas era o único sistematizado que existia para estudar<sup>47</sup>.

Maria Ângela, assim como Marize, acrescenta que o livro deixava muito a desejar:

Eu me lembro de que nós só estudávamos História de Sergipe no quarto ano pedagógico e o livro do professor Acrísio Tôrres era um livro que deixava muito a desejar<sup>48</sup>.

Após expressar sua opinião sobre a obra de Acrísio Tôrres, Maria Ângela fala sobre o livro de História *Vamos conhecer Sergipe*, de Deborah Pádua Melo Neves, da Editora IBEP, que gerou várias polêmicas na rede de ensino, junto ao professorado, por trazer no corpo do seu conteúdo algumas informações erradas, com gráficos, fotos, nomes de regiões e cidades trocadas.

Esta autora não fazia um trabalho de pesquisa. Ela coletava informações. As informações que ela dava sobre o Estado de Sergipe muitas vezes eram contraditórias. Parece que ela coletava informações de fontes não muito gabaritadas. As informações contidas no livro tinham que ser corrigidas<sup>49</sup>.

De acordo como o depoimento de Conceição Siqueira, o livro, apesar de precário, era o único disponível. Ela recorda:

Não me lembro de ter visto História. Talvez eu tenha estudado, mas não recordo de História de Sergipe. Do livro do professor Acrísio eu tinha conhecimento. Era um livro precário. Eu já ouvia críticas sobre esse livro e

---

<sup>47</sup> Entrevista concedida ao autor da pesquisa, por Marize Dias Freitas, em 30 de outubro de 2004.

<sup>48</sup> Idem, Maria Ângela Siqueira Dias, em 12 de novembro de 2004.

<sup>49</sup> Idem, ib.

ele era realmente limitado. Como história ele era limitado. Mas era o único livro que tinha na época. Se havia alguém que tinha o preparo intelectual maior e que poderia ter feito uma obra mais qualificada, não teve a iniciativa de fazer. Então todos os estudantes quando queriam saber alguma coisa de Sergipe, buscavam o livro do professor Acrísio Tôrres<sup>50</sup>.

O resultado do relato de Conceição Siqueira é paradoxal em relação ao livro, mas também reflete o debate sobre o autor e sua obra na sociedade intelectual sergipana, com seus reflexos nas casas de ensino, em Sergipe. A ex-aluna não se lembrou de ter estudado a disciplina sobre a cultura e história sergipana. Corrobora com o depoimento de Êda Maria, já que ela ouvia os comentários e afirma que era limitado, mas era o único livro que existia.

Em outro momento do depoimento, Conceição Siqueira menciona aqueles que tinham preparo intelectual para escrever e não o fizeram. Essa crítica está marcada no prefácio de Gildete Lisboa, já comentado antes. Dessa forma, evidencia-se que as alunas que quisessem conhecer algo sobre a cultura local, precisavam recorrer ao livro considerado precário.

O professor Araújo, em entrevista, aponta alguns aspectos sobre sua obra, bem como sua prática docente:

A obra para a Escola Normal fora escrita com o objetivo de preencher uma lacuna, ou seja, sistematizar e oferecer um conteúdo mais atualizado sobre a história de nosso Estado. A inspiração de escrever o livro veio pela ausência de manuais didáticos para as professoras e alunas. O último livro editado era o de Elias Montalvão, de 1916. O professor, quando sugere leituras complementares em seus textos, é porque pensava em aulas globalizadas, que articulassem as disciplinas e integrassem os vários conhecimentos humanos e favorecessem uma melhor compreensão da realidade. Com as leituras complementares, as professoras poderiam e deveriam ampliar o seu estudo e conhecimento. Tenho conhecimento de que o meu livro era limitado e resumido. Portanto, deveria de fato ser complementado. O livro foi escrito com o intuito pedagógico e didático, fornecendo informações rápidas e claras sobre a História sergipana. Sobre as minhas aulas é claro que eu não baseava no livrinho, ele era muito resumido. Ele era para as professoras. Numa aula de 45 minutos, a gente complementava e ampliava os conteúdos. Em relação aos diários e às aulas, não gostava de copiar nada, nem planejava. Não fazia chamada, não queria perder tempo. As aulas estavam sempre cheias de alunos. Em minha opinião, sempre via a história como filosofia e não como narrativa, minha preocupação era explicar história numa linha sociológica. É claro que no livro essa compreensão não é bem clara. O livro foi muito resumido. Entendo que minhas aulas eram agradáveis, gostava de conversar a vontade com os alunos. Deixava que eles fizessem perguntas. Às vezes, quando percebia que a aula estava árida, interrompia para falar de fatos culturais, lendários ou mesmo das histórias dos bastidores, não contadas nos livros oficiais. Sempre me deixou muito

---

<sup>50</sup> Idem, Maria da Conceição Siqueira Dias, em 12 de novembro de 2004.

contente perceber os olhares dos alunos que acompanhavam minha fala. Falando de avaliação, nunca me preocupei com isso. Nunca liguei pra prova. Eu me preocupava e tinha medo de que as alunas tirassem notas baixas. Eu não sei... (suspira). Fazia a coisa certa. As alunas eram atenciosas, não perdiam as aulas, perguntavam. Portanto, eu não queria frustrá-las. Minhas provas eram simples. Entendia como Michelet que o aluno de cada aula só consegue levar 10%. No mais, ele deveria estudar em casa. Para Michelet, escrever o que o professor diz é um mal anotar. Portanto, eu sempre sugeri aos alunos que nunca anotassem nada. Era só preciso prestar atenção, vocês podem ler o assunto depois. Às vezes, na aula eu escolhia um dos temas indicados nas leituras complementares e passava 30 minutos falando sobre o mesmo, para logo depois pedir que os alunos interpretassem. Procurava, ainda durante as aulas, ter uma linguagem simples e clara, sem rebuscamentos. Estas ideias, eu passei também para os meus livros [...] <sup>51</sup>.

O depoimento acima, do professor Araújo, confere, em vários aspectos, com as representações extraídas ao longo deste capítulo por todos aqueles que comentaram suas características como intelectual, como professor e sobre seus livros didáticos. Podem-se extrair vários pontos desse depoimento.

No primeiro parágrafo, na exposição sobre a origem do livro, fala da lacuna e da necessidade de sistematizar o conteúdo para as alunas. Continua falando que o livro era limitado e deveria ser complementado, bem como colocando as leituras complementares com o objetivo de ampliar os estudos das alunas e, conseqüentemente, o conhecimento. Ainda, relatando sobre as leituras complementares, ele discorre sobre a necessidade de as aulas serem globalizadas, de modo a se articular as disciplinas e que possibilitar uma maior compreensão da realidade. Essas representações estão presentes, de várias formas, nos documentos utilizados como fontes, quer tenham sido elas recolhidas dos amigos e admiradores, quer de críticos e de suas ex-alunas.

No terceiro e quarto parágrafos, foi relatado que o livro tinha o intuito pedagógico e didático, com informações rápidas, claras, considerando-se que deveria servir como roteiro de estudo, porém, suas aulas iam além dos conteúdos nele presentes. De acordo com Araújo, não fazia chamada, nem preenchia o diário na aula e não queria perder tempo.

Explica como entende a História no quinto parágrafo, no qual começa a explicar o que entendia sobre esta para a época. Via História numa linha filosófica e sociológica, apesar deste entendimento ficar resumido no livro, não permitindo, portanto, que passasse esta compreensão, de acordo com o depoimento do autor. Para ele, a História não deve ser compreendida como uma narrativa, concepção esta encontrada em alguns escritos do autor, no período.

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida a Santos, em 20 de julho de 2003.

Os depoimentos das alunas, nos parágrafos seguintes, confirmam Araújo quanto às aulas serem agradáveis, por conta do bom relacionamento com suas alunas, na implementação de temas complementares ou sobre a história por detrás dos bastidores. É importante a fala de Araújo a respeito do olhar das alunas, acompanhando suas exposições, da facilidade de suas provas. Na justificativa de sua postura nesses aspectos, cita Michelet.

De acordo com os depoimentos das alunas, que estudaram nos períodos antecedentes ao ingresso de Araújo à Escola Normal, assim como no período posterior à sua saída, a disciplina História de Sergipe quase nunca era ensinada ou quando ministrada, em sala de aula, não era sistematizada. Os diários da disciplina História, encontrados no arquivo da Escola Normal, de 1965 a 1969, não registram nenhum conteúdo de História de Sergipe. O mesmo acontece nos diários de 1973 a 1976.

As representações recolhidas, ao longo deste capítulo, podem ser compreendidas através dos conceitos do historiador francês Roger Chartier (1988, 1990a, 1990b). De acordo com este historiador, os leitores se apropriam dos impressos à sua maneira, ao contrário do que afirmava a antiga História das Ideias. O leitor não é uma cera mole, na qual se escrevem, de maneira legível, as mensagens forjadas pelos produtores (autores, editores, tipógrafos, ilustradores, encadernadores, livreiros). O leitor projeta nelas as ideias pessoais, em vez de receber passivamente. No entanto, a construção de sentido não é aleatória, varia de acordo com a materialidade dos textos e com as competências e práticas de leituras próprias da comunidade leitora, na qual o leitor está inserido.

As diversas representações encontradas nos jornais, prefácios e depoimentos das alunas sobre a produção do professor Acrísio Tôrres, sua personalidade, sua trajetória, sua prática docente está repleta de apropriações, conceito exposto anteriormente. Chartier (1988, 1990a, 1990b) entende que, para se compreender a história dos impressos é preciso perceber que os indivíduos, no processo de apropriação de ideias, entram em contato com representações do mundo social, forjadas pelos produtores e, a partir destas, criam suas próprias representações. Através das representações, os leitores descrevem a realidade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. Ao construí-las, traduzem os seus interesses e suas posições sociais. Com base nessas ideias, podem-se entender as representações construídas ao longo dos anos sobre a obra e a pessoa do professor Araújo.

Conforme Chartier (1988, 1990a, 1990b), para fazer uma história dos impressos é preciso analisar a materialidade dos textos. Para ele, o texto não existe em si mesmo. Independente de qualquer materialidade, não há texto fora do suporte no qual ele está inscrito. Não há compreensão de um texto que não dependa das formas nas quais ele chega ao leitor.

Cada suporte, cada forma, cada estrutura de transmissão da escrita interfere na construção do sentido. É essa análise que será vista no capítulo seguinte.

A leitura das representações, encontradas nas fontes, permite que se afirme ter o livro de Araújo um papel importante no debate da sociedade sergipana, da década de sessenta e setenta. Araújo, talvez, não tenha feito o melhor livro, mas, com certeza, após os seus didáticos, muitos e melhores surgiram.

Assim, foi possível concluir, com fundamento nas representações e através das pistas encontradas nas fontes pesquisadas, que Araújo foi o responsável pela sistematização dos conteúdos de História de Sergipe, nos anos sessenta e setenta, a qual só seria retomada na década de noventa, sob a responsabilidade do então Secretário de Estado da Educação e a implantação da disciplina sobre Sergipe, a partir de 2008. Também, pode-se concluir que a escrita do livro de história regional, fora dos centros econômicos, é uma tarefa particularmente difícil e solitária, a qual, depois da obra pronta, como aponta Chartier, fica sujeita “à censura e à interdição” (CHARTIER, 1990b, p. 23) dos pares, adversários e da comunidade, de uma forma geral.

Apreende-se, ainda, das representações recolhidas, que as relações de Araújo com a elite política abriu as portas para a expansão da sua atividade de escritor, cuja comprovação encontra-se nas várias premiações e títulos recebidos em Sergipe. No entanto, não se possuem dados suficientes para afirmar que ele saiu daqui para Brasília, por conta do prestígio político que galgou nos anos em que morou na capital sergipana.

Ao se comparar a História de Sergipe para o Curso Normal com outras histórias produzidas em outras capitais, é possível afirmar que os discursos e os conteúdos presentes nos livros eram similares aos contidos no livro de Araújo. As pesquisas de Caime (2007) e Freitas (2009) atestam as semelhanças entre os livros de história regional. Acrescenta-se que a diferença seria de cunho editorial, pois os livros produzidos, em grandes centros, possuíam gráficos, tabelas, fotos, gravuras ou pinturas, entre outros recursos gráficos. Então, indaga-se: as críticas quanto aos livros ou aos procedimentos de Araújo, constituíam-se estratégias e convicções para atingir seus fins e suas relações sociais e políticas?

Até a crítica dirigida à sua forma de entender a História e de escrever seus didáticos deveria ser lançada ao modelo de história do conhecimento, praticado de forma predominante nos anos sessenta. Esse modelo fora transcrito, para muitos livros didáticos produzidos nas décadas seguintes, conforme estudos de Décio Gatti (1997) e Flávia Caime (2007). Vale lembrar que, no Brasil, as mudanças nas concepções de História que estavam sendo processadas, na Europa, iriam aportar nestas cercanias, entre os anos oitenta e noventa.



## **CAPÍTULO III - AS REPRESENTAÇÕES DE HISTÓRIA NO LIVRO DE ACRÍSIO TÔRRES: O QUE O LIVRO DIZ?**

### **3.1. A IDEIA DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES VINCULADAS AOS CONTEÚDOS ENSINADOS**

O livro *História de Sergipe*, para a Escola Normal, foi escrito e lançado em 1970, com a finalidade de usado nas escolas que tinham o Curso Pedagógico, em Sergipe. Deve ser, por conseguinte, ser entendido como consequência dos dois empreendimentos anteriores, do professor Acrísio Tôrres Araújo: a *Pequena História de Sergipe*, de 1966 e reeditado em 1967, com o título apenas *História de Sergipe*; e, *História de Sergipe*, destinado à terceira série primária, em 1967. Esse último, adotado na rede pública e privada a partir do parecer favorável do Conselho Estadual de Educação.

Vestígios são encontrados, em várias fontes nos arquivos da capital sergipana e interior, os quais apontam o impacto que causou, na sociedade dos anos sessenta, a *Pequena História de Sergipe*. Foram contraditórias as opiniões a respeito da escrita de Acrísio Tôrres Araújo, de sua capacidade de levar a cabo a missão de escrever o texto proposto e os didáticos, que circularam entre os anos sessenta, setenta e oitenta, nas escolas de Sergipe foram contraditórias.

Com base nesses pressupostos, aqui se analisam as representações sobre o autor, encontradas no livro didático produzido para o curso normal, em meados do ano de 1969, o qual circulou no Instituto de Educação Rui Barbosa, de acordo com as informações obtidas ao longo desta pesquisa. Sob essa perspectiva, a ideia de representação que norteia a presente análise, baseia-se no seguinte conceito expresso por Chartier (1990, p. 16-17): “os modos como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler; e, tomamos a ideia de conteúdo de César Coll, como sendo ‘conhecimentos específicos das disciplinas escolares’”.

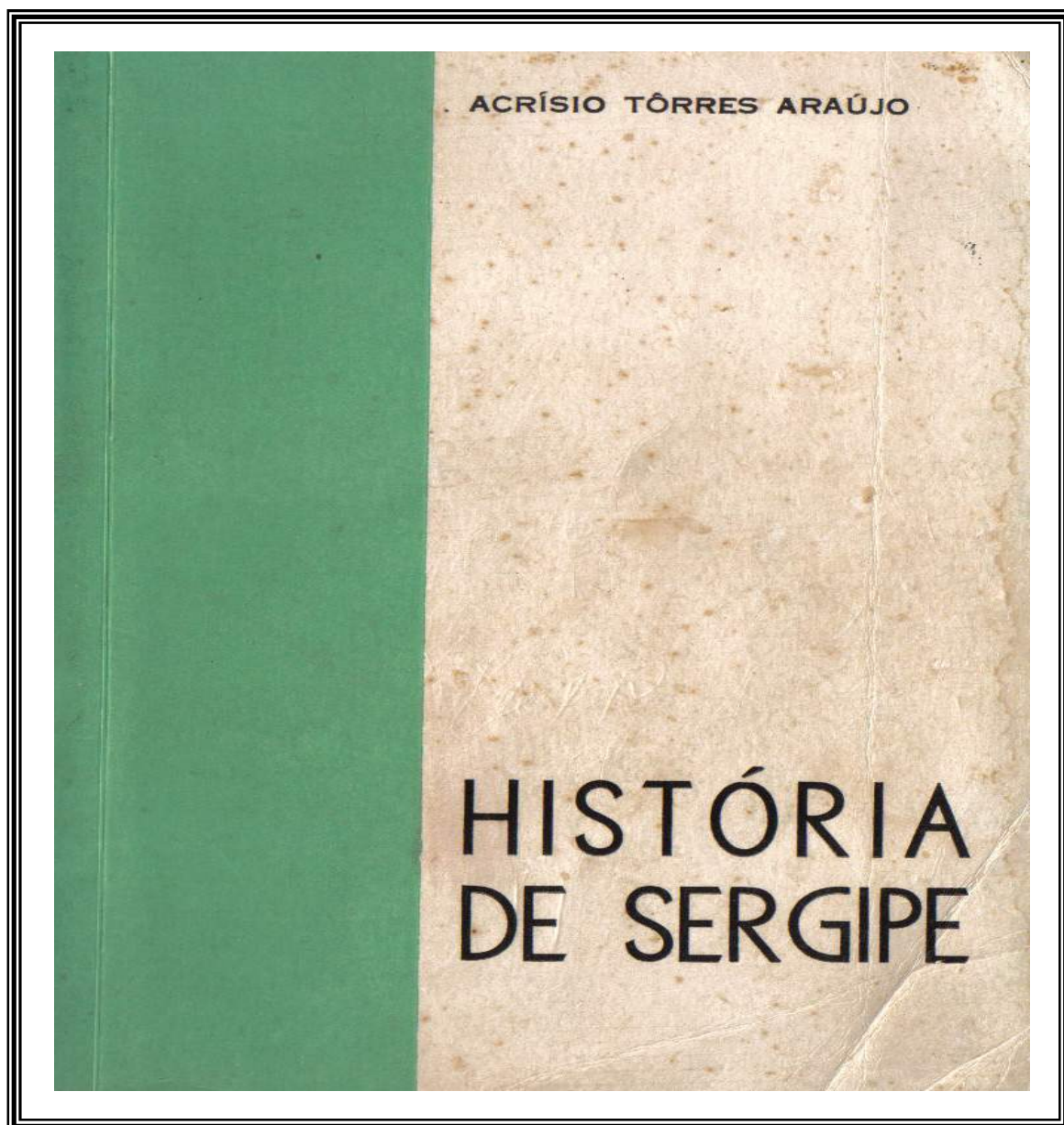
A síntese sobre a *História de Sergipe*, preparada para a Escola Normal, é composta por 21 capítulos. Neles, o autor expõe os três períodos da História local, em seus aspectos econômicos, culturais e políticos. De acordo com os documentos consultados foi uma

tentativa de sistematizar os conteúdos de História de Sergipe, já abordados nos dois primeiros capítulos. No Quadro 6, é possível visualizar esta sistematização.

**QUADRO 6 - 1ª EDIÇÃO DO LIVRO HISTÓRIA DE SERGIPE PARA O CURSO NORMAL, DE ACRÍSIO TÔRRES DE ARAÚJO, 1970.**

<b>Capa</b>
Folha com o título
<b>2ª Capa</b>
Página com outras obras do autor.
<b>Índice</b>
<b>Duas Palavras</b>
<b>Dedicatória</b>
<b>Introdução ao Período Colonial</b>
1. A doação e o donatário. Francisco Pereira Coutinho, Diogo Álvares Correia. A tragédia de Itaparica.
2. O evangelho, o curral, a espada. Gaspar Lourenço, Garcia d'Ávila, Cristóvão de Barros. O primeiro capitão-mor.
3. Os holandeses em Sergipe d'El-Rei; depressão econômica. A reação de 1639. A criação da primeira comarca.
4. O longo período da tetrarquia. Pombal e a expulsão dos jesuítas. Novos conflitos sociais.
5. Questões de limites entre Sergipe e Bahia. Influência dos d'Ávilas. As cessões da corte em Lisboa.
6. Dom João VI e Sergipe d'El-Rei. Posse e deposição de Carlos César Burlamaque. A junta de outubro.
<b>Introdução ao período imperial</b>
7. A presidência Inácio Barbosa. A resolução 413 e a mudança da capital. Os efeitos do cólera morbo.
8. Dom Pedro II em Sergipe. Lugares e repartições públicas visitadas. As obras do canal Pomonga.
9. Sergipe na guerra do Paraguai. Francisco Camerino, o herói-paisano. Os encontros de Curuzu e Curupaiti.
<b>Introdução ao Período Republicano</b>
10. A república em Sergipe. As juntas governativas (os triunviratos). O governo de Felisbello Freire.
11. A presidência de José Calasans. A deposição de 11 de setembro. Olímpio Campos; uma nova visão administrativa.
12. De Josino Meneses a Guilherme Campos. Preocupações com a instrução pública. A revolução de 10 de agosto.
13. De Rodrigues Dória a Siqueira Meneses. Início da estrada de ferro. A fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.
14. De Oliveira Valadão a Pereira Lobo. A conclusão da estrada de ferro. O "centenário" da independência política de Sergipe.
15. De Graccho Cardoso a Manuel Dantas. Os movimentos rebeldes de 13 de julho a 19 de janeiro. A revolução de 1930.
<b>Introdução ao período republicano, 2</b>
16. De Maynard Gomes a Eronides de Carvalho. A revolução de 1930. O aparecimento do "Estado Novo".
<b>Introdução ao período republicano, 3</b>
17. De José Rollemberg a Arnaldo Garcez. O fim do "Estado Novo". O retorno do país a vida democrática.
18. De Leonardo Maciel a Luiz Garcia. As comemorações do centenário de Aracaju. Obras e realizações.
<b>Introdução ao período republicano, 4.</b>
19. De Seixas Dória a Celso de Carvalho. A revolução de 31 de março de 1964. Início das explorações do subsolo.
20. Governo Lourival Baptista. Política de "pacificação e desenvolvimento". Obras realizadas, empreendimentos realizados.
21. As ciências, as letras, as artes. Tobias, Sílvio, Jackson, João Ribeiro, Manuel Bonfim, Hermes Fontes.
Página onde o autor agradece ao Governo Estadual.

**Fonte:** Acervo da Biblioteca do Colégio Governador João Alves Filho.



**FIGURA 2** – Capa do livro História de Sergipe para o curso normal, de Acrísio Tôrres Araújo.  
**Fonte:** Acervo da Escola Estadual Governador João Alves Filho

É possível compreender que a escrita de um livro, ou de qualquer outro aspecto da expressão do conhecimento produzido pelo homem, está condicionada pelo espaço em que foi criado. Assim foi com esse texto didático, que recebeu críticas favoráveis e desfavoráveis, deixou de ser monumento e passou a constituir-se documento histórico, já que possibilita compreender a trama social em que fôra produzido, na medida em que desvela uma História que já não pode ser vista e, sim, reconstruída a partir dos vários vestígios encontrados para fazer a sua trajetória e as possibilidades de entendimento de um dado período histórico, no presente estudo, da História da Educação em Sergipe.

Os impressos assumem diversas formas, na sua construção. Os produtores lançam mão de diversos dispositivos para definir o público que irá consumi-lo a fim de garantir uma determinada leitura, com tamanhos inferiores a 12, espaçamento pequeno, com ou sem ilustrações, linguagem sofisticada, parágrafos e capítulos extensos, citações, gráficos, tabelas, notas, prefácios, posfácios, índices remissivos e onomásticos e formatos maiores.

A análise, que se realiza segue nas próximas páginas, fundamenta-se nas ideias até aqui elencadas. O autor, ao escrever um texto, deve, de acordo com Chartier (1997), levar em consideração as competências de cada leitor e sua prática de leitura. Cada grupo, cada comunidade define como irá usar os impressos, ler e interpretá-los. O professor Araújo, ao escrever *História de Sergipe* para o Ensino Pedagógico, teve a preocupação de fazê-lo de forma clara e objetiva, simples na escrita, no encadeamento das ideias, dos parágrafos e dos conteúdos.

Sobre os aspectos históricos e pedagógicos, o texto do professor Acrísio Tôrres localiza-se no tempo e espaço determinados, ou seja, o autor produziu uma obra do seu tempo com as condições que foram possíveis: aspectos gráficos, editoriais e, no caso em estudo, os aspectos do conhecimento da História que eram possíveis para aquele momento, para a construção dessa síntese histórica de Sergipe.

Na página seis, o Índice ocupa a folha cinco e seu verso. Na folha seguinte aparece a seção *Duas Palavras*, onde o autor expressa os objetivos da obra e a quem se destina o texto. Essa página contém suas representações sobre o que é professora, História e aluno. No texto integral, torna-se possível entender as finalidades do ensino da História e a intenção desta, a depender da comunidade à qual se destina.

Esta **História de Sergipe** foi escrita especialmente para V. que faz o curso normal. V. que se prepara para a nobre, elevada tarefa de educar as crianças de Sergipe. Este pequeno livro, portanto, é o livro da futura mestra. V. deverá conhecer bem os fatos nele narrados, compreendê-los nas suas inter-relações, para poder ensinar com amor às crianças sergipanas. Sòmente dêste modo V. alcançará despertar nas crianças sergipanas o culto aos antepassados, o amor à sua gente. E, assim, estará fortalecendo nelas o presente, apoiado no passado, para a segurança dos dias futuros. Não há missão mais nobre, nem mais grave. Para isso, é preciso cultura e compreensão daqueles que, agora crianças, serão responsáveis por um Sergipe maior, num grande Brasil.

A partir da ideia do autor, apresentada no texto *Duas Palavras*, está clara sua preocupação com o estudo e a pesquisa, principalmente quando coloca que a professora deveria conhecer bem os fatos nele narrados, compreendê-los nas suas inter-relações, para

poder ensinar, com amor, as crianças sergipanas. É relevante chamar a atenção para o fato de que a pesquisa, para o professor Acrísio Tôrres, é de fundamental importância para a vida da futura professora.

Quando o autor, ao final de cada capítulo, chama à atenção para as leituras complementares de cada capítulo, mostra também a inter-relação da História com a Geografia, História do Brasil, aspectos da cultura popular, político, social, econômico e cultural da vida humana. Ele deixa claro que a história não é um aspecto isolado da vida social. Vale ressaltar que todos os capítulos trazem notas de rodapé e sugestões de leituras complementares sobre outros textos de diversos autores sergipanos.

Na página nove, encontra-se a seguinte dedicatória do texto às professoras sergipanas: “Dedico êste livro às professoras primárias de Sergipe, às que já exerceram magistério, às que o exercem, às que se preparam para exercê-lo” (ARAÚJO, 1970, p. 9).

A divisão dos capítulos e conteúdos segue o esquema tradicional, como nos livros das décadas de sessenta e setenta, dando muita ênfase ao aspecto factual, político e administrativo da História. Nessa divisão linear da História e nas palavras contidas no texto *Duas Palavras*, subtende-se um tipo de História Mestra, também encontrada nos livros que o autor tomou como referência para sua escrita.

Neste texto, o professor Araújo mostra-se confiante na capacidade intelectual dos futuros mestres, tal como se pode como s verificar: “[...] é o livro da futura mestra. V. deverá conhecer bem os fatos nêle narrados, compreendê-los nas suas inter-relações, para poder ensinar com amor às crianças sergipanas” (ARAÚJO, 1970, p. 7).

De acordo com Araújo (1970), a formação das novas gerações é importante no sentido de formar bem os sergipanos, razão pela qual os professores precisam estar preparados para desenvolver bem a missão que escolheram. O discurso é recheado de amor à terra, de nacionalidade e patriotismo, característico do período, enfatizando que é preciso cultura e compreensão. Nesse discurso, percebe-se, claramente, a ideologia patriótica e nacionalista, que se pretendia inculcar nos professores e em seus futuros alunos, embutida ao longo do texto sobre os conteúdos da *História de Sergipe*. Mas, não se deseja encerrá-lo em uma camisa de força, até porque seu lastro cultural e histórico antecede à ditadura militar.

De acordo com Antônio Wanderley, em ensaios publicados no ano de 1998, quando fez 100 anos de publicação do primeiro livro didático de História de Sergipe, de autoria de Laudelino Freire, até aquele ano haviam sido escritos cinco livros didáticos de História de Sergipe. São eles, com seus respectivos autores: *História de Sergipe*, de Laudelino Freire; *Meu Sergipe*, de Elias Montalvão; *História de Sergipe*, de Acrísio Tôrres de Araújo; *Vamos*

*conhecer Sergipe*, de Deborah Pádua Neves; *Meu Sergipe*, de Ginealda Matos Oliveira; e, por último, uma reedição, da autora Deborah Pádua de Melo Neves, *O Novo Sergipe*.

Ainda, de acordo com Wanderley, todos os livros citados cometem equívocos e exclusão quanto aos acontecimentos históricos temporais, em relação à História de Sergipe. Os livros citados prendem-se a marco temporal e períodos históricos já consagrados pela historiografia. Foram excluídos, em quase todos os textos, fatos e categorias sociais relevantes para a História de Sergipe, muito embora, o referido professor, em seu artigo, não esclarecesse sobre os fatos e as categorias que foram excluídas.

O ensaio do professor Wanderley não contemplou os livros didáticos de História de Sergipe destinados às alunas da Escola Normal produzidos, um, no início do século XX, por Elias Montalvão, *Sergigrafia*, outro, objeto de estudo deste texto, *História de Sergipe para o Curso Normal*, do professor Acrísio Tôrres de Araújo. Entre as críticas levantadas pelo professor Antonio Wanderley, nas análises dos livros citados, o didático *História de Sergipe*, livro do professor Acrísio Tôrres de Araújo, traz algumas novidades ao contemplar textos que falam dos grupos indígenas, além de indicar leituras complementares nos capítulos primeiro e segundo.

Em seu Capítulo Quatro, fala de conflitos sociais existentes no período colonial. No capítulo seguinte, o autor introduz um tema inovador ao tratar da questão dos limites entre Sergipe e Bahia. Nesse ponto, torna-se oportuno ressaltar que, apesar das críticas recebidas pelo professor Acrísio Tôrres quando da produção dos seus textos sobre a Geografia e a História Sergipana, salientadas anteriormente neste trabalho, todos os textos produzidos, posteriormente, para o uso no ensino da Geografia e da História, tomam os textos do professor Araújo como referência.

No último capítulo do livro, tendo, como primeiro título, *As ciências, as letras e as artes*, o professor Araújo procurou fazer um levantamento destes conhecimentos e seus avanços no Estado de Sergipe. Até o início da década de noventa, encontra-se esse tipo de abordagem, sendo a cultura era exposta em capítulo à parte, situada dentro do processo histórico. Essa abordagem do aspecto cultural pode ser encontrada em quase todos os livros editados até o início de 1990.

No final do livro, não existe a indicação bibliográfica, supondo-se que, todas as notas de rodapé e as sugestões das leituras complementares sobre os mais variados temas pertinentes à Sergipe e ao Brasil, correspondam às fontes consultadas para feitura da referida obra. De igual modo, não é encontrado nenhum apêndice.

O lançamento da *História de Sergipe para o Curso Normal* completou o ciclo de didáticos de Araújo para todos os níveis de ensino, antes do ingresso no Ensino Superior, iniciado, em 1966, com o lançamento de *A pequena História de Sergipe*, utilizada pelos alunos do ginásio e colegial. Ainda no mesmo ano, havia lançado a Geografia e História de Sergipe para os alunos do Curso Primário.

Como metodologia para narrar a história sergipana, Araújo utilizou-se da divisão tradicional da história francesa quadripartite: antiga, medieval, moderna e contemporânea. A partir do modelo francês, a História do Brasil estruturou-se nos livros didáticos de forma tripartite: colônia, império e república. Nos três períodos do processo histórico foi possível identificar um fazer histórico com suas tramas políticas, econômicas e sociais.

A forma como o autor decidiu contar a história e as alianças realizadas ao longo dos quatorze anos em que viveu em solo sergipano, valeu-lhe algumas inimizades, considerando-se, de acordo com Chartier (1997, p.23), que “a cultura escrita é inseparável dos gestos de violência reprime antes mesmo de ser reconhecido o direito do autor sobre sua obra”. Tal afirmação leva a concluir sobre os motivos dos conflitos existentes no processo de feitura dos livros de Araújo, bem como nos depoimentos controversos dos intelectuais, dos amigos, de ex-alunas que vivenciaram o processo e as críticas favoráveis ou desfavoráveis às escritas do autor.

Nesse contexto, inserem-se o debate com Thétis, já abordado anteriormente, e as diversas críticas recebidas, as quais foram utilizadas como fonte, neste estudo, para tratar do processo de elaboração, divulgação e circulação dos didáticos no período estudado. Tomando-se como referência Bourdieu (1998), que o debate faz parte da luta de campo, de grupo que disputa espaço numa dada categoria profissional e social, tornando-se necessário buscar apoio nos pares. Portanto, na condição de forasteiro, ao poucos, Araújo foi conquistando espaço junto aos intelectuais ligados ao campo político. E, dessa forma, se afastava dos intelectuais, considerados historiadores de ofício, como Silvério Leite Fontes, José Calazans e Thétis Nunes, todos eles membros do IHGSE, instituição responsável pela arte do fazer a História.

No início de seus textos didáticos, o professor Araújo procura deixar claro para o leitor (professor, aluno, pai), seu objetivo ao escrever a *História de Sergipe* e a forma como este conhecimento pode ajudar na formação do estudante, do indivíduo, no âmbito da sociedade sergipana. Nesse sentido, chama-se à atenção, mais uma vez, para o conjunto de mudanças pelas quais Sergipe passou nos anos sessenta.

Muitas transformações urbanas, econômicas, descobertas de riquezas no solo sergipano, a luta e o debate pela criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), possibilitaram diversas discussões correntes em torno de identidade sergipana, como ocorre, de tempos em tempos, quando se fala da importância de ensinar História para a formação de uma identidade local, regional ou nacional, fazendo com que aflore o debate sobre a necessidade de se conhecer a cultura desta terra. Assim, o professor Acrísio teve o mérito de perceber esse processo de mudanças e a necessidade da produção de didáticos sobre a cultura local, a partir dos elementos encontrados nas fontes pesquisadas para a escrita da *História de História e Geografia para os Alunos Sergipanos*.

Salienta-se, ainda, a importância dos didáticos de Acrísio Tôrres Araújo, seu caráter inédito, como sugere Bittencourt (1992), compreendendo-se as críticas, no período em que o professor resolveu escrever seus textos sobre a história regional de Sergipe, recebidas de especialistas da História, quanto à escrita, os lapsos e ausências. Todavia, há de se considerar que todo Período Imperial e Republicano é, por ele, sintetizado, sem que, de fato, encontrasse modelos efetivos a serem seguidos. Apesar de não haver livros escolares sobre o Período Colonial, Araújo buscou referências para servir de base para sua escrita. Nesse sentido, existe consenso sobre a dificuldade que é escrever livros didáticos.

Na parte dedicada às futuras professoras, citada anteriormente, o autor procurou chamar a atenção para a importante missão que é ensinar e formar bem os futuros sergipanos. O livro busca favorecer o conhecimento acerca dos vários aspectos do desenvolvimento histórico da vida sergipana, as relações entre a economia, política, sociedade e a cultura, de acordo com o texto. Uma representação de História é encontrada na parte do texto, na qual o autor afirma que os fatos históricos são narrados, caracterizados por uma história factual, predominantemente política, administrativa, elaborada a partir de documentos escritos oficiais.

Na vinculação das alunas com os seus futuros alunos, é patente, também, a relação afetuosa, como explicitado nos depoimentos de algumas delas, no capítulo anterior. Nessa perspectiva, a professora deveria ensinar com amor os seus alunos. Sobre isso, a configuração de professora, encontrada neste e em outros livros didáticos do professor Acrísio, é romântica e característica daquele período. Tal visão é compartilhada nos estudos de Cristina Valença, Ana Maria Gonçalves Bueno de Freitas e Tereza Cristina Cerqueira da Graça.

Nas elaborações efetuadas pelas alunas e por professores, nos trabalhos citados, a professora é vista como objeto sacro e sua função é sacralizada, visão reforçada na própria literatura, com a ideia de doação de si. Para aquelas que fossem ingressar e exercer o



magistério, era exigida a castidade, concepção esta idealizada no samba *A normalista*. Contrária é a visão contida no romance, de igual nome, *A normalista*, de Adolfo Caminha, conterrâneo de Acrísio Tôrres Araújo, no qual o autor aborda várias questões sociais e não apenas a visão romântica da profissão docente.

A representação de Acrísio sobre o ensino, nesse momento do texto, faz alusão, indiretamente, às aulas globais, pensamento desenvolvido nos manuais da Escola Nova e na *Gramática da Escola Nova*. Para reforçar essa forma de ensino, o autor sugere várias leituras, ao final de cada capítulo, de modo que as futuras professoras pudessem desenvolver os seus próprios conhecimentos e conclusões, o que também pode ser considerada uma singularidade no livro de *História para o Curso Pedagógico*, no período, ao valorizar, desta forma, o estudo e a pesquisa. Assim, o conhecimento estaria solidificado, podendo ser ensinado, com propriedade, aos pequenos sergipanos.

A ideia de História Mestra, de culto ao passado, escatológica e marcada por um progresso linear, está muito clara na passagem, na qual Araújo refere que, somente deste modo se alcançaria despertar, nas crianças sergipanas, o culto aos antepassados, o amor à sua gente. Assim, estaria fortalecido nelas o presente, apoiado no passado, para a segurança dos dias futuros. Essa visão da História pode ser observada ao longo da narrativa do livro e dos exemplos que serão explicitados no decorrer deste capítulo.

Percebe-se, no último parágrafo da citação acima, que, para o autor, a História deve ser compreendida para melhorar o futuro, sendo uma concepção típica daquele momento histórico, encontrada em diversos livros didáticos que circularam no país até a década de noventa do século XX, quase que de forma predominante. Reforçam essa ideia, os estudos de Caime (2007, p.177), quando conclui sobre a história regional do Rio Grande do Sul: “abordagens de Geografia e História factual [...] cronologia institucionalizada [...] imagens elogiosas da província e de alguns de seus homens e tipos, visão ufanista da história regional.”.

O texto chama a atenção para o fato de que é preciso ensinar às crianças, a cultura e a compreensão, para que, no futuro, elas possam desempenhar um papel responsável na sociedade sergipana e brasileira. É possível perceber a representação de uma história linear, que caminha para frente, para o progresso, idealizando o futuro como melhor e promissor. Esse raciocínio está de acordo com política de desenvolvimento, inaugurada no governo JK e bem explorada pelos governos militares, após a revolução de 1964. Em Aracaju, essas mudanças foram significativas para aqueles que viveram os anos cinquenta, sessenta e setenta.

A narrativa histórica de Acrísio para o Curso Normal divide-se em três partes que, seguindo uma cronologia histórica, foi ensinada, nas escolas, até meados dos anos noventa do século XX, levando em consideração a categorização tripartite, tradicional da história do Brasil: Período Colonial, Período Imperial e República. Nesse último, o autor leva em consideração aspectos conjunturais para subdividi-lo em quatro momentos. Na divisão de forma linear, a História é representada com base na ideia de progresso e desenvolvimento. A história narrada caminha em direção a um futuro mais desenvolvido, devendo ser ensinada nas escolas a fim de que os indivíduos possam ter um papel de sujeitos neste desenvolvimento. O papel redentor da história, da escola e da professora, é fundamental para alcançar esse objetivo.

### **3.2. REPRESENTAÇÕES CONTIDAS NA FASE COLONIAL**

O período da história regional colonial está dividido em seis capítulos, iniciando-se, cada fase histórica de Sergipe com uma Introdução. No Período Colonial, um pequeno texto apresenta a fase da dominação portuguesa, tendo o objetivo de relacionar a História de Sergipe com a do Brasil e, em alguns momentos, com a história do mundo, como se pode observar nas Introduções citadas neste trabalho, e observadas ao longo do livro. Chamam a atenção para alguns fatos históricos significativos que, segundo o autor, foram importantes para o desenvolvimento local ou para o seu estrangulamento. Essas observações podem ser atestadas no texto que segue:

#### **Introdução ao Período Colonial**

Durante o período colonial da História do Brasil (1500-1822), nosso país viveu sob regime de monopólio, sendo as suas relações políticas, administrativas, apenas com Portugal. O açúcar, os metais preciosos, a criação de gado foram as grandes riquezas coloniais. Não foram diferentes as condições de Sergipe d'El Rei nesta longa fase colonial. Destacou-se principalmente na criação de gado, pois excelentes os seus campos de pastagem, mormente no oeste. A fertilidade das terras favoreceu também a cultura da cana-de-açúcar e, segundo Peschel, a ilusão do ouro ajudou a povoar. Não fossem as invasões holandesas e perturbações menores, maior teria sido neste período, o progresso de Sergipe d'El Rei. (ARAÚJO, 1970, p. 11)

Ainda, nesse texto, apreende-se a representação de História como um conjunto de causas e consequências na concepção de tempo histórico da longa duração, tal como, a fase colonial, a qual se inicia em 1530 e dura até 1824, com a declaração da Independência do Brasil, ou o contexto sergipano que vai de 1590, com a conquista, até 1820, com sua independência da Bahia.

A análise do primeiro período no livro didático de Acrísio não apresenta mudanças significativas nos fatos históricos narrados ao longo dos seis capítulos. O mérito da obra é fazer conhecer a História de Sergipe aos estudantes da época, expondo os fatos históricos da fase Colonial, apreendidos, em sua maioria, das obras de referências utilizadas para a construção dos capítulos, já que fazem parte da historiografia clássica oficial da História de Sergipe e do Brasil. Portanto, as representações de História estão contidas nas obras consultadas pelo autor.

As obras consultadas sobre Sergipe foram: *A Capitania de Sergipe*, de Ivo do Prado; *História de Sergipe*, Acrísio Tôres Araújo; *Povoamento da Cidade de Salvador*, de Thales de Azevedo; *História de Sergipe*, de Felisbello Freire; *Evolução Política de Sergipe, Limites Sergipe-Bahia*, de Acrísio Tôres Araújo; *Memória Histórica*, de Carlos César Burlamaque; *Independência de Sergipe*, de Acrísio Tôres Araújo.

Os trabalhos consultados como referência sobre a História do Brasil foram: *Formação Histórica do Brasil*, Pandia Calógeras; *História do Brasil*, Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil I*, Hélio Vianna; *História do Brasil*, Handelmann; *Os Holandeses no Brasil*, Netscher.

As obras consultadas, sobre a história local e nacional, apresentam traços do conhecimento histórico construído no Brasil até a primeira metade do século XX. São marcadas por uma história política, factual e positivista, de modo que as representações de história em sua maioria para o período colonial se enquadram nesta perspectiva de análise. Ao tratar do período colonial, Acrísio fez uso das palavras e frases como **“a doação e o donatário”**; **a tragédia de Itaparica**; **o evangelho, o curral, a espada**; **depressão econômica**; **a reação de 1639**; **o longo período da tetrarquia**; **Pombal e a expulsão dos jesuítas**; **novos conflitos sociais**; **questões de limites entre Sergipe e Bahia**; **influência dos d’Ávilas**; **as cessões da corte em Lisboa**; **posse e deposição dos d’Ávilas**; **posse e deposição de Carlos César Burlamaque**. Parece um recurso para tornar o conteúdo mais atraente. As palavras e as frases, retiradas dos títulos, demonstram a vontade do autor em provocar interesse sobre o texto, assim como de provocar certa curiosidade nas leitoras, o que talvez favorecesse a leitura posterior.

Predominam os atos políticos, atos individuais, ideias de indivíduos que sobressaem aos demais em determinados aspectos da vida, o político, o econômico, o religioso ou, até mesmo, a contestação diante das ordens superiores. Nesse sentido, Araújo parece perceber as mudanças que se processavam na forma de escrever História na década de sessenta, e que isto exigia uma nova postura do historiador. O campo de atividade do historiador de ofício passou

por questionamentos nos anos sessenta, exigindo, então, novidades investigativas e novas possibilidades a serem apresentadas ao profissional de Clio. A narrativa flui, na primeira parte do livro, mesmo alicerçada na História tradicional.

Ainda sobre as palavras e frases citadas acima, salienta-se que o professor Acrísio aborda outros temas para além da história oficial: percebe-se os conflitos, reações, contestações, tragédias, problemas econômicos e, de toda ordem, no desenrolar da História local. Existem outros sujeitos, outros temas que não estão declarados nos discursos, até porque não faziam parte do entendimento do historiador no período em que suas obras didáticas foram escritas e editadas. De acordo com o presente estudo, exigir outra compreensão de História para o período e para o livro em questão, teve um tipo de anacronismo a fim de, simplesmente, caracterizá-lo de nacionalista, patriótico, reduzindo-o a mero portador de uma história unicamente factual, uma vez que, no período estudado, esta era a compreensão de História que predominava.

Opta-se por não colocar o livro nesse tipo de caixa hermética, já que ele apresenta outros sujeitos, documentos e aspectos pedagógicos que vão além da memorização, corrente adotada no período estudado. É bem representativo o pensamento de história para o autor, quando ele cita, na orelha da *História de Sergipe*, que “A história... educa (Trevelyan). A história... explica o presente (Troeltsch). A história... produz entusiasmo (Goethe)”.

Acrísio, ao fazer essas citações, leva a perceber que transitava dentro do processo das mudanças históricas dos períodos, o que justifica, também, algumas inovações encontradas em seus livros didáticos ou não didáticos, reforçando a ideia de que não se deve enquadrá-lo dentro de uma determinada tendência dos estudos realizados até então sobre livros didáticos, das representações sobre as mudanças ocorridas na História de Sergipe, sempre a partir do aspecto político-administrativo, conforme se verifica nos três primeiros capítulos referentes ao Período Colonial.

Ocorre, primeiramente, a doação da capitania: vêm os homens ilustres. Os fatos históricos, considerados pelo autor como motor da História, são os atos políticos administrativos, seguindo a mesma sequência de raciocínio nos demais capítulos do período. Desde a sua instalação na Bahia, era plano do Governo Geral levar a expansão portuguesa até a capitania de Pernambuco, estabelecendo comunicação segura entre os dois centros da vida colonial. Todavia, assim não se deu, tendo Garcia d'Ávila povoado a região, “unicamente de currais de gado”. Pouco antes do início do domínio espanhol (1580-1640), foi constituída uma junta de governo com três membros: o bispo Dom Antônio Barreiros, o provedor-mor e Cristóvão de Barros.

As reproduções que o autor faz das mudanças políticas, estas, predominantemente, alteram os rumos da história local, atos, decretos, decisões de autoridades. Traz, ainda, a noção de causa e efeito, a linearidade na história. Todo o Período Colonial foi marcado por ato de cunho factual da História. Sobre os sujeitos que participaram do processo histórico sergipano e os conflitos decorrentes deste processo, é patente que não foram pacificados com facilidade, nem apenas obra da elite, como sempre narrado pela história oficial.

Os fatos narrados, a seguir, corroboram o conhecimento de que a colonização sergipana não se deu de forma tão pacífica como sugerem os acontecimentos, segundo os quais tudo correu normalmente nos primeiros anos. Nas narrativas encontra-se que não demorou que Caramuru e os indígenas passassem a ver no velho Pereira Coutinho, um intruso, incômodo indesejável. Os cronistas do século XVI e alguns donatários, em carta ao rei Dom João III, trataram das causas que levaram ao trágico insucesso do donatário. Pero Borges fala das conspirações de um clérigo de missa, enquanto Pero de Campo lembra os contrabandistas franceses. Segundo Thales de Azevedo, as violências dos colonos, a escravização, os raptos das mulheres índias, os roubos em roças dos indígenas, foram causas lutas.

As representações, contidas nesta parte do texto, expõem explicações já consagradas na historiografia local e do Brasil para aquele momento histórico, dentro das concepções de História, tempo, fato histórico, indivíduo. Apresenta algumas rupturas nos títulos, aponta alguns personagens marginais, contextualiza a História com o mundo. Mas, o que marca a História Colonial é, como de costume para o momento histórico, o ato político, a documentação oficial.

Predomina a narrativa de atos políticos, administrativos, até porque as fontes que foram usadas na construção do livro didático estavam imbuídas com este tipo de referencial. Em sua narração é possível se observar a existência de vários conflitos de ordem econômica, política, social e cultural. A História não foi ali narrada de forma passiva, destacando-se que o texto em história é um discurso, condicionado ao tempo histórico e às escolhas do historiador, que faz dos documentos, fontes para escrever sua narrativa.

### 3.3. A FASE IMPERIAL E SUAS REPRESENTAÇÕES

O Quadro 7, abaixo apresentado, traz as representações feitas pelo autor sobre as mudanças políticas que, predominantemente, alteram os rumos da história local, atos, decretos, decisões de autoridades. Todo o período imperial foi marcado por ato de cunho factual da história.

**Quadro 7-** Representações históricas do Período Imperial

Capítulos	Representação/Categoria	Fatos históricos
7. A presidência Inácio Barbosa. A resolução 413 e a mudança da capital. Os efeitos do cólera morbo.	Idem. Acrescentam alguns conflitos, problemas da educação e situação de saúde pública.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Nos últimos dias de 1853, em 17 de novembro, assumiu a presidência da província de Sergipe Inácio Joaquim Barbosa.</li> <li>Em 1855, o presidente Inácio Barbosa empreendeu a mudança da sede do governo de Sergipe.</li> </ul>
8. Dom Pedro II em Sergipe, lugares e repartições públicas visitadas. As obras do canal do Pomonga.	Idem. Descreve aspectos da vida, cotidiano do período; Visita do imperador às escolas, as avaliações, visita a obras na província; Conflitos políticos: liberal <i>versus</i> conservador; Contextualiza a situação de Sergipe no contexto brasileiro.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em sete de Março do ano de 1859, um novo presidente assumiu a administração da província de Sergipe, o doutor Manuel da Cunha Galvão.</li> <li>Foram fatos notáveis de seu governo: as eleições provinciais, a criação de um instituto agrícola, a visita honrosa do imperador e da imperatriz do Brasil. Enfim, a honrosa visita do imperador Dom Pedro II e da imperatriz Dona Tereza Cristina, que desembarcaram em Aracaju, à capital, na ponte do imperador, em 11 de Janeiro de 1860.</li> <li>Por essa época, malgrado à política de conciliações do marquês de Paraná, as lutas pelo poder em Sergipe, como nos países, limitavam-se à ação dos partidos liberal e conservador. Na ânsia de subida ao poder, eram frequentes as perturbações decorrentes das lutas partidárias. Assim, com a sua simplicidade, compreensão, tolerância, Dom Pedro II semeou paz e harmonia em Sergipe.</li> </ul>
9. Sergipe na guerra do Paraguai. Francisco Camerino, o herói-paisano. Os encontros de Curuzu e Curupaíti.	Idem. Fato político; Participação de Sergipe; Indivíduo/ herói; Narra batalhas; Causas e consequências.	No ano de 1864, durante o segundo império brasileiro, teve começo uma longa e lamentável guerra entre o Brasil e Paraguai.

**Fonte:** Araújo (1970).

Na introdução e ao longo dos três capítulos, o autor procurou contextualizar a História de Sergipe, no âmbito da História do Brasil. Os títulos dos capítulos são bem sugestivos, de modo a despertar o interesse e a curiosidade do leitor através dos aspectos do cotidiano que os mesmos evocam. Araújo aborda o processo de Independência, os conflitos deste processo entre Sergipe e Bahia, o primeiro governo e a mudança da capital, as causas econômicas e sociais da transferência bem como os efeitos do cólera morbo em solo sergipano. Vários aspectos do cotidiano do Período Imperial foram acrescentados, desenvolvendo o conteúdo dos oitocentos sergipanos, o que, para o período em que o livro de História foi escrito, pode ser considerado uma inovação, em termos de disposição e adequação de conteúdos.

No capítulo sobre a visita do imperador, narra sobre as avaliações escolares, a visita do monarca às obras que estavam sendo realizadas, na província, em várias vilas. Mostra a importância da visita do imperador, bem como o papel conciliador dessa viagem, cuja finalidade consistiu em conter os conflitos existentes em várias partes da nação, evitando, assim, que houvesse a divisão do império, como ocorrera em toda a América Latina após o processo de Independência.

No caso de Sergipe, ocorreram, no Período Imperial, vários conflitos por motivos políticos, mostrando que a história sergipana não aconteceu de forma tão pacífica quanto alguns estudiosos imaginavam e narravam em livros produzidos nos meados do século XX. Daí a importância estratégica das visitas imperiais às várias regiões da nação, realizadas por D. Pedro II. Ainda sobre o Período Imperial, no processo da crise daquele período na História brasileira, o autor aborda o conflito com o Paraguai, suas causas e consequências, além de enfatizar o papel daqueles que lutaram no conflito. Atribui destaque a Francisco Camerino, que morre em batalha, entra para a história como o herói paisano, exemplo de amor à nação e à Sergipe, símbolo de bravura e civismo do soldado sergipano. Nesse período, a linguagem é clara e objetiva.

Lembra-se que a narrativa da fase correspondente ao Período Imperial faz alusão a muitos fatos notáveis em relação ao imperador, questões do cotidiano. A escrita de Araújo é realizada a partir de textos clássicos da historiografia sergipana e brasileira, fornecidos ao longo do texto como citação ou sugestão de leituras complementares. Ao se comparar os dados da escrita do Período Imperial com a fase Colonial, pode-se concluir que Araújo desenvolveu sua escrita de forma clara. A narrativa e a leitura esclarecem melhor ao leitor sobre os acontecimentos históricos contidos ao longo dos capítulos presentes no texto. Isso

leva a concluir que as referências foram bem mais utilizadas no corpo do texto do que aquelas que são apresentadas na fase Imperial.

Em seus três capítulos, as quase sete décadas do Período Imperial são apresentadas sem muito nexos entre os períodos, existindo silêncio em relação a muitos fatos históricos significativos, os quais poderiam ter sido elucidados pelo autor. Cabe salientar que a escrita da História é feita mediante seleção, constatando-se que o historiador escolhe os fatos que serão alvos dos seus questionamentos.

Dessa mesma forma, o escritor de livros didáticos opera com a seleção de conteúdos, entendendo-se como óbvias as lacunas, porque não existe livro didático que seja considerado perfeito ou capaz de contemplar todos os acontecimentos e fatos históricos registrados pelas pesquisas acadêmicas em História e demais áreas. O que se questiona é se a disposição e seleção de determinados conteúdos, no texto da escrita, podem ou não favorecer a compreensão daqueles presentes na narrativa, de forma inteligível.

Nesse sentido, é possível entender algumas críticas que foram dirigidas aos livros didáticos de Araújo sobre as lacunas existentes, as quais são verificadas ao longo das narrativas. Como afirma Chartier (2002), em seu livro *Do palco à página*, que todo livro, depois de publicado, estará sujeito às críticas alheias, porque quem lê, sempre gostaria de acrescentar algo ou o faria de outra forma. Os três capítulos que compõem a história imperial, portanto, estão repletos de lacunas, não correspondem aos textos que o autor sugere em suas leituras complementares.

Mesmo assim, as representações encontradas correspondem àquelas identificadas no Período Colonial, assim como as mudanças históricas continuam sendo realizadas pelos sujeitos que detêm o poder político. É o imperador que vem apaziguar! Como os sergipanos conquistaram sua liberdade? Quais os motivos que provocaram a Guerra do Paraguai e a entrada do Brasil no conflito? Como, durante o processo de Independência e da Proclamação da República, ocorreram conflitos, quais suas motivações? Qual o real significado do colocar no texto a presença de Francisco Camerino, o herói paisano? Quais as motivações das reformas urbanas acontecidas no período imperial? São algumas lacunas presentes no texto que podem levar a entender o processo histórico de forma enviesada.



### **3.4 OS SENTIDOS E OS MODOS PRESENTES NA HISTÓRIA DO PERÍODO REPUBLICANO**

A escrita do Período Republicano, na história de Araújo, segue a mesma linha dos dois períodos que o antecedem. Toda a escrita está marcada por uma narrativa baseada em documentos oficiais e comunicações dos chefes de estado, secretários entre outros. A referência utilizada na etapa Colonial Imperial quase não é notada dentro do texto. Os capítulos parecem descrição fiel e, em alguns casos, apologéticos dos governadores, os grandes responsáveis em conduzir os sergipanos para um destino glorioso, do presente para o futuro, de forma segura, evitando os conflitos que possam surgir ao longo do processo histórico em Sergipe.

Na introdução de cada capítulo, aparece sempre o chefe político, como tendo o direito legítimo de conduzir o povo, gerir a Província ou o Estado, de forma a favorecer o bem comum de todos. Diferente da narrativa do Período Imperial, Acrísio, na etapa republicana, não salienta os aspectos do cotidiano e os conflitos, as revoltas e os possíveis questionamentos sobre a ordem estabelecida. Dessa forma, são ignorados aqueles acontecimentos que ocorreram durante as sete décadas do período republicano escrito por Acrísio ou, pelo menos, foram narradas de forma amena.

Pensando-se acerca dessas exigências de colocar determinados sujeitos, conteúdos que dão voz a determinado fato ou sujeitos, percebe-se que são uma característica da renovação do ensino de História ocorrida nas últimas três décadas e, talvez, olhar para o livro, observando tais ausências, seja um aspecto do anacronismo que ronda os sonhos e desejos humanos. Pode-se entender que Araújo escreveu o livro que tinha de ser como era e possível para aquele momento, onde os agentes de mudanças continuam sendo o chefe político, detentor do poder de decisão.

As representações que o autor faz das mudanças políticas, predominantemente, alteram os rumos da História sergipana a partir dos interesses das elites locais, por meio das ações. Os documentos oficiais, particularmente as mensagens de governo, estão claramente presentes em suas narrativas do período, além dos atos de governo, decretos, decisões de autoridades. Permanece, ainda, a noção de causa, efeito e linearidade na história, representação recorrente não apenas nos livros de Acrísio, mas também nos que circulavam no período estudado, como atestam Flávia Caime (2007) e Itamar Freitas (2004), em seus estudos sobre os livros de história regional. Este estudo reforça as conclusões desses dois estudiosos sobre o ensino e o livro de História.

Ao favorecer em seu texto uma história tradicional, factual, narrativa, repleta de atos políticos e administrativos, Araújo ajuda a entender melhor a história dos livros didáticos. Na história narrada por Acrísio, encontram-se, também, permanências e rupturas, em termos pedagógicos e históricos de ensino para o período. Adverte que a história é feita com o vivido, tendo um lastro em que repousa suas convicções, suas construções, em um determinado tempo histórico. No Quadro 8, é possível perceber algumas das representações aqui apresentadas.

**QUADRO 8 - Das Introduções às Quatro Partes dedicadas ao Período Republicano**

<p>Introdução ao Período Republicano 1</p>	<p>O período republicano da História do Brasil, na primeira república (1889-1930), foi para o país e para os estados, uma fase de preparação, de adaptação. É isso comum na vida dos povos que experimentaram essas transições, esses momentos históricos. Assim ocorria porque o Brasil acabava de sair de um regime de governo que durara sessenta e sete anos. Procurava acostumar-se à nova roupagem política, às perturbações e dificuldades deparadas. Passados os primeiros e difíceis dez anos, como o país, Sergipe entrou num ritmo regular de progresso e realizações. Os governantes, cômicos de seus deveres, voltaram-se para os problemas da educação, da agricultura, da economia do Estado. P. 47.</p>
<p>Introdução ao Período Republicano 2</p>	<p>Com a revolução de 3 de outubro de 1930, que depois com o presidente Washington Luís, teve início a segunda república no Brasil. Prolongou-se até o coup d'état de 10 de novembro de 1937, quando foi implantado o “Estado Novo”. Getúlio Vargas tornou-se ditador, nomeando interventores para os Estados. Nesta fase ocorreu a segunda guerra mundial do século (1939-1945), da qual participou nosso país, como havia participado da primeira (1914-1918). Sergipe guarda na memória as cenas dantescas da guerra, pois os navios brasileiros foram afundados próximo ao seu litoral. Foi uma época difícil para o Brasil, para os Estados, para Sergipe; mesmo assim, os governantes sergipanos deixaram realizações importantes. P. 67.</p>
<p>Introdução ao Período Republicano 3</p>	<p>Terminada a segunda guerra mundial do século (1939-1945). Deposto Getúlio Vargas, o Brasil retornou à vida democrática. Em Sergipe, como nos outros Estados, os interventores cederam o lugar a cidadãos eleitos diretamente pelo povo. Passos mais firmes foram dados pelos governantes sergipanos, procurando recuperar as finanças do Estado, desenvolver a economia, criar serviços sociais, disseminar a educação. Lamentavelmente restavam velhos resíduos do espírito de facção... No entanto, à parte essas circunstâncias, o governador de Sergipe voltou-se para o progresso da terra, elevação social e bem-estar da população. Merecem aplausos, valioso estímulo para os que recebem a difícil tarefa de dirigir os seus concidadãos. P. 73.</p>
<p>Introdução ao Período Republicano 4</p>	<p>Com a renúncia de Jânio Quadros da presidência da república em 1961, foi instaurado no Brasil o sistema parlamentarista de governo, assumindo o poder, João Goulart. Mas, já em 1963, um plebiscito restabelecia no país o regime presidencialista. Nos primeiros meses do ano seguinte mostrou o governo “tendência no sentido de ser levado o país à adoção de medidas de caráter esquerdista, contra as quais se pronunciava a nação”. Ante a gravidade da situação, foi imediata a reação dos chefes militares de maior prestígio, na revolução de 31 de março. De acordo com o ato institucional I, foi eleito pelo congresso nacional para a presidência da república o coordenador da revolução, marechal Humberto de Alencar Castello Branco. E, desde esse momento, foi posto em execução um amplo plano de recuperação e reajustamento geral do país. P. 81.</p>

**Fonte:** História de Sergipe para o curso normal, do professor Acrísio Tôres Araújo (1970, p. 47-81).

No Quadro supracitado, podem-se perceber quais as intenções e objetivos do autor na escrita da História, declarados nas primeiras páginas de seu livro, quando fala às futuras professoras, em seus outros livros didáticos, sobre a importância de se conhecer a História e relacioná-la com os vários campos do conhecimento produzido pelo homem. Essa concepção é encontrada nos diversos textos de Araújo e não apenas nos didáticos, mas nos jornais, nos prefácios, nas introduções escritas por ele mesmo, em seus próprios depoimentos aos pesquisadores. Todavia, a escrita histórica, presente no texto, difere de suas intenções em outras partes deste texto, por causa da natureza do texto didático. Ele próprio reconheceu os limites de suas escritas para o ensino sergipano do período.

Nas Introduções do Período Republicano, Araújo chama a atenção para as mudanças históricas. Salienta que todos os povos passam por mudanças e, neste sentido, é preciso um período de adaptação ao novo regime, pois, neste processo, ocorrem perturbações e dificuldades que os governantes devem superar para o bem comum. Afirma, ainda, que chefes do executivo, cientes de suas responsabilidades, devem solucionar problemas como educação, agricultura e economia. Percebe-se, no texto, a representação que Araújo tem da função política.

Na segunda Introdução, ele descreve o governo de Vargas. Fala da guerra mundial, afirmando que foi um tempo ruim para todos, mas que os governantes tentaram resolver os problemas. Na introdução seguinte, fala do fim do governo Vargas e do retorno à democracia com eleição livre. Em Sergipe, seus governantes procuraram desenvolver vários setores como educação, serviços. Lamentavelmente, restavam velhos resíduos do espírito de facção.

Com a renúncia de Jânio Quadros à presidência da República, em 1961, é instaurado o sistema parlamentarista de governo, assumindo João Goulart. Mas, em 1963, nos primeiros meses, o Governo mostrou tendência à adoção de medidas de caráter esquerdista, contra as quais se pronunciava a nação. Ante a gravidade da situação, houve a reação dos chefes militares, na revolução de 31 de março. De acordo com o Ato Institucional I, foi eleito o marechal Humberto de Alencar Castello Branco, posto para recuperar e reajustar, de modo geral, o país.

A partir do que já foi exposto, encontra-se, na Introdução, o papel fundamental do chefe do executivo, em todos os níveis, tomando as decisões para o bem comum. Um bom chefe será capaz de transpor todas as dificuldades e levar o povo sempre para frente, como sugere a narrativa. Aqui, mais uma vez, a ideia de linearidade da História. Consegue-se identificar algumas rupturas e continuidades do processo. Conflitos a favor ou contra as

medidas do governo. A influência que um acontecimento mundial tem nas vidas de outras localidades. Fala de tempos ruins, mas que devem ser superados. Nas quatro Introduções é possível, então, compreender várias representações sobre o movimento histórico.

Quando Araújo faz um resumo dos governos de Seixas Dória e Celso de Carvalho, bem como da revolução de 1964, é sempre o chefe do executivo que toma a direção. No dia 31 de janeiro de 1963, perante a Assembleia Legislativa de Sergipe, assumiu o governo do Estado, o doutor João de Seixas Dória, o qual pediu as bênçãos de Deus para que pudesse fazer por Sergipe, o que, honestamente, tinha a intenção de fazer por ele. Desde logo, compreendeu o governador a impossibilidade de administrar com os recursos do Estado.

No primeiro setor, o rodoviário, o governo fortaleceu financeiramente o DER; firmou convênios com o MEC-SUDENE-USAID. A importante realização, dessa curta administração, foi a inauguração do Banco do Fomento Econômico de Sergipe, hoje banco do Estado de Sergipe S/A, em dois de Janeiro de 1964. Também, nessa administração, teve início a construção da cidade dos funcionários. A revolução de 31 de março de 1964 foi feita tendo em vista a defesa das instituições do país, ameaçadas de colonização. Em Sergipe, foi decretado, pela Assembleia Legislativa, o *impeachment* do governador Seixas Dória, o qual logo foi sucedido pelo vice-governador, doutor Sebastião Celso de Carvalho.

Ainda sobre o papel do agente político, a narrativa tem essa compreensão sobre a atuação política: as frases retiradas do último Período da República deixam claras as representações que os governantes passavam em suas mensagens de governo. Sempre o governo é que toma a iniciativa de melhorar a vida das pessoas, como se percebe nas citações: “Tudo fez o governo no sentido”, “Procurou o governador Leandro Maciel restaurar a confiança do povo”, “Pode o governo ampliar o seu programa de obras de interesse público”. “Esforçou-se o governo do estado para proporcionar”, “Procurou estimular as fontes de”, tal como exposto no Quadro 9. Evidente que a decisão caracteriza-se sempre como de cunho político-administrativa.

**QUADRO 9-** Fatos históricos considerados pelo autor como motor da história: atos político-administrativos, sujeitos substantivos.

- “Para suceder ao presidente Manuel Correia Dantas foi eleito, em 26 de julho de 1930, o deputado Francisco de Souza Porto”.
- “A revolução de 1930 foi um movimento de caráter civil e militar”.
- “Deposto o presidente da república”.
- “Em Sergipe, Maynard Gomes foi nomeado interventor. Em 31 de Março de 1935 foi instalada a Assembleia Constituinte do Estado”. ’’
- “O período administrativo de Eronides de Carvalho foi perturbado pelos reflexos da intentona comunista de 1935”

- “Houve greve dos trabalhadores em trapiche, dos padeiros, dos operários da fábrica de fiação e tecidos São Cristovão, na ex-capital sergipana”.
- “O longo regime do “Estado Novo” chegou ao fim em 29 de outubro de 1945, com deposição de Getúlio Vargas pelas forças armadas”.
- “Em Sergipe foi eleito governador o doutor José Rollemberg Leite, que assumiu o poder em 29 de Março de 1947”.
- “Nova Constituição de Sergipe foi promulgada em 16 de julho de 1947, pela Assembleia Constituinte Legislativa.”.
- “Desde o início, adotou o governador sergipano uma política rígida de equilíbrio orçamentário para debelar a crise econômico-financeira do Estado. Por isso mesmo, puderam ser realizados serviços e obras de interesse geral.”.
- “O governador José Rollemberg foi substituído pelo senhor Arnaldo Rollemberg Garcez, que tomou posse em 12 de março de 1951”. Pedindo a colaboração da Assembleia Legislativa, lembrava que “governar é existir em função dos legítimos anseios populares”.

Fonte: Cruz (1970).

A *História de Sergipe para a Escola Normal* foi o livro didático destinado ao Curso Normal, diferente dos outros textos de Acrísio utilizados, enquanto didáticos, para os estudantes sergipanos. Não foi encontrado nenhum comentário positivo ou negativo nos jornais do período, entre os limites que podem ser colocados a respeito da produção de livros didáticos, a seleção dos conteúdos, a escolha das fontes, o encadeamento dos conteúdos etc., surgidos na sociedade sergipana em relação a outros textos de Araújo dedicados ao ensino, aos vários debates, que puderam ser acompanhados nas mídias do período e nas atas do CEE.

Destinado aos alunos da Escola Normal, o livro traz uma síntese da história sergipana e pode ser considerado um resumo da *Pequena História de Sergipe*, dentro do mesmo objetivo de facilitar a transmissão dos conteúdos. Foi, também, uma tentativa de sistematizar os conteúdos da história local, como pedia a LDB, de 1961. Sobre a escrita da *História de Sergipe*, nesta análise empreendida, entende-se que o texto traz, em si, aspectos da historiografia na qual o livro foi escrito, como se pode comprovar com os escritos, usados por Araújo, como referencial para escrever seus documentos de História.

É nesse sentido que a análise seguirá, procurando identificar as representações de História do período e sustentando-se em textos de Le Goff (1990) e Ciro Flamarion Cardoso (1988). O primeiro, porque faz um balanço das mudanças que a História e o seu ofício sofreram em meados do século XX; e o de Cardoso, por ser um manual que serviu para formar gerações de estudantes sobre Sergipe, trazendo uma compreensão de História entre os anos setenta, oitenta e noventa. Nesses dois textos, encontram-se diversas representações sobre a História, de modo que os conceitos estejam próximos do livro, evitando-se anacronismos, em que a compreensão possa ser enviesada, permitindo julgamentos

precipitados ao se retirar do texto, as representações e sentidos que não eram entendidos no período em que a obra está inserida, sua produção e circulação.

O texto se constituiu uma novidade porque, até aquele momento, não havia, em Sergipe, nenhum manual de História destinado aos alunos dos cursos pedagógicos. Em termos de conteúdos de História, o autor segue os clássicos nacionais e local, citados em outra parte deste trabalho. A divisão dos acontecimentos segue a historiografia tradicional: fase Colonial, Imperial e República. O texto é construído de forma narrativa, obedecendo a uma ordem cronológica, tradicionalmente aceita pela História.

O relato do período colonial está inserido na História do Brasil e vai de 1534 até 1820, período da Independência de Sergipe em relação à Bahia, conforme a bibliografia consultada por Araújo. Na *História de Sergipe*, de Felisbello Freire, nas memórias de Antônio José da Silva Travassos e em outras obras encontradas no IHGSE, a fase Colonial sofreu influência dos trabalhos de Francisco Antônio de Carvalho Lima Júnior e de Ivo do Prado. Na História do Brasil foi consultado Pandiá Calógeras, Frei Vicente de Salvador, Thales de Azevedo, Pedro Calmom, Hélio Viana, Handelman e Rocha Pombo. A narrativa desse período é mais rica em detalhes e ampla em sua análise, porque se sustentava na historiografia nacional, já bem aceita pela comunidade, portanto, bem sedimentada.

Já o período imperial é apresentado em quatro capítulos, não sendo rico em textos e análise como o que apresenta no período colonial. Primeiro, o autor contextualiza com a História nacional e, em seguida, introduz a ideia sobre a História local. A eleição dos conteúdos, para esse período, baseou-se na Independência, na autonomia em relação à Bahia, na transferência da capital, apresenta a visita do Dom Pedro II e a guerra do Paraguai.

A partir dessa análise, a escrita de Araújo não difere das obras que existiam até o período. As representações que predominam no estudo estão de acordo com a historiografia da época. É preciso salientar que, naquele momento, Araújo não era historiador de ofício e a obra, em consequência, se ressentia de um maior trato no sentido da construção do fato histórico.

A História sergipana, nos três períodos, é narrada, em sua maioria, a partir do viés político, de documentos oficiais, da imagem de vultos políticos. São ressaltados nomes de governantes, datas e feitos políticos. Essa forma de escrever história é uma representação linear, evolutiva e progressiva, podendo ser percebidas em todas as obras didáticas produzidas àquela época. Wilde (2007, p. 45) conclui que este período foi construído, por Araújo, de forma isolada, desarticulada, proporcionando uma leitura pouco agradável, sustentando sua

afirmação nas opiniões do professor José Silvério Leite Fontes, quando este faz uma crítica geral à *Pequena História de Sergipe*.

A análise realizada neste estudo permite chegar a uma conclusão contrária aos dois autores citados anteriormente. De fato, existem alguns limites em termos dos conteúdos e sobre processo de escolha dos assuntos, temas para livros didáticos. Detectam-se algumas lacunas e ausências em termos de assuntos e, às vezes, parece que o conteúdo e o encadeamento das ideias ficam incompletos. Mas, é evidente que se trata de uma consequência da seleção feita por Araújo. Quanto aos conteúdos, ela apresenta os conflitos existentes nesta fase da História sergipana, acrescenta aspectos da vida cotidiana com a visita de Dom Pedro II e, ao falar da Guerra do Paraguai, aborda uma personagem inusitada da desta História, o herói paisano, Francisco Camerino.

Ainda sobre os oitocentos, abordam questões educacionais, conflitos políticos, questões de higiene, como as consequências do cólera *morbis*, que acometeu a província. Esse últimos assuntos não foram bem trabalhados. Porém, foi inovador no sentido de abordar temas que não eram considerados relevantes nos textos didáticos do período, inclusive em relação às fontes utilizadas nessa segunda parte, tais como decretos, resoluções mensagens de governo, bem como a literatura clássica de História nacional e local.

O período republicano, apesar das fontes, do acesso aos documentos, continua seguindo a mesma orientação de escrita das fases anteriores, com o acréscimo das mensagens de governo utilizadas como fonte oficial da verdade histórica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo desenvolveu suas análises a partir dos pressupostos da Nova História Cultural. Com base nesse referencial, o campo das pesquisas em educação ampliou-se de forma extraordinária. Novas abordagens e novos métodos questionavam os antigos. Como consequência desses questionamentos, outras fontes chamaram a atenção dos historiadores de formação e dos historiadores da educação.

Nessa análise, foi possível perceber que a escrita de Araújo não difere das obras que existiam até o período. As representações que predominam no estudo estão de acordo com a historiografia da época. É preciso salientar que, naquele momento, Araújo não era historiador de ofício, razão pela qual a obra ressoa de um maior trato no sentido da construção do fato histórico. De acordo com Freitas (2009, p.68), “destacam-se dos livros de história regional os conteúdos e conceitos substantivos e conceitos meta-históricos fundamentais ao historiador e a seu ofício, necessários para a compreensão da história”. Ainda de acordo com esse pesquisador, tais conceitos estão presentes nos livros de história regional, corroborando este trabalho.

Permite-se afirmar, tal como Marilu Faricelli (2005 apud FREITAS, 2009, p. 68), “os conteúdos elaborados pela ciência de referência (conteúdos conceituais tem extremo prestígio na confecção desse gênero)”. Os clássicos, Hélio Viana, Calógeras, Freire, dentre outros da História nacional e regional de Sergipe, foram utilizados por Araújo. Eram as referências possíveis para aquele momento, fornecendo informações para a construção do processo histórico narrado no livro analisado.

O levantamento das Introduções do livro em questão e de outras produções de Araújo possibilita compreender a ideia de História concebida pelo autor. Acrísio compreende, em seus textos, que o conhecimento de História deve ser estudado de forma crítica e, se possível, com uma visão filosófica da mesma, pois esta tem por finalidade tornar o homem consciente de seu passado, para agir no futuro, ideia de história linear... , melhor agir, mudar.

A História é apresentada de forma narrativa, mas, ao longo do texto, são encontradas algumas pistas que apontam para uma História crítica, presente nos títulos dos capítulos, relativamente aos conflitos, aos problemas do cotidiano apresentados ou, ainda, quando o autor indica quais as funções que devem ser exercidas pelos governantes e o papel que estes desempenham na História de uma sociedade.



Tendo como suporte o conceito de representação de Roger Chartier (1988), as análises aqui apresentadas, através das apropriações de intelectuais sergipanos que comentaram as obras do professor Acrísio Tôrres Araújo, em jornais ou prefaciadas, suas obras e as representações que emergiram de suas memórias, bem como de suas ex-alunas e amigos, foi possível concluir que o texto produzido representou uma mudança no ensino de História de Sergipe, à medida que sistematizou os conteúdos a serem ensinados, trouxe novos temas para debates. O livro refletiu, também, as mudanças econômicas, políticas, sociais e educacionais que aconteceram nos anos de 1960, no Estado de Sergipe.

Pode-se concluir, de acordo com as representações recolhidas nos documentos do período sobre o lançamento dos livros de Araújo, que é possível perceber as contradições nas críticas feitas à produção deste autor, nas quais não há uma contribuição positiva ou negativa. Encontram-se, nas fontes diversas, representações que apresentam o autor e sua obra de forma paradoxal, como, por exemplo: o autor sistematizou os conteúdos, mas para alguns não tinha fundamentação em seus argumentos; suas fontes eram duvidosas (jornais velhos); sua narrativa mostrava-se empolada; o seu material didático era o único disponível, circulando oficialmente, para estudar os conteúdos sobre Sergipe. De qualquer forma, é fato que a obra didática de Araújo sobre a Geografia, a História e a Cultura sergipanas não encontrou produção que lhe pudesse fazer concorrência no período estudado.

Quanto à aceitação do livro pelas estudantes, conforme as falas e as opiniões, esta aparece de forma contraditória, podendo-se afirmar que reflete o debate que ocorria na sociedade naquele período. As depoentes guardaram, na memória, a importância não só do livro produzido para as normalistas, como também dos demais livros do autor. A opinião das alunas que estudaram na Escola Normal após a saída de Araújo exprime que a Disciplina voltou a não ser sistematizada e que o livro, apesar de limitado em suas informações, era o único recurso que os alunos, não só aqueles da Escola Normal, tinham para estudar.

Torna-se, portanto, curiosa a ideia de considerar o livro limitado, quando não existia outro circulando oficialmente, que pudesse servir de parâmetro para tal afirmação. Aqui, conclui-se que reflete a disputa intelectual encontrada nos jornais da época entre Thétis e Araújo, com suas formas de ver e entender a escrita da História. Complementa-se, neste estudo, a partir das fontes analisadas, que Acrísio Tôrres de Araújo foi um homem do seu tempo. O livro analisado possui as marcas da História da época, com as verdades que foram possíveis.

O texto tem uma linguagem clara e objetiva, evidenciando que a obra de Araújo foi escrita para facilitar a formação pedagógica e intelectual das professoras do Instituto de

Educação Rui Barbosa, além de auxiliar na formação da identidade dos sergipanos. Identidade, essa, muito em moda nos anos sessenta e início dos setenta, com o surto de desenvolvimento econômico e crescimento urbano pelos quais passava a capital e o Estado de Sergipe: urbanização, estradas, rodovias, Petrobrás, dentre outras mudanças acontecidas nos anos sessenta.

A obra de História de Araújo pretendeu formar professoras capazes de desenvolver a sua própria formação, enquanto intelectuais, bem como implementar um ensino plural por meio de pesquisas. Os textos dedicados às professoras, as leituras complementares, as notas de rodapé atestam o objetivo da obra e da fala do autor. Dessa forma, pretendia uma professora cuja formação garantisse o desenvolvimento das crianças sergipanas para o bem futuro das mesmas e do Estado. De acordo com Araújo, só quem conhece sua História pode amar e desenvolver seu Estado, bem como suas funções futuras.

Pela leitura dos capítulos é possível afirmar que a escrita da *História de Sergipe*, de Araújo, procura atingir seu objetivo ao narrar o processo histórico a partir do aspecto político-administrativo, inserindo a periodização recorrente, quadripartite e tripartite. O texto estudado pode ser considerado inovador em diversos aspectos, principalmente por incluir textos e temas marginalizados, diminuir lapsos temporais e favorecer novas abordagens pedagógicas, de modo a se diferenciar dos livros didáticos que precederam a referida obra.

Apesar desses aspectos inovadores, o texto de Araújo, ao longo de todos os seus capítulos, norteia a História através de fatos ligados às questões políticas que marcaram o Estado de Sergipe, desde sua conquista até meados do ano de 1969, quando havia o domínio de uma história factual e positiva, que caracterizou a escrita e o ensino de História até os anos oitenta do século XX. Existem silêncios na obra que são entendidos como característicos da escrita histórica predominante na época estudada e presentes na forma de conceber a História daquele período.

Outro aspecto inovador do livro diz respeito a fazer da professora uma autodidata e pesquisadora, a fim de que não desenvolvesse um ensino memorizador, como era característico do período em que a obra foi escrita. O texto sugeria que as aulas de História fossem globais, termo daquela época para denominar aulas e estudos interdisciplinares.

Ao longo da análise podem-se identificar várias contradições entre os objetivos do manual didático produzido e a sua escrita ao longo dos capítulos. Os estudos eruditos precisam ser simplificados e resumidos para atender as necessidades curriculares, de modo que os conteúdos sejam compreendidos pelos discentes, ou seja, que falem a mesma linguagem do público alvo. Entende-se, também, que as críticas ao autor e sua obra, além das

disputas de campo, podem ser vistas dentro do processo de didatização do conhecimento produzido pelos especialistas, no momento em que se objetivava tornar tal conhecimento disponível para o aluno, em forma de livro didático.

As pesquisas realizadas por Fico e Polito (1992, p.27-28) afirmam “[...] que a veiculação de conhecimento especializado em textos didáticos da maioria das áreas de conhecimento ocorre com relativo atraso”, o que pode justificar as ausências encontradas na obra estudada. Muitas variantes permitem assinalar o êxito ou insucesso de uma obra. O fato de não ser sergipano, acrescido do fato de estar há pouco tempo no Estado, tornou-se um ponto negativo à receptividade de todos os didáticos de Acrísio. Considerou-se ainda, nesse contexto, o fato de não ser geógrafo, nem tampouco historiador, sem falar que estava mais próximo da elite política do que dos intelectuais de ofício.

Aos poucos, com a sua ida para Brasília, Acrísio viu os didáticos serem silenciados a partir do final dos anos setenta. Eles foram sendo retirados das escolas públicas e particulares, entendendo-se que este fato deveu-se à falta de contatos com os novos políticos, os quais substituíram os antigos, em decorrência de processos eleitorais nos anos seguintes, bem como às diversas críticas recebidas quando o autor ainda morava em terras sergipanas. Portanto, seus livros, aos poucos, foram perdendo a força e deixaram de circular nas instituições educacionais sergipanas.

Diante do exposto, pode-se considerar o texto *História de Sergipe*, no sentido de que, até aquele período, não havia nenhum manual de História para os estudantes do Pedagógico. O livro foi sim, singular e inovador, na medida em que propôs uma linguagem acessível, incluindo temas históricos constantes em livros didáticos estudados por alunos. Chamou a atenção para as aulas globais, aspecto inovador para o ensino de História de então, caracterizado como memorialista, além de trazer, para o debate daquele momento histórico, a importância do ensino de História de Sergipe nas escolas públicas e particulares, a partir da restauração do referido ensino no interior da Escola Normal. Sobretudo, porque procurou sistematizar também no ensino pedagógico, os conteúdos da História de Sergipe.

Outros aspectos puderam ser levantados sobre impressos escolares a partir de novos questionamentos e, desta forma, pôde-se ampliar esta floresta tropical, como denominado por Robert Darnton (1990), em a *História dos Livros*. É possível concluir, então, que as ideias de História contidas no texto, em grande parte, não apontaram mudanças significativas na forma de escrevê-la. O livro adota a concepção, em suas narrativas, dos autores que serviram de referência. Alguns conteúdos foram atualizados, já que as obras sobre Sergipe estavam limitadas à escrita da História local até a primeira metade do século XX.

O livro de Araújo guarda as representações do período em que foi escrito, o que justificou as críticas severas, por parte dos especialistas em História de Sergipe, dos nativos. As conclusões de Caime (apud FREITAS, 2009) confirmam os resultados deste estudo, quando afirma que, na maioria dos livros de História, foi conservada a periodização Colônia, Império e República, a ênfase na ação política administrativa e nos personagens ilustres, palavras elogiosas às províncias e de alguns de seus homens ilustres.

Traz-se, então, a conclusão de Celestino (2007, p. 59) sobre o livro de Araújo, quando afirma que o esquecimento da obra deveu-se ao “apelo à imaginação, manifesto naquela ocasião, propiciando um ambiente de dúvida quanto ao conteúdo da Pequena História de Sergipe, o que contribui para entender o esquecimento do qual a obra é vítima”. O esquecimento deveu-se à disputa de campo empreendida no período e à transferência de Araújo para Brasília, considerando-se, conforme os documentos consultados, que o contato mantido pelo autor com a elite política local foi o que garantiu a publicação de sua obra, além do prestígio que passou a ter, junto à comunidade, em terras sergipanas, por conta dos vários livros escritos, editados entre os anos sessenta e setenta.

A escrita de Araújo, de acordo com as informações coletadas, pode, de fato, ser considerada sem muito refinamento historiográfico, mas o debate que proporcionou foi significativo para que, nos anos seguintes, surgissem trabalhos relevantes sobre cultura sergipana. Despertou na comunidade a necessidade real de temas sergipanos nas escolas. O livro pode ter sido silenciado, conforme anteriormente demonstrado na afirmação de Celestino (2007), mas, assim como outras obras de Araújo, continuou presente nos livros didáticos que surgiram nos anos posteriores, nas referências bibliográficas e na estrutura das narrativas.

Conclui-se que a consequência do debate possibilitou, nos estudiosos nativos, o desejo de escrever sobre temas sergipanos, transformados, nos anos seguintes, em livros didáticos e não didáticos, favorecendo um melhor conhecimento da realidade regional. Cabe salientar que, apesar das diversas críticas recebidas, as obras de Acrísio Tôrres Araújo, consideradas didáticas ou não, fazem parte das referências bibliográficas presentes nos livros e textos que surgiram posteriormente, pois despertaram a sociedade para a necessidade de estudar e conhecer melhor vários aspectos da cultura sergipana, o que aconteceria nos anos vindouros.

## REFERÊNCIAS

AGUAYO, Alfredo Miguel. **Didática da Escola Nova**. 14. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

ANDRADE, Leila Angélica Oliveira de. **Para formação do bom Sergipano: um estudo do livro didático Meu Sergipe de Elias Montalvão (1916)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2002, 55 f.

ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **Geografia de Sergipe**. 2. ed. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1967.

\_\_\_\_\_. **História de Sergipe: 3º ano primário**. 2. ed. Aracaju: Livraria Regina, 1967.

\_\_\_\_\_. **História de Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1967.

\_\_\_\_\_. **História de Sergipe para o curso normal**. Aracaju: Livraria Regina, 1970.

\_\_\_\_\_. **Aracaju, Minha Terra**. Salvador: Editora do Brasil, 1973.

\_\_\_\_\_. **Geografia de Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1969.

BATISTA, Antônio. um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.). **Leituras, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil: FAPESP, 1999.

BELO, André. **História e Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, São Paulo, set.1992 a ago. 1993, p. 193-221.

BORGES, Vavy Pacheco. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia. **Revista Horizonte**, v. 19, Bragança Paulista, jan./dez. 200.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BRANDÃO, Zaia. **A Crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. São Paulo: Brasiliense: 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Usos escolares do impresso: questões de historiografia. **Cadernos de História e Filosofia da Educação**, v. III, n. 5, São Paulo, FEUSP, p. 155-177.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Usos escolares do impresso: questões de Historiografia. **Cadernos de História e Filosofia da Educação**, v. I, n. 1, São Paulo, Faculdade de Educação, 1993, p. 165-177.

\_\_\_\_\_. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUZA, Cyntia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (org.) **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998, p. 31-34.

\_\_\_\_\_. Usos escolares do impresso: questões de historiografia. **Cadernos de História e Filosofia da Educação**, v. III, n. 5, São Paulo, FEUSP, 2002, p. 155-177.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1988.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural entre prática e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990 a.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1990b.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priore. Brasília: EdUnb, 1999.

\_\_\_\_\_. **Do palco à página**. São paulo: Casa da Palavra, 2002.

CHERVEL, André; COMPÉRE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. **Educação e Pesquisa**, v. 25, n. 2, São Paulo, jul.dez./1999, p. 149-179.

CORREIA, Antônio Wanderley de M. Didáticos de História de Sergipe – 100 anos – uma análise clínica. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, novembro de 1998.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultural e revolução**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História & ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FRAGO, Antônio Vinão; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

FREIRE, Ana Paula Lima. **O livro didático de história e a luta pela terra no Brasil (1980-1999)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2000.

FREIRE, Laudelino. **História de Sergipe**. Aracaju: Tipografia do Estado de Sergipe, 1898.

FREIRE, Ofensia Soares. **A presença feminina em os Luzíadas**. Aracaju: Subsecretaria de Cultura do Estado de Sergipe, 2000.

FREITAG, Bárbara et al.. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920 – 1950)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação / NPGED, 2003.

\_\_\_\_\_. **História regional para a escolarização básica no Brasil:** o livro didático em questão (2006/2009). São Cristóvão: UFS, 2009.

FREITAS, Itamar. **A escrita da História na 'casa de Sergipe'.** São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Livro Didático de História de Sergipe.** Gazeta de Sergipe. Aracaju, 29/30 jan. 2002.

\_\_\_\_\_. A “guerra” das propedêuticas e o “terremoto de Lisboa”. **A Semana em Foco**, p. 6B-6B, Aracaju, 01 de fevereiro de 2004.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944 – 1952):** Intelectuais, Estado e Educação. Campinas: UNICAMP, 1995.

GATTI, Décio. **Livros didáticos, saberes disciplinares e cultura escolar:** primeiras aproximações. *História da Educação*, n; 2, p. 29-50, Pelotas, set. 1997.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira. **Pés de anjo e letreiros de néon:** ginásianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão: Editora UFS, 2002.

HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. **Missionários do Progresso.** Médicos, Engenheiros e Educadores no Rio de Janeiro (1870-1937). Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, Campinas. Autores Associados, jan./ jun. 2001, p. 10-11.

LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e memória.** Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 535-553.

LOPES, Eliane Maria Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

\_\_\_\_\_. **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, Eliane Maria Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

MCKENZIE, Don F. **Bibliography and the sociology of texts.** London: The British Library, 1986.

MARTINS, Maria do Carmo. 2003. As Humanidades em Debate. In: OLIVEIRA, Marcus Aurelio Tabora; RANZI, Maria Fischer (orgs.). **História das disciplinas escolares no Brasil:** contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUS, 2003, p. 145.

- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MONTALVÃO, Elias. **Meu Sergipe**: ensino de História e Corografia. Aracaju: Tipografia Comercial, 1916.
- MOURA, Maria do Nascimento Silva. **Livro didático**- concepções e critérios de escolha e uso. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1997.
- MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997, 218 f.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho. **A escola americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, 2004.
- NASCIMENTO, Jorge C. do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação / NPGED, 2003.
- NILDECOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- NOSELLA, Maria de Lourdes. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Cortez e Moraes. 1979.
- NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000.
- NUNES, Maria Thetis. A margem de Sergipe e o Brasil do professor Acrísio Tôrres Araújo. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 18 de maio de 1973, p. 2.
- SANTOS, Vera Maria dos. **A geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe**: do século XIX ao século XX. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005.
- SILVA, Marcos A. da (org.). **Representando a História**. São Paulo: Marco Zero. 1984.
- SOUZA, Rosa Fátima. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinicius da (org.). **Ideário e imagens da educação escolar**. Campinas: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000, p. 3-27.
- VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VELHO SOBRINHO, João Francisco. **Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1937.



VIANA, Antônio Carlos et al. **Da palavra ao texto: roteiro de redação**. Aracaju: Edição dos Autores, 1994.

VILLATA, Luiz Carlos. O livro didático de história do Brasil: perspectivas de abordagens. **Revista de Pós-graduação em História**, n. 9, São Paulo, 2001, p. 39-59.

WARDE, Mirian. **O papel da Pesquisa na Pós-graduação em Educação**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1990.

## **OUTRAS FONTES CONSULTADAS**

**CARTA**. Comunicação pessoal de Acrísio Tôrres Araújo, datada de, 06/ 12/ 2004.

## **ENTREVISTAS CONCEDIDAS AO AUTOR DA PESQUISA POR:**

- Acrísio Tôrres Araújo, em 22/ 09/ 2004.
- Ibarê Dantas, em 24 de setembro de 2004.
- Maria Ângela Siqueira Dias, em 12 de novembro de 2004.
- Maria da Conceição Siqueira Dias, em 12 de novembro de 2004.
- Marize Dias Freitas, em 30 de outubro de 2004.
- Marinuce Alves de Menezes, em 20 de setembro de 2004.
- Maria Helena de Matos Brito Nunes, em 26 de outubro de 2004.
- Êda Maria Santos, em 24 de outubro de 2004.

## **JORNAIS**

A CRUZADA. Aracaju, 22 de janeiro de 1966.

A VOZ DE LAGARTO. Lagarto, 24 de setembro de 196, p. 6.

DIÁRIO DE ARACAJU, Aracaju, 8 de março de 1966, p. 7.

GAZETA DE SERGIPE. Aracaju, novembro de 1998.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 22 de maio de 1973, p. 2.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 18 de maio de 1973, p. 2.

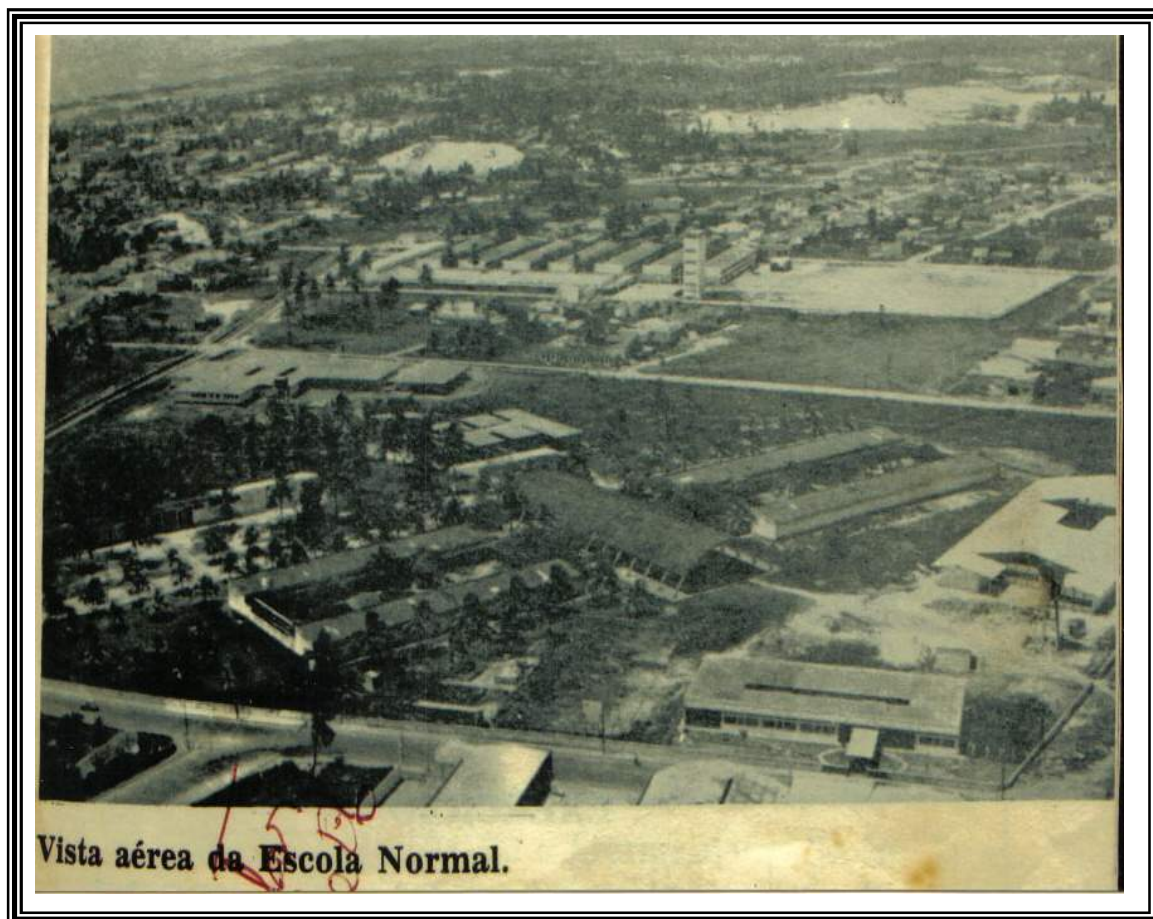
## **DOCUMENTOS**

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Ata 129ª da Sessão Plenária, Aracaju, 1967.

# ANEXOS

**Anexo A** – Foto do Instituto de Educação Rui Barbosa

A instituição está localizada no centro da fotografia. É um retângulo cortado ao meio pelo ginásio de esporte da escola. Ao fundo, observa-se a Escola Estadual John Kennedy, no canto superior esquerdo, a rua do Estudante e, no canto inferior direito pode ser observado o prédio da DEA, na rua Laranjeiras.



Fonte: Acervo do IHGS.

Anexo B- Folha de comparecimento do Professor Acrísio Tôres e o conteúdo de História de Sergipe. Diário da Turma 2º D, Tarde, 1971.

The image shows two pages of a handwritten attendance sheet. The top page is for the month of March (MÊS DE MARÇO) and the bottom page is for April (MÊS DE ABRIL). Both pages are titled "FOLHA DE COMPARECIMENTO" and are for Professor Acrísio Tôres. The columns are labeled "DIAS DOS MÊSES" (Days of the Month), "MÊS DE MARÇO / MÊS DE ABRIL", and "OBSERVAÇÕES" (Observations). The observations include dates of lectures and specific topics like "História de Sergipe" and "História do Brasil".

FOLHA DE COMPARECIMENTO		DO
Prof. Acrísio Tôres Tôres, na cadeira de Hist. de Sergipe		
DIAS DOS MÊSES	MÊS DE MARÇO	OBSERVAÇÕES
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		
28		
29		
30		
31		

FOLHA DE COMPARECIMENTO		DO
Prof. Acrísio Tôres Tôres, na cadeira de Hist. de Sergipe		
DIAS DOS MÊSES	MÊS DE ABRIL	OBSERVAÇÕES
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		
28		
29		
30		
31		

Fonte: Acervo do Arquivo da Escola Normal.

**Anexo C-** Capa do Diário de Classe da Disciplina História de Sergipe, ministrada pelo professor Acrísio Tôrres Araújo, em 1971.

The image shows the cover of a classroom diary. It is a yellowish, aged piece of paper with a black rectangular border. Inside the border, the text is as follows:

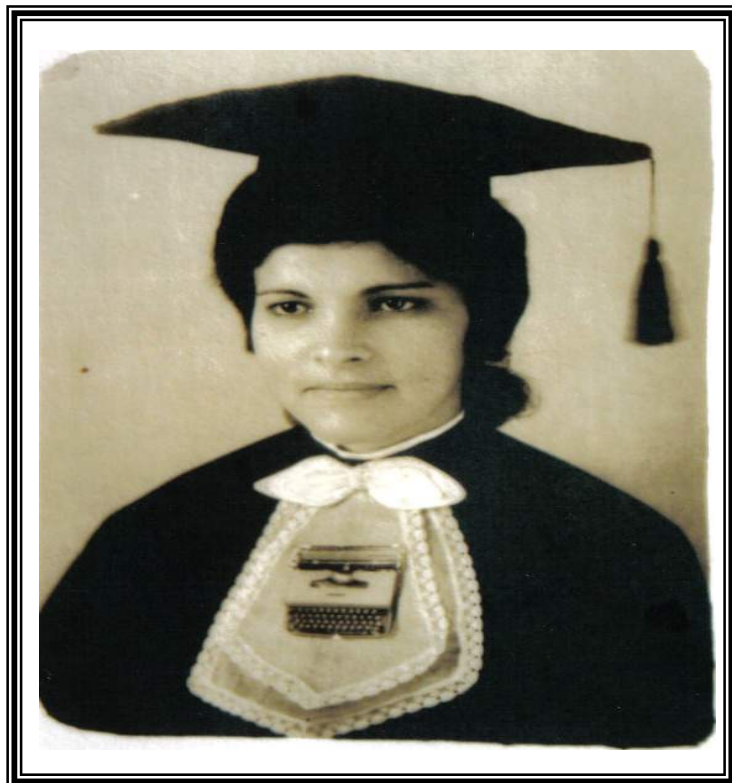
**Instituto de Educação "Rui Barbosa"**  
**CURSO** *Pedagógicas*  
**CADERNETA DE AULAS DE**  
*História*  
**2º SÉRIE** *D* **TURMA** *Tarde*  
**PROF.**

Below the border, there are handwritten notes in black ink:

*gas 3 ago 21 5 as*  
*16 17 hs 14*

**Fonte:** Acervo do Arquivo da Escola Normal.

**Anexo D-** Fotos das ex-alunas do ano de 1971.

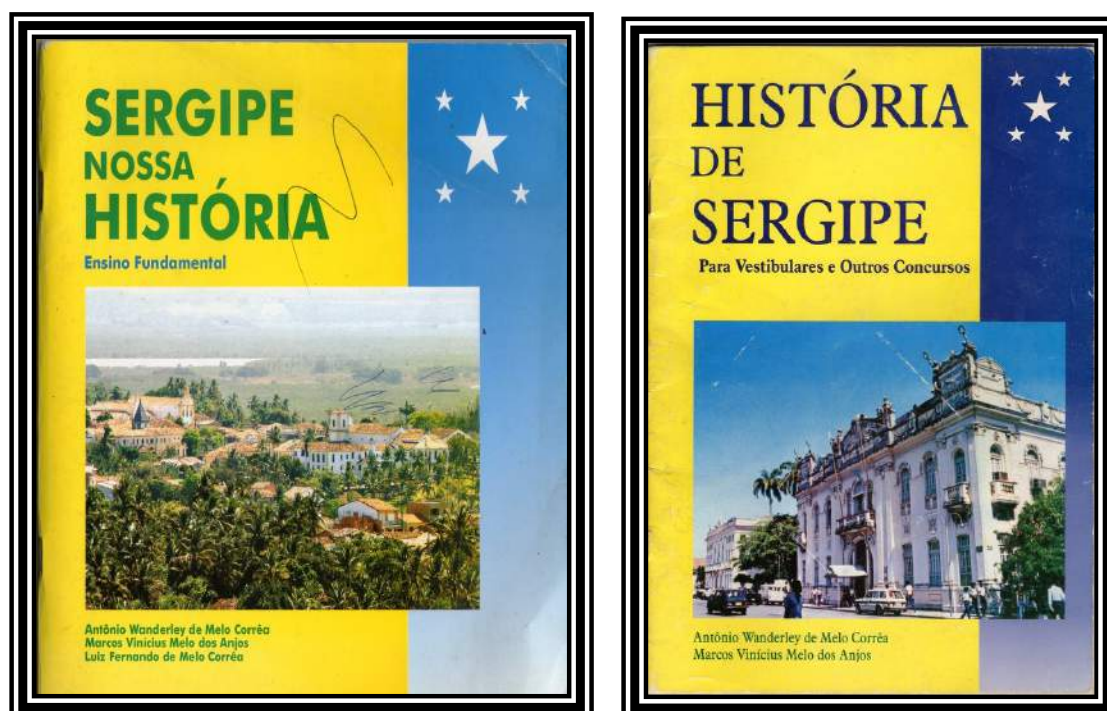


**Fonte:** Acervo da ex-aluna Maria Helena de Matos Brito Nunes.



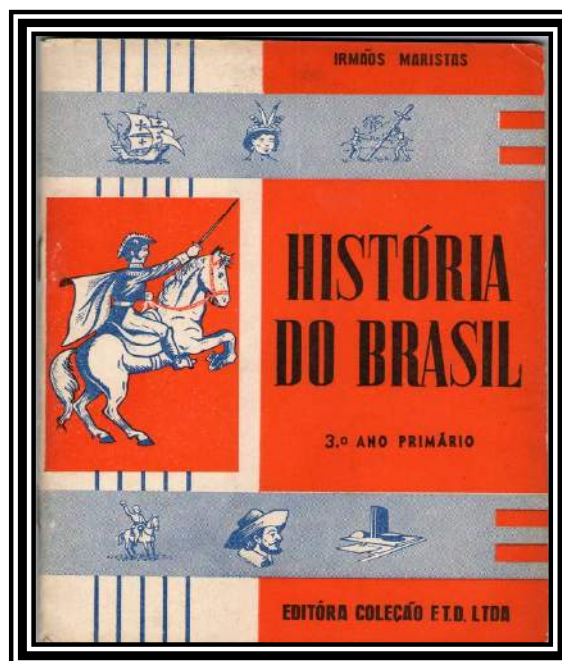
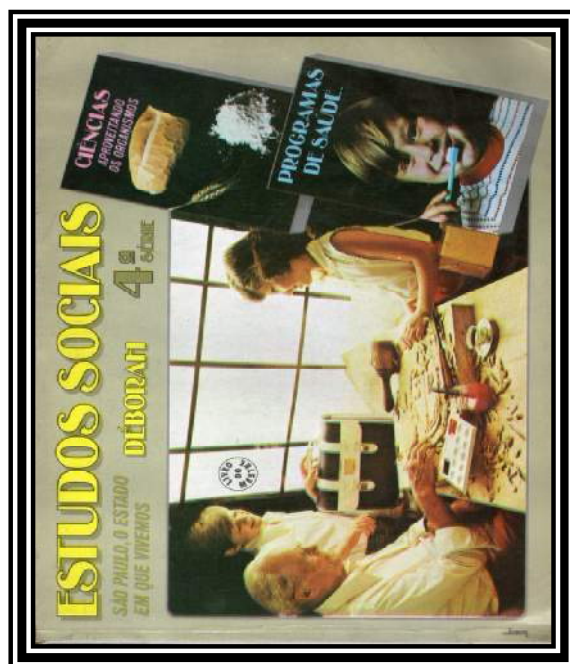
**Fonte:** Acervo particular da aluna Iara.

**Anexo E-** Capas de livros que foram editados quando Araújo já não se encontrava em Aracaju. Nesses livros são citados alguns textos produzidos por Araújo (Adelci Figueiredo, Diana Diniz Filizola e Antônio Vanderley de Melo).



**Fonte:** Acervo particular do Autor.

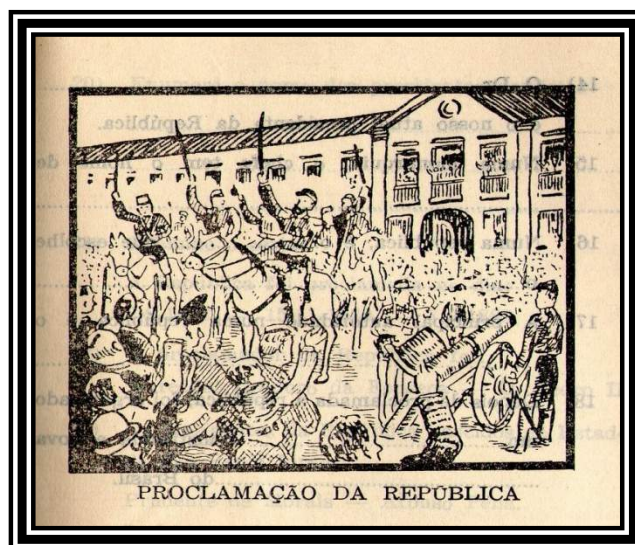
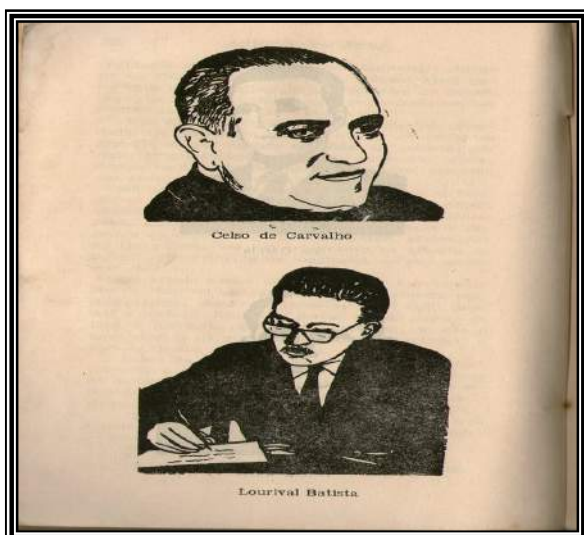
**Anexo F-** Capas de livros que circularam em outras capitais no mesmo período em que circularam as obras do autor. Nos conteúdos desses textos podem ser encontradas algumas representações semelhantes às vinculadas às obras de Araújo.



**Fonte:** Acervo particular pertencente ao pesquisador.



**Anexo G-** Páginas retiradas do livro História de Sergipe para a terceira série primária. Nas imagens pode-se observar as representações de história vinculadas nas obras do Acrísio Tôrres. A valorização de figuras ilustres, fatos considerados significativos como modelador da sociedade e a valorização dos documentos escritos, oficiais, considerados fonte verossímil dos acontecimentos históricos.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.